

MESTRADO
LINGUÍSTICA

Sobre a Semântica de Adjetivos Adverbiais Modais

Inês Cantante Cordeiro da Costa Ferreira

M

2018



Inês Cantante Cordeiro da Costa Ferreira

Sobre a Semântica de Adjetivos Adverbiais Modais

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Maria de Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

dezembro de 2018

Sobre a Semântica de Adjetivos Adverbiais Modais

Inês Cantante Cordeiro da Costa Ferreira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Maria de Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira

Membros do Júri

Professora Doutora Ana Maria Barros de Brito
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor António José Rodrigues Leal
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores

A persistência é o caminho do êxito (Charles Chaplin).

Sumário

Declaração de honra	10
Agradecimentos	11
Resumo	12
Abstract.....	13
Índice de ilustrações	14
Índice de tabelas (ou de quadros)	15
Introdução.....	16
Capítulo 1 – Adjetivos.....	19
1.1. Posição dos Adjetivos (Cunha e Cintra, 1984).....	22
1.2. Classes de Adjetivos (Veloso, 2013)	24
1.2.1. Adjetivos Denotativos	25
1.2.2. Adjetivos Avaliativos.....	29
1.2.3. Adjetivos Intensionais	29
1.2.4. Adjetivos Adverbiais.....	30
1.3. Demonte (1999) e a classe dos adjetivos adverbiais.....	30
1.3. Leituras possíveis na interpretação dos adjetivos	32
1.4. Outras classificações de Adjetivos.....	37
1.4.1. Adjetivos Fortes e Adjetivos Fracos (van Linden, 2012).....	37
1.4.2. Adjetivos Graduáveis e Noções Escalares (Kennedy & Levin, 2008).....	38
1.5. Síntese.....	42
Capítulo 2. – Modalidade	45
2.1. Expressão da modalidade – que mecanismos?	48

2.2. Categorias básicas da modalidade (Oliveira e Mendes, 2013):	48
2.2.1. Modalidade Epistémica	49
2.2.2. Modalidade Deôntica	50
2.2.3. Modalidade Interna aos Participantes	51
2.2.4. Modalidade Externa aos Participantes	52
2.2.5. Modalidade Desiderativa.....	53
2.2.6. Casos Especiais (Ambiguidades)	53
2.3. Outras classificações de modalidade:	55
2.3.1. Palmer (1986, 2001).....	55
2.3.2. Kratzer (1981, 2012)	56
2.3.3. Narrog (2005; 2012).....	57
2.3.4. Van der Auwera e Plungian (1998).....	59
2.3.5. Van Linden (2012)	60
2.4. Síntese	63
Capítulo 3. – Para uma caracterização semântica dos adjetivos adverbiais modais.....	65
3.1. Adjetivos modais e a posição que ocupam na frase.....	65
3.1.1. Adjetivos modais em posição atributiva	66
3.1.2. Adjetivos modais em posição predicativa.....	69
3.2. Adjetivos modais e a negação.....	70
3.2.1. Reflexões acerca da negação.....	70
3.2.2. Mecanismos de negação dos adjetivos modais	73
3.2.3. A negação negada: construir a negação de adjetivos modais negativos	79
3.3. Adjetivos modais e escalaridade	83
3.3.1. Construções com <i>muito</i> e <i>pouco</i>	86

3.3.2. Construções com advérbios de totalidade e parcialidade.....	97
3.3.3. Construções com advérbios que transmitem a ideia de parcialidade/incompletude: <i>Praticamente</i> e <i>Quase</i>	107
3.3.4. Uma proposta de análise	121
3.4. Síntese.....	126
Conclusão (ou Considerações finais)	132
Referências bibliográficas	148
Anexos.....	152

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, dezembro de 2018]

[Inês Cantante Cordeiro da Costa Ferreira]

Agradecimentos

A gratidão é a memória do coração. (Antístenes)

Agradeço a todos os que, de uma forma ou de outra, contribuíram para o culminar desta fase da minha vida, e para o atingir da tarefa a que me propus – trabalhosa, mas muito recompensante. Chega ao fim um ciclo de estudos que melhorou muito os meus conhecimentos, não só a nível académico, como pessoal, trazendo-me novas rotinas, novos contactos, novas amigas, novas oportunidades. Agradeço, por isso, à instituição que o tornou possível, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ao fornecer o contacto com os docentes, os locais, o ambiente, as pessoas, os materiais e, acima de tudo, o conhecimento, a cultura e, simultaneamente, a vontade de cultivá-los.

Para a minha orientadora, Professora Doutora Fátima Oliveira, todas as palavras que escreva serão insuficientes para agradecer a ajuda e a disponibilidade constantes. Sempre amável, de sorriso nos lábios, guiou-me ao longo de todos os problemas com que nos deparamos, incentivou-me nas fases menos fáceis e acompanhou-me ao longo de um ano em que a investigação pôs à prova a minha capacidade de adaptação.

Aos meus pais, deixo o reconhecimento do valor daquilo que me ensinaram, da coragem que me inspiraram, para seguir a minha vocação, e, acima de tudo, a gratidão eterna pelo acesso a este mundo académico nas melhores condições, num esforço que não devia ser o deles e que me permitiu chegar até aqui.

Ao meu namorado, com palavras que só o coração pode dizer, agradeço o encorajamento, que me fez querer avançar, o apoio, que me suportou em todos os segundos, a paciência, que me curou em todos os momentos maus e, principalmente, o amor, que me fez avançar, a cada dia, com a determinação e a segurança de saber que, onde estivesses, estavas comigo.

Às minhas irmãs, deixo o agradecimento pela companhia nas estadias no Porto, por cuidarem de mim, por me ensinarem a enfrentar os dias com boa disposição e a compreender que, longe ou perto, a ligação que nos une, é para a vida.

De coração cheio, deixo a todos um obrigada muito especial.

Resumo

O estudo semântico dos adjetivos tem sido recentemente objeto de vários trabalhos e propostas de análise, embora não haja, ainda, consenso entre os semanticistas sobre o que caracteriza e como se organizam os adjetivos. Embora pareça haver algum consenso na divisão entre adjetivos qualificativos e relacionais, os adjetivos adverbiais (na designação de Demonte, 1999) têm sido muito menos objeto de estudo, em particular os adjetivos modais do tipo de *possível*, *necessário* e outros, quer em Português, quer noutras línguas.

Dessa forma, esta dissertação tem como objetivo estudar esta subclasse de adjetivos, numa tentativa de os descrever, do ponto de vista semântico. Para isso, foram considerados os seguintes aspetos que, de alguma forma, podem contribuir para a compreensão dos adjetivos em análise: a posição do adjetivo relativamente ao nome; aspetos da relação destes adjetivos com a negação; e, por fim, em que medida estes adjetivos estão ou não organizados numa escala.

O critério usado para a seleção dos adjetivos estudados foi o tipo de modalidade, tendo-se selecionado, pelo menos, um adjetivo representativo de cada uma das cinco categorias de modalidade propostas por Oliveira e Mendes (2013) – epistémica, deôntica, interna ao participante, externa ao participante e desiderativa. O estudo destes adjetivos fez-se com base num *corpus* constituído a partir de dados recolhidos em corpora e noutros sítios da Internet.

O trabalho em causa permitiu concluir que os adjetivos modais não têm um comportamento homogéneo perante os parâmetros selecionados, o que revela a necessidade de continuação do estudo deste tema.

Palavras-chave: Adjetivos; Escalaridade; Modalidade; Negação; Posição.

Abstract

Adjectives are a well-studied topic in Semantics. However, even after several studies, both the definition and classification of adjectives are still being discussed among the semanticists. Despite the lack of consensus, the division between qualificative and relational adjectives seems to be generally well-accepted. Still, some adjectives, which do not fit in one of these two classes, remain little studied. Recognizing this gap in the literature on adjectives, this work focuses, mainly, the study of another type of adjectives, designated by Demonte (1999) - the modal adverbial adjectives, that essentially describe how a concept applies to a name.

Thus, this thesis aims to present an initial study about this subclass of adjectives, in an attempt to describe them, from a semantic point of view. For this, three parameters were selected, with the objective of evaluating the modal adjectives' behavior in their presence: the position of the adjective when combined with a name, which, despite being a criterion more over the syntactic scope, proved to be a relevant parameter, since it can cause changes of meaning; the strategies used to convey negative sentences; and, finally, the presence of elements that may reveal the scalar character of these adjectives (quantifiers and totality or partiality adverbs).

The studied adjectives were selected because of the type of modality they represent. I tried to collect, at least, one adjective representative of each of the five categories that Oliveira (2013) has proposed for modality – epistemic, deontic, internal to the participant, external to the participant and desiderative. However, the needs of this work led to the withdrawal of the adjective selected to represent the internal modality (*capable*), so that I could raise the number of adjectives of other types of modality (deontic and epistemic), allowing a comparative and more detailed analysis of these classes.

Keywords: Adjectives; Modality; Position; Negation; Scalarity.

Índice de ilustrações

Figura 1: Tipologia Modal de Kratzer (1981)	57
Figura 2: Mapa Semântico da Modalidade (Van der Auwera e Plungian, 1998:98).....	60
Figura 3: Visão geral do domínio modal e das suas categorias conceptuais (retirado de Van Linden, 2012: 26).....	62
Figura 4 Escala de Horn (1989) adaptada ao PE – Operadores na forma afirmativa...	85
Figura 5: Escala de Horn (1989) adaptada ao PE – Operadores na forma negativa.....	85

Índice de tabelas (ou de quadros)

Tabela 1: Adjetivos Graduáveis e Não Graduáveis.....	37
Tabela 2: Comportamento das formas afirmativas dos adjetivos, no que diz respeito à escalaridade.....	123
Tabela 3: Comportamento das formas negativas dos adjetivos, no que diz respeito à escalaridade.....	123
Tabela 4: Comportamento dos adjetivos deônticos, no que diz respeito à escalaridade.....	124

Anexos

Tabela 1: Negação em posição atributiva.....	147
Tabela 2: Negação em posição predicativa.....	147
Tabela 3: Combinação com quantificadores, em posição atributiva.....	148
Tabela 4: Combinação com quantificadores, em posição predicativa.....	148
Tabela 5: Combinação com o advérbio “Completamente”.....	149
Tabela 6: Combinação com o advérbio “Totalmente”.....	149
Tabela 7: Combinação com o advérbio “Praticamente”.....	150
Tabela 8: Combinação com o advérbio “Quase”.....	150

Introdução

Objeto de vários trabalhos, os adjetivos têm sido consensualmente divididos em qualificativos e relacionais, divergindo, no entanto, as restantes classes possíveis. Segundo a proposta de Demonte (1999), além de aceitar as classes acima mencionadas, acrescenta outras, das quais destacamos a classes dos adjetivos adverbiais, nos quais inclui, ainda, os adjetivos modais. De facto, havendo já trabalhos, no âmbito da língua portuguesa, que se centram noutros subtipos de adjetivos adverbiais, mais precisamente, os aspetuais e temporais (Ferreira, 2013), é de salientar a falta de estudos de outros subtipos, nomeadamente, os adjetivos modais. Embora estes adjetivos já tenham sido objeto de estudo no Português do Brasil, os adjetivos analisados são de um subtipo diferente daquele que é objeto do presente estudo, já que Moreira (2014; 2015) analisa os adjetivos modais em *-vel*, cujo significado responde ao critério “que se pode x”.

Assim, o objetivo do nosso trabalho consiste em analisar um conjunto de adjetivos modais no sentido de investigar as principais características e propriedades que podem contribuir para a sua definição, assim como para compreender a sua semântica, tendo em conta uma classificação de adjetivos como a de Demonte (1999). O objeto de análise é constituído por um conjunto de onze adjetivos modais: *possível*, *provável*, *necessário*, *desejável* (e os correspondentes negativos, isto é, *impossível*, *improvável*, *desnecessário* e *indesejável*), e, ainda, no domínio dos deontios, pelos adjetivos *obrigatório*, *proibido*, *permitido*¹ e os dados foram recolhidos no CetemPúblico, sempre que possível. Contudo, como esta base de dados se encontra datada, certas combinações em análise não apresentaram quaisquer resultados e, apenas nesses casos, recorreremos a pesquisas complementares na plataforma Google, selecionando, depois, os exemplos adequados,

¹ Faço notar que, embora *possível*, *provável* e *desejável* sejam adjetivos terminados em *-vel*, as interpretações e aceções destes adjetivos no meu trabalho não se assemelham às construções estudadas por Moreira (2014), que perspetivava estes adjetivos como tendo uma interpretação do tipo “que se pode x”. Note-se a incompatibilidade de *possível* com esta aceção, já que não faz sentido referir este adjetivo como tendo a interpretação de que *se pode poder*. Por outro lado, *provável* e *desejável* permitem aceções do tipo “que se pode provar” e “que se pode desejar”, mas não são as utilizadas neste trabalho. De facto, o sentido modal de *provável* refere-se à probabilidade de ocorrência de determinado acontecimento e o sentido modal de *desejável* refere-se ao grau de desejabilidade de um determinado acontecimento.

tentando retirá-los, sempre que possível, de *sites* de jornais ou revistas, para tentar manter uma uniformidade de tipo de texto.

A presente investigação pretende encontrar resposta para as seguintes questões:

1. Como se podem caracterizar adjetivos adverbiais modais do tipo de *possível*, *necessário* e outros?
2. Em que condições estes adjetivos, em posição atributiva, podem ou não mudar a sua posição relativamente ao Nome, e por que razão nem todos aceitam essa alteração?
3. Qual a relação destes adjetivos modais com a negação?
4. Será que estes adjetivos, ou uma parte deles, estão organizados em escala e, se sim, que tipo de escala, aberta ou fechada?
5. Qual é o efeito da combinação de alguns quantificadores e certos advérbios na determinação da posição destes adjetivos numa possível escala?

Torna-se, assim, importante que, num primeiro momento, se clarifiquem os conceitos subjacentes a esta classe de adjetivos e, por essa razão, o trabalho de investigação levado a cabo tem, obrigatoriamente, que incluir uma análise da literatura nas áreas da modalidade e dos adjetivos. Considerar os adjetivos modais só faz sentido numa perspetiva que inclua a análise dos diversos valores modais, o que foi feito seguindo a classificação de Oliveira e Mendes (2013), que organiza as diversas classes de forma estruturada e especificamente voltada para a língua portuguesa, com base numa tipologia proposta por van der Auwera & Plungian (1998), não deixando de se fazer, também, uma breve revisão de outras tipologias existentes na literatura consultada.

Por outro lado, é de assinalar a complexidade de estudar o adjetivo, do ponto de vista semântico, pois são variadíssimas as possibilidades de classificação. De um modo geral, pode afirmar-se que a divisão mais generalizada dos adjetivos é a que separa os qualificativos dos relacionais. Divisão já presente nos trabalhos de Cunha e Cintra (1984), parece consensual nos diversos autores lidos, entre eles destacamos Bosque (1993) e Demonte (1999), por melhor explicitarem esta relação.

Consensual é, também, a noção de que os adjetivos atribuem propriedades aos

nomes. Todavia, Demonte (1999) salienta a insuficiência desta definição, verificando que o que alguns adjetivos fazem é descrever a forma como um determinado conceito ou propriedade se aplica a um nome, validando, assim, a necessidade da categoria dos adjetivos adverbiais. Desta forma, a presente investigação analisa, de um ponto de vista semântico, a forma como os valores modais são veiculados através de adjetivos e, por outro lado, de que forma estes adjetivos se comportam consoante diversos parâmetros, como a posição em relação ao nome ou a presença de quantificadores.

Este trabalho é constituído por três grandes capítulos, cada um deles subdividindo-se de acordo com as necessidades explicativas e de análise. Assim, num primeiro momento, faz-se a apresentação do adjetivo enquanto classe gramatical (capítulo 1), discutindo-se a complexidade do tema e apresentando-se, simultaneamente, diferentes perspetivas existentes (secção 1.3.). Como se utiliza, ao longo da investigação, a classificação de Demonte (1999), reserva-se espaço para a apresentação desta proposta, de uma forma mais detalhada (secção 1.2.). Por fim, apresentam-se classificações alternativas que considero necessárias à total compreensão dos dados e da sua análise (secção 1.4.). De seguida, discute-se a questão da modalidade (capítulo 2) e da sua expressão (secção 2.1.), apresentando-se, com mais pormenor, a proposta de Oliveira e Mendes (2013), adotada neste trabalho (secção 2.2.). Por fim, são discutidas outras propostas, algumas delas mais recentes (Van Linden, 2012), que permitem dar um panorama atualizado da modalidade (secção 2.3.). No terceiro e último capítulo, são apresentados os dados e analisados segundo diversos parâmetros; em primeiro lugar, o da posição (secção 3.1.), que pode ser atributiva ou predicativa. Por outro lado, analisa-se o comportamento destes adjetivos com a negação (secção 3.2.) e, por último, no sentido de verificar se são adjetivos sujeitos a escalas, observa-se de que forma se comportam quando combinados com elementos que transmitem uma ideia de escalaridade, isto é, na combinação com os quantificadores *muito* e *pouco* (secção 3.3.1.) e com advérbios, tanto os que transmitem a ideia de totalidade (secção 3.3.2.), como de parcialidade (secção 3.3.3.).

Capítulo 1 – Adjetivos

Demonte (1999) verifica, ao fazer o contraste entre adjetivos e nomes, que os segundos caracterizam-se porque “definen o condensan un conjunto de condiciones necesarias y suficientes para identificar un individuo, o mejor, una clase de individuos” (Demonte, 1999: 134). Por sua vez, os adjetivos, como a mesma autora afirma, são “términos generales y por ello pueden aplicarse a múltiples objetos” (Demonte, 1999: 134), geralmente para lhes conferir um atributo ou uma característica específica.

Além disso, segundo a análise de Demonte (1999), os adjetivos são graduáveis e medíveis, podendo, portanto, “ser modificados por adverbios que indican el grado o la extensión de la propiedad expresada por el adjetivo”; por seu turno, “los sustantivos no son graduables”, mas podem vir acompanhados, em casos excepcionais, de advérbios que indicam grau, mas, nesse caso, “es precisamente porque el nombre designa en esos casos la propiedad esencial o estereotípica de la entidad que se mienta” (Demonte, 1999: 135).

Com efeito, na sua base, os adjetivos são definidos como uma categoria gramatical, cuja principal característica é fornecer atributos ao nome com o qual se combina ou, também, modifica-los (cf. Demonte, 1999).² Enquanto modificadores do nome, os adjetivos “combinam-se diretamente com ele e formam um grupo nominal cujo núcleo é o nome modificado”, que “passa, então, a denotar classes de entidades com as características representadas não só pelo sentido do nome, mas também pelo sentido do adjetivo” (Velo, 2013: 1359). Nesta função, os adjetivos são também designados de adjetivos atributivos e podem aparecer tanto à direita (pospostos) como à esquerda (antepostos) do nome com o qual se combinam. Segundo Brito (2003: 378), “estas duas posições estão ligadas a diferentes interpretações”, já que a posição posposta induz, tipicamente, uma leitura de “valor restritivo, especificador, predicativo”. Dessa forma, a posição anteposta, além de não ser possível em todos os adjetivos, tem uma leitura não-restritiva, isto é, têm uma “interpretação não inerente e por isso mesmo associada a

² Na realidade, recorrendo ao Dicionário Houaiss (2011: 62), pode definir-se um adjetivo como uma “palavra de natureza nominal que se junta ao substantivo para modificar o seu significado, acrescentando-lhe noções de qualidade, natureza, estado, etc.”, ou seja, é classificado como um modificador do substantivo.

conotação ou a sentido ‘figurado’” (Brito, 2003: 379).³ Por outro lado, Veloso (2013) nota, ainda, que existem “predicações cujo elemento semântico central (i.e., cujo predicador) é um adjetivo” (Veloso, 2013: 1361), o que comprova que os adjetivos também podem ter função predicativa.

A classe dos adjetivos caracteriza-se, igualmente, por se tratar de uma classe de palavras aberta, já que, ao atuar sobre entidades (nomes), “existe um potencial imenso de propriedades com que podemos caracterizá-las, o que torna a classe dos adjetivos muito vasta” (Veloso, 2013: 1362). Ainda assim, a mesma autora considera essencial a separação em duas subclasses semânticas centrais – a dos qualificativos e a dos relacionais –, separação que, como já se disse, parece consensual, como se verificará de seguida.

Precisamente por se tratar de uma classe de palavras tão ampla, os adjetivos não são uma categoria uniforme, o que causa, muitas vezes, dificuldades em conseguir uma definição e classificação consensuais.⁴ De facto, foram já vários os autores que se debruçaram sobre esta temática, entre os quais Huddleston (1984), Demonte (1999), mas também, para o Português, Cunha e Cintra (1984) e Ferreira (2013), Brito (2003) e Veloso (2013). Parece-nos, com efeito, que a proposta do Dicionário Houaiss (2011) para a subdivisão classificatória dos adjetivos poderá ter origem na proposta de Cunha e Cintra (1984), uma vez que estes autores definem, de forma breve, o adjetivo como um “modificador do nome”, que “só existe referido a um substantivo” (Cunha e Cintra, 1984: 263), podendo servir dois propósitos – ou a caracterização (**qualificativos**) de seres, objetos ou noções nomeadas pelo substantivo, ou o estabelecimento de uma relação (**relacionais**) com o substantivo, que poderia ser de tempo, matéria, finalidade, propriedade ou procedência. Também Brito (2003) adota esta divisão, assumindo que os qualificativos/modificadores “exprimem qualidades, estados, modos de ser de entidades

³ Vejam-se os exemplos dados por Brito (2003), para ilustrar esta situação:

- (i) O meu amigo **velho** acabou de sair (=idoso).
- (ii) O meu **velho** amigo acabou de sair (=antigo, não necessariamente idoso).

⁴ Assim, tendo em conta o mesmo dicionário, os adjetivos podem ser subdivididos em biformes (distinção entre forma feminina e masculina) e uniformes (não tem variação morfológica), compostos, de relação ou qualificativos (cf. Cunha e Cintra), explicativos (qualidade inerente do substantivo que é modificado), gentílicos, pátrios e verbais (provêm de participios passados ou presentes, ou, ainda, de um gerúndio).

denotadas pelos nomes”, e que os relacionais “representam argumentos dos nomes com os quais são combinados e que por isso recebem relações temáticas diversificadas” (Brito, 2003: 376). Também para Cunha e Cintra (1984), “os adjetivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível” (Cunha e Cintra, 1984: 247-248). Estes autores subdividiram, ainda, os adjetivos relacionais em argumentais, temáticos ou classificadores. Note-se que também Bosque (1993) aceita esta divisão, atribuindo à classe dos relacionais duas subclasses, nomeadamente a dos classificativos e dos argumentais. De facto, Bosque (1993) enfatiza a diferença entre estas subclasses, notando que os adjetivos relacionais “denotan unas veces las clases en que inscribimos las entidades individuales, mientras que otras veces hacen referencia a esas mismas entidades en tanto que argumentos de algún predicado” (Bosque, 1993: 8-9).

Em síntese, utilizando critérios como a posição dos adjetivos (anteposta ou posposta ao nome que modificam) e a aceitação ou não de modificadores, Cunha e Cintra (1984; 2003), subdividem esta categoria gramatical em adjetivos qualificativos e relacionais, distanciando-se de Huddleston (1984), cuja divisão era bastante mais simplificada, isto é, apenas os divide entre adjetivos centrais e não centrais (cf. Ferreira, 2013). Refira-se, ainda, que Brito (2003) reconhece a existência de outras classes de adjetivos, como os modificadores do significado ou intensão dos nomes, os adjetivos negativos e conjeturais, os modais e, ainda, os adjetivos temporo-aspetuais (cf. Brito, 2003: 376-378).

Estas propostas, no entanto, parecem, ainda insuficientes, uma vez que determinados autores, como Bosque (1993), consideram que os adjetivos classificadores poderiam, em certos casos, comportar-se como qualificativos, revelando esta dificuldade de classificação a pouca consensualidade da temática dos adjetivos, ainda hoje em investigação. Todavia, e apesar da variada terminologia existente e do grande número de classificações diferentes para a categoria dos adjetivos, parece ser de aceitação geral a conceção dos adjetivos como atributos ou modificadores do nome, como o reconhece Ferreira (2013), ao referir que “atualmente, a definição que subsiste é a de modificador

do nome, embora, por vezes, a noção de modificador não esteja bem explicitada, pois ora é utilizada como modificador sintático ou adjunto ora como modificador semântico” (Ferreira, 2013: 6). Chama-se a atenção para o facto de que “o adjectivo é uma classe de palavras de natureza gregária, no sentido em que tem de estar associado a um Nome ou a um Verbo” (Rio Torto, 2006: 104), uma vez que “por medio de los adjectivos se adscribe a esos objetos una propiedad o un conjunto de propiedades” (Demonte, 1999: 134). Esta última autora enfatiza, assim, a função modificadora do adjectivo que “adscribe propiedades cuya especificación sirve para definir o delinear com mayor precisión a la entidad mentada” (Demonte, 1999: 134).

1.1. Posição dos Adjetivos (Cunha e Cintra, 1984)

Cunha e Cintra (1984) salientam que o uso dos adjectivos num enunciado pode servir para atingir dois fins essenciais – ou o autor pretende que o enunciado se torne mais preciso, utilizando, assim, os adjectivos para restringir o significado do nome que modificam; ou o autor pretende dar maior expressividade ao enunciado que produz (Cunha e Cintra, 1984: 268). Esta diferença de usos reside, fundamentalmente, na posição que os adjectivos ocupam, na relação com o nome que modificam, uma vez que, quando pospostos ao nome (ordem direta), têm valor objectivo, pois “sendo a sequência SUBSTANTIVO+ADJECTIVO a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjectivo posposto possui valor objectivo” (Cunha e Cintra, 1984: 268), adotando, todavia, um valor de subjectividade quando antepostos ao nome (ordem inversa), dado que “sendo a sequência ADJECTIVO+SUBSTANTIVO provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjectivo assume um valor subjectivo” (Cunha e Cintra, 1984: 268-269). Notem-se, para ilustrar esta situação, os exemplos seguintes:

- (1) O **claro** dia / O dia **claro**
- (2) O pequeno-almoço foi um **simples** bolo.
 - a. Ela foi à pastelaria e pediu um bolo **simples**.

Na mesma linha de análise, Rio Torto (2006) debruça-se, também, sobre o fator posição que, como a própria reconhece, “tem sido um dos parâmetros mais invocados para caracterizar o adjectivo” (Rio Torto, 2006: 106), distinguindo a posição invariável do adjectivo quando em contexto predicativo (“poscópula”) da posição variável (anteposta ou posposta) em contextos adnominais ou apositivos. Apesar de reconhecer a possibilidade de diferentes ordens possíveis na combinação entre adjectivos e nomes, Rio Torto (2006) enfatiza, não só que a língua portuguesa tem uma posição neutra, precisamente a posição pós-nominal, que é “menos marcada informacionalmente” (Rio Torto, 2006: 107), mas também que as variações na escolha da ordem em que o adjectivo é colocado na frase têm repercussões a nível de informação e significado. Assim, “em anteposição são valorizados os valores expressivos do adjectivo e em posposição os valores informativos ou denotativos”, isto é, “a colocação do adjectivo na abertura do sintagma traduz uma relevância acrescida por parte do falante relativamente à (natureza da) informação veiculada pelo adjectivo” (Rio Torto, 2006: 107). Realmente, note-se a diferença entre *as batatas salgadas* e *as salgadas lágrimas*, em que, no segundo caso, o uso pré-nominal do adjectivo confere ao sintagma um tom muito mais formal e literário (cf. Rio Torto, 2006: 107).

Relativamente ao comportamento sintático dos adjectivos, podemos ainda referir a chamada de atenção de Cunha e Cintra (1984) para o facto de os adjectivos poderem servir de adjuntos adnominais, ou seja, “neste caso, o adjectivo refere-se, sem intermediário, ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto” (Cunha e Cintra, 1984: 263), desempenhando, neste caso, uma “função sintática acessória” (Cunha e Cintra, 1984: 264). Contudo, podem, também, aparecer em função predicativa (do sujeito, do objeto direto ou, ainda, do objeto indireto), isto é, “a qualidade expressa pelo adjectivo transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo, que pode estar implícito ou explícito na oração” (Cunha e Cintra, 1984: 264). Se, enquanto adjuntos, a sua ocorrência não é obrigatória (servindo, para isso, apenas para atribuir maior expressividade), em posição predicativa têm necessariamente que ocorrer, sob o risco de levarem à incompletude do enunciado. Vejamos o exemplo de que se socorrem os autores, para salientar esta diferença:

(3) O campo **imenso** está alagado.

(4) O campo é **imenso**.

(Cunha e Cintra, 1984: 265)

Cunha e Cintra (1984) trouxeram um contributo valioso para o estudo dos adjetivos, tendo já esclarecido algumas dúvidas, nomeadamente no respeitante ao contraste entre nomes e adjetivos, também analisado por Demonte (1999), como veremos adiante. Efetivamente, os autores assinalaram que “é muito estreita a relação entre o substantivo (termo determinado) e o adjetivo (termo determinante)” e que, não só pode haver “uma única forma para as duas classes de palavras, e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase”, mas também pode desencadear-se um processo de “substantivação do adjetivo”, que ocorre “sempre que a qualidade referida a um ser, objecto ou noção for concebida com grande independência” e, por isso, “o adjetivo que a representa deixará de ser um termo subordinado para tornar-se o termo nuclear do sintagma nominal” (Cunha e Cintra, 1984: 248). A forma gramatical de marcar a ocorrência deste processo passa, sobretudo, pela colocação de determinante antes do adjetivo.

1.2. Classes de Adjetivos (Velo, 2013)

Torna-se, neste momento, conveniente esclarecer a classificação adotada nesta dissertação, baseada no trabalho de Velo (2013), por se tratar de uma proposta clara de classificação para o Português Europeu, que me parece ser o resultado de uma síntese de diversas propostas. De facto, faço notar a semelhança entre esta classificação e a de Demonte (1999), cujas classes acabam por ser as mesmas, apresentadas, no entanto, através de dois critérios diferentes. Por um lado, Demonte (1999) apresenta uma subdivisão dos adjetivos, relacionada com o seu significado intrínseco, em adjetivos qualificativos, relacionais e adverbiais (nos quais inclui os modais). Velo (2013), considera, por seu turno, os adjetivos denotativos (que incluem os qualificativos e os

relacionais), os avaliativos, os modais⁵, os intensionais e, por fim, os adverbiais.

Além do critério do significado intrínseco, a autora também se serve das relações semânticas que os adjetivos estabelecem com os nomes, obtendo, neste caso, três classes distintas. A primeira destas classes agrupa os adjetivos individuais em contraposição com adjetivos episódicos, a segunda reúne os adjetivos intersetivos e subsetivos e, por fim, a terceira, contrapõe adjetivos restritivos a adjetivos não restritivos. Cada uma destas classes põe em evidência um tipo de relação diferente – a primeira caracteriza qualidades circunstanciais ou episódicas dos objetos, a segunda foca-se na aplicação do adjetivo, quer ao nome em causa, num sentido mais restrito, quer à classe de objetos que o nome representa, num sentido bastante mais amplo e, por fim, a última classe incide sobre a extensão da classe de objetos representada pelo nome, no sentido de saber se o adjetivo a restringe ou não. Já Veloso (2013), por sua vez, considera que estas relações não são, em si, subclasses de adjetivos, mas antes o resultado de interpretações contextuais dos adjetivos. Seguiremos, por questões de clareza, o modelo de Veloso (2013) para explicitar, de seguida, as várias classes.

1.2.1. Adjetivos Denotativos

Segundo Veloso (2013), os adjetivos denotativos atuam sobre o sentido (i.e., sobre a intensão) do nome, enriquecendo-o. Por outro lado, a autora considera que este tipo de adjetivos também pode estar relacionado com a extensão do nome, uma vez que a restringe: os adjetivos denotativos introduzem propriedades adicionais, que são atribuídas à entidade representada pelo nome, constituindo assim subclasses, mais restritas, de entidades. Dentro desta classe, encontram-se os adjetivos qualificativos e os relacionais.

1.2.1.1. Adjetivos Qualificativos e Relacionais

De modo geral, pode dizer-se que os **adjetivos qualificativos** atuam sobre as partes constituintes das entidades, especificando-as. Veloso (2013) nota que “os adjetivos

⁵ Note-se que esta autora considera os adjetivos modais como uma subclasse autónoma, consideração que não será adotada neste trabalho. Parece-nos que, nesse aspeto, a proposta de Demonte (1999) é mais adequada, pela relação indubitável que os adjetivos modais têm com os advérbios.

qualificativos exprimem propriedades (...) que se aplicam a diversas dimensões pré-determinadas que estruturam os vários tipos de entidades” (Veloso, 2013: 1373), e considera que estas propriedades se subdividem, consoante a sua natureza, em propriedades materiais e propriedades fisiológicas, psicológicas e sociais.

No que diz respeito aos **adjetivos relacionais**, estes representam relações entre os adjetivos e os nomes com os quais se combinam. Em certos casos relativos a este tipo de adjetivos, estes parecem formar-se a partir do nome com o qual se combinam, por um processo de derivação, o que demonstra uma certa afinidade morfológica entre nomes e adjetivos. Dessa forma, “quando o adjetivo se combina com o nome, relacionam-se, assim, as propriedades de duas entidades: a denotada pelo nome a partir do qual se forma o adjetivo e a denotada pelo nome modificado” (Veloso, 2013: 1378). Com efeito, a literatura consultada dá-nos a possibilidade de conceber os adjetivos relacionais como tipicamente denominais, isto é, “adjetivos de estrutura morfológica derivada e preferencialmente denominais” (Rio Torto, 2006: 121).⁶

Os adjetivos relacionais podem exercer duas funções, que originam uma subdivisão em classificadores e argumentais. Esta classificação, já proposta por Bosque (1993), permite fazer a clara distinção entre adjetivos que possuam uma função essencialmente classificativa e, por isso, atribuem uma propriedade ao nome que modificam, de adjetivos que funcionem como argumento, isto é, cuja interpretação está sempre relacionada com a função temática que desempenham na frase, que depende do argumento que saturam (cf. Bosque, 1993). Para Veloso (2013), a função dos adjetivos relacionais classificadores baseia-se no estabelecimento de tipologias naturais, “criando subtipos naturais das entidades denotadas pelo nome modificado – i.e., subtipos sancionados cultural ou socialmente pela comunidade” (Veloso, 2013: 1378), salientando, ainda, a possibilidade de existência de um correspondente preposicional para estes adjetivos. Note-se o exemplo seguinte:

⁶ Esta autora chega mesmo a apresentar uma nova designação para este tipo de adjetivos, isto é, denominativos, uma vez que, como a própria fundamenta, “teria a vantagem de, contrapondo-se à de qualificativos e de excluindo os argumentais, se restringir a adjectivos que delimitam uma subclasse daquilo que o nome de base denota” (Rio Torto, 2006: 122). Essa designação não é adotada neste trabalho.

(5) O rapaz vislumbrou a obra **arquitetónica** de que todos falavam.

a. O rapaz vislumbrou a obra *de arquitetura* de que todos falavam.

Já os adjetivos relacionais argumentais, por sua vez, como o nome indica, desempenham a função de argumentos (selecionados pelo nome com o qual se combinam). Combinam-se com nomes eventivos e “podem corresponder a argumentos distintos de um nome, dependendo dos papéis temáticos que o nome seleciona” (Velo, 2013: 1380).

(6) A invasão **romana** da *Península Ibérica*. (Velo, 2013: 1379)

A autora, no entanto, chama a atenção para o facto de os adjetivos não terem uma classificação absolutamente estanque, na medida em que, não só os argumentais podem ter uma faceta classificadora – já que, por criar um subtipo de uma entidade, classifica-o como uma entidade desse tipo (cf. Velo, 2013: 1380) –, como também “o mesmo adjetivo pode ter as duas funções, dependendo do sentido do nome modificado e da maneira como sentido do adjetivo se relaciona com o sentido do nome modificado”, salientando, ainda, que “o mesmo adjetivo pode também ser relacional, nuns casos, e qualificativo, noutros” (Velo, 2013: 1381).

1.2.1.2. Principais diferenças entre adjetivos qualificativos e adjetivos relacionais

É possível distinguir estas duas classes através de critérios sintáticos, como o tipo de construção em que os adjetivos podem participar. Note-se que, de forma resumida, poderemos dizer que “os adjectivos qualificativos participam em construções predicativas, aceitam modificadores de grau e, em posição atributiva, antepõem-se e pospõem-se ao nome que modificam” (Ferreira, 2013: 2). Com efeito, Bosque (1993) reconhecia, também, que os adjetivos qualificativos são predicados e que, em termos de função semântica, servem para atribuir certas propriedades aos nomes que modificam (cf. Bosque, 1993). Demonte (1999), por sua vez, faz notar que “todo adjectivo de esta clase lleva implícito un constituyente de grado” (1999: 173) e que esta graduação pode

verificar-se em vários tipos de construções, nomeadamente as comparativas e de medida, aquelas em que este tipo de adjetivos se combina com advérbios de intensificação ou, ainda, construções em que estejam em causa oposições de polaridade (cf. Demonte, 1999:173). Todavia, a mesma autora salienta que certos qualificativos não são graduáveis.

Relativamente aos adjetivos relacionais, Ferreira (2013) refere que estes “só ocupam, em princípio, a posição atributiva” (Ferreira, 2013: 2), concordando com Brito (2003: 377), que refere que “os adjetivos relacionais não podem, em geral, ocorrer em posição predicativa”, mas Veloso (2013) chama a atenção para algumas situações, em que os relacionais podem ocupar a posição predicativa; nomeadamente, “em contextos de focalização do predicado, de contraste entre sujeitos, ou em contextos em que o predicado é usado como explicação de uma dada situação” e, também, em situações em que estes adjetivos são “formados a partir de outros adjetivos relacionais, como *amoral, monocromático e multirracial*” (cf. Veloso, 2013: 1385). Ferreira (2013) reforça ainda que estes adjetivos “não admitem participar em construções comparativas nem aceitam ser modificados pelo advérbio *muito*” (Ferreira, 2013: 2). Já Cunha e Cintra (1984) notavam que uma particularidade dos adjetivos relacionais era, precisamente, o facto de que “não se flexionam em grau”, acrescentando, ainda, à sua nota que “o mesmo se dá com outros adjectivos de tipo classificatório, entre os quais se incluem os pertencentes às terminologias científicas, que se caracterizam por seu sentido específico, unívoco” (Cunha e Cintra, 1984:263).

Adicionalmente, convém, ainda, referir que os adjetivos qualificativos podem recategorizar-se, em certos contextos, passando a atuar como adjetivos relacionais, o mesmo podendo acontecer, também, em sentido contrário. Bosque (1993), contudo, chama a atenção para o facto de que “el paso de adjs-R a adjs-Q es mucho más frecuente que el contrario” (Bosque, 1993: 24). Esta recategorização pode ocorrer sempre que os adjetivos relacionais, que, à partida, não são graduáveis, participam em contextos de uma construção de grau.

Por fim, chama-se a atenção para a necessidade de os relacionais ocorrerem em adjacência ao nome, isto é, “não podem ocorrer outros elementos do grupo nominal entre eles e o nome modificado” (Veloso, 2013: 1386) e para o facto de que, contrariamente

aos qualificativos, os relacionais não podem ocorrer como apostos de um sintagma nominal (cf. Veloso, 2013: 1380).

1.2.2. Adjetivos Avaliativos

A principal característica dos adjetivos avaliativos é o facto de, como o próprio nome reflete, indicarem uma avaliação subjetiva em relação à entidade denotada pelo nome. De facto, “os adjetivos avaliativos não especificam uma propriedade da entidade denotada pelo nome nem, inversamente, restringem o conjunto das entidades denotadas a um subconjunto particular que tenha a propriedade expressa pelo adjetivo” (Veloso, 2013: 1387). São exemplos deste tipo os adjetivos *fantástico*, *horrível*, entre outros (cf. Veloso, 2013), como demonstrado de seguida:

(7) «Uma estranha e **horrível** noite. (*par=ext101687-pol-95a-2*)

(8) O herói do jogo de desempate foi o zairese Landu, que marcou o único golo num pontapé **fantástico**. (*par=ext74027-des-97a-1*)

1.2.3. Adjetivos Intensionais

Os adjetivos intensionais atuam sobre o sentido do nome, exprimindo um juízo do falante sobre a forma como o nome se aplica à entidade. Subdividem-se em vários grupos, consoante a sua função, em adjetivos que negam, intensificam, questionam, exprimem potencialidade ou limitam a aplicabilidade do nome à entidade (cf. Veloso, 2013). Podem ocorrer, tanto em posição atributiva, como predicativa, apresentando a particularidade de, contrariamente ao normal em Português, quando em posição atributiva, a posição não marcada é a pré-nominal.

Chamo a atenção para o facto de Veloso (2013) considerar, na mesma classe, os adjetivos intensionais e modais, por apresentarem a semelhança de “não introduzirem propriedades novas, constitutivas ou relacionais, no sentido dos nomes que modificam” (Veloso, 2013: 1388) e por ambos terem a possibilidade de exprimir juízos dos falantes. Contudo, como já foi mencionado, a classificação adotada nesta dissertação inclui os adjetivos modais na classe dos adverbiais, pelo que, por essa razão, não será analisada

nesta secção.

- (9) A britânica acabou confessando ter forjado o **falso** rapto. (*par=ext30622-soc-91b-2*)

1.2.4. Adjetivos Adverbiais

Neste ponto, em particular, a classificação de Veloso (2013) difere bastante da classificação de Demonte (1999), na medida em que considera os adjetivos adverbiais como uma subclasse que pode incluir adjetivos de todos os tipos. De facto, a autora considera que “os adjetivos de leitura adverbial correspondem a adjetivos qualificativos, relacionais, avaliativos, modais e intensionais que exprimem propriedades relacionadas com as circunstâncias em que decorrem os eventos” (Veloso, 2013: 1404). Por sua vez, Demonte (1999) considera a classe dos adverbiais como uma classe autónoma, na qual são incluídos os adjetivos modais, como veremos de seguida com mais pormenor.

Assim, Veloso (2013) refere que, ao combinar-se com nomes eventivos, os adjetivos adverbiais podem ser de vários tipos, consoante exprimam, relativamente à situação que qualificam, valores de modo, duração, localização temporal ou espacial ou, ainda, aspeto. Por não fazer parte do objetivo deste trabalho, não explorarei, em detalhe, os vários tipos de valores expressos por estes adjetivos.

1.3. Demonte (1999) e a classe dos adjetivos adverbiais

Nota já Ferreira (2013), no seu estudo acerca dos adjetivos temporo-aspetuais, cuja base é a classificação de Demonte (1999), que esta última autora “procura a conciliação entre sintaxe e semântica” (Ferreira, 2013: 6), quando descreve e define o adjetivo enquanto classe gramatical. De facto, a caracterização sintática do adjetivo passa, de acordo com Demonte (1999), pela combinação com o nome, com a obrigatoriedade de concordância, tanto em género como em número, mas também com a ocupação de determinadas funções sintáticas, nomeadamente a de predicativo do sujeito e do objeto direto (cf. Demonte, 1999; Ferreira, 2013). Já na descrição do comportamento semântico do adjetivo enquanto classe gramatical, é enfatizada a capacidade que os adjetivos têm de

modificar os nomes, ao atribuir-lhe uma ou várias propriedades, salientando-se, em oposição, o facto de os adjetivos não poderem, quando isolados, funcionar como expressão referencial, estando-lhes, assim, vedadas as funções sintáticas de sujeito ou de objeto direto (cf. Demonte, 1999).

No seguimento da sua proposta, Demonte (1999), no seu estudo para o Espanhol, faz uma divisão dos adjetivos que, tal como Cunha e Cintra (1984), inclui os adjetivos qualificativos e relacionais, mas acrescenta-lhes uma nova classe, nomeadamente a dos adjetivos adverbiais. Com efeito, a autora fundamenta esta divisão em três critérios, que herda de Schmidt (1972) e Bache (1978), aos quais os relacionais devem responder afirmativamente, o primeiro dos quais sendo “la posibilidad de poder ser o no usado predicativamente”, o segundo, “el poder entrar en comparaciones y ser modificados por adverbio de grado” e, por fim, “su capacidad para formar parte de sistemas binarios y ser por tanto términos de correlaciones de polaridad” (Demonte, 1999: 138).

Demonte (1999) apresenta um conjunto de critérios que devem ser tidos em conta ao estudar os adjetivos, numa tentativa de os classificar. Assim, a proposta de uma classificação deve ser feita de acordo com “la generalidad o independencia del objeto, capacidad para adscribir propiedades o características a los objetos y a los acontecimientos y graduabilidad” (Demonte, 1999: 135-136).

Todavía, tal como a autora observa, existem determinados adjetivos que não atribuem qualidades aos nomes que modificam, de forma direta, isto é, tal como os qualificativos, mas, na realidade, caracterizam as situações, ou melhor, a forma como determinado conceito (veiculado através do significado do adjetivo) se pode aplicar a determinado nome. Demonte (1999) nota que “algunos adjetivos, en efecto, sólo sirven para indicar la manera como el concepto o intensidad de un término se aplica a un determinado referente” (p.139), podendo, assim, aplicar-se “a todas las formas adjetivas paralelas a los adjetivos calificativos que, sin embargo, no constituyen expresiones asignadoras de propiedades” (Demonte, 1999: 205).

A mesma autora verifica, ainda, que este tipo de adjetivos, isto é, adverbiais, podem, precisamente, ser substituídos pelo correspondente adverbial, mantendo o significado geral da frase. No entanto, Ferreira (2013) faz notar que, para o Português, esta conclusão

nem sempre se verifica. De facto, segundo a sua análise, confirma-se que “a substituição de um adjetivo deste tipo pelo advérbio correspondente é sempre possível, mas pode, no entanto, provocar alteração no significado da frase” (Ferreira, 2013: 15) e, para ilustrar esta chamada de atenção, retomamos o exemplo da autora mencionada:

(10) Compro o meu jornal **habitual** na livraria S.Jorge.

(10a) #Compro o meu jornal **habitualmente** na livraria S.Jorge.

(Ferreira, 2013, p.15)

Com efeito, o exemplo demonstra que, apesar de ser possível a substituição entre adjetivo e advérbio, o significado interpretativo veiculado é diferente, pois, no primeiro caso, caracteriza-se como habitual o nome *jornal*, mas, quando se utiliza o advérbio correspondente, o que se caracteriza é, não o jornal em si, mas sim evento de comprar, de forma habitual, um determinado jornal numa determinada livraria.

Dentro desta nova classe de adjetivos, ainda não consensualmente aceite pela comunidade dos semanticistas, Demonte (1999) faz uma subdivisão mais ampla, entre adjetivos adverbiais intensionais e eventivos (ou circunstanciais), refinando, depois, a sua classificação, através de uma divisão em adjetivos adverbiais modais, marcadores de intensão ou referência, circunstanciais (de tempo, espaço e modo) e, por fim, aspetuais. O objeto do nosso estudo concentrar-se-á, precisamente, na subclasse dos adjetivos adverbiais modais. Estes adjetivos, que podem estar antepostos ou pospostos, dependendo dos casos, podem estar relacionados com duas situações, sendo elas a necessidade ou possibilidade de ocorrência de determinadas relações ou, por outro lado, a atitude dos falantes (ou dos sujeitos da oração complexa) relativamente a essas mesmas relações.

1.3. Leituras possíveis na interpretação dos adjetivos

Veloso (2013), na linha de muitos outros autores, considera que existe uma influência mútua entre o sentido dos adjetivos e o sentido dos nomes, quando combinados entre si. Dessa forma, “esta interação dinâmica entre o sentido do adjetivo e o sentido do nome permite formar uma nova tipologia dos adjetivos, em parâmetros binários

constituídos por valores opostos”, que se organizam em três grandes dimensões: a aspetual, a lógico-semântica e, por último, a oposição relativo-absoluto (cf. Veloso, 2013: 1433). É nesta tipologia que assenta a classificação de Demonte (1999), correspondendo algumas das oposições seguintes às diversas classes propostas por esta autora.

1.3.1. *Leitura individual ou episódica*

Existem certos adjetivos que, como o nome indica, estando inevitavelmente relacionados com as características semânticas da situação que predicam, são capazes de descrever propriedades que, não tendo uma limitação espaço-temporal definida, são encaradas como pertencendo aos indivíduos, de forma relativamente estável. Em oposição, há outro grupo de adjetivos que contrasta com o anterior, precisamente pelo facto de se referirem a propriedades que, sendo temporárias, “implican cambio y que tienen limitación espacio temporal” (Demonte, 1999: 142). Brito (2003: 382) também tem em consideração esta distinção entre adjetivos de indivíduo e de fase⁷, assinalando que a “diferença relaciona-se com o facto de uma propriedade estar associada a um dado indivíduo (*inteligente, português*) ou apenas a uma fase de um indivíduo (*morto, grávida*)”.

Veloso (2013), por sua vez, considera que esta oposição se baseia numa diferença de leituras, em que os adjetivos, “quando denotam propriedades que caracterizam uma entidade na sua individualidade própria e que contribuem para a distinguir de outros seres vivos do mesmo tipo” têm leitura estável. A leitura será episódica se, pelo contrário, denotarem “propriedades transitórias, contingentes ou acidentais das entidades, ligadas a situações delimitadas no espaço e no tempo” (Veloso, 2013: 1433-1434).

Tanto Demonte (1999), como Brito (2003) e Ferreira (2013) reconhecem, para o Espanhol e para o Português, respetivamente, que a oposição *ser/estar* pode indiciar a presença de um adjetivo de indivíduo ou de fase, respetivamente. Torna-se, contudo, necessário alertar para o facto de poderem existir adjetivos que se combinem com os dois

⁷A distinção entre predicado de indivíduo (*individual level*) e predicado de fase (*stage level*) foi inicialmente notada por outros autores, Carlson (1978) e, mais tarde, Kratzer (1995).

verbos e, assim, este critério não ser, por si só, suficiente para distinguir os dois tipos de adjetivos. Atente-se nos exemplos seguintes, que ilustram a oposição entre predicados de indivíduo e episódicos, enfatizada, precisamente, pela oposição entre *ser* e *estar*.

(11) A Maria **está feliz/alta**.

(12) O João **é feliz/alto**.

Demonte (1999) avança que aquilo que designamos por predicado de indivíduo traduz a pertença a uma classe e, dessa forma, pode ser expresso através de adjetivos relacionais utilizados em posição predicativa, uma vez que este tipo de adjetivo só aceita esta posição quando combinado com o verbo *ser*. Assim, os adjetivos relacionais “describen propiedades estables o individuales” (Demonte, 1999: 143). Por outro lado, os adjetivos qualificativos são, neste aspeto, de interpretação mais complexa, na medida em que, aceitando, em geral, a combinação, tanto com *ser* como com *estar*, podem originar uma leitura de indivíduo ou de fase, respetivamente. Todavia, a autora observa que “los adjetivos calificativos no tienen dos rasgos alternativos, dos acepciones o dos estructuras argumentales, sino que poseen un significado básico y la posibilidad de cambiarlo en ciertas condiciones bien definidas” (cf. Demonte, 1999: 144).

1.3.2. *Leitura Restritiva ou Não-Restritiva*

Demonte (1999) considera que o adjetivo designado restritivo é aquele que, ao modificar o nome com o qual se combina, restringe a sua extensão e, a partir dessa restrição, é considerado um novo referente. Realmente, a principal função de um adjetivo restritivo é, como nota Ferreira (2013), “a redução do significado inicial” (Ferreira, 2013: 24). No caso de um adjetivo não restritivo, por sua vez, a modificação que este acarreta não tem qualquer consequência na extensão significativa do nome, uma vez que incide na sua intensão e, desse modo, “se aplica al concepto, a la intensidad del término en su totalidad, para evaluar y singularizar una propiedad en relación com el conjunto de características que definen al nombre en cuestión” (Demonte, 1999: 147).

Para Veloso (2013), como já foi brevemente explicado, o adjetivo não é, em si, restritivo ou não-restritivo, recebendo, no entanto, esse tipo de leituras, quando interpretado, contextualmente. Assim, se um adjetivo tem leitura restritiva, o processo é o mesmo, isto é, o de restringir o conjunto de entidades à qual o nome se aplica, contribuindo, “num determinado contexto, para a identificação da entidade” (cf. Veloso, 2013: 1440). Se, pelo contrário, “a propriedade denotada pelo adjetivo se aplica a todas as entidades possíveis no conjunto situacional ou discursivo, não sendo, portanto, essencial para a identificação do referente do sintagma nominal, estamos perante uma leitura não restritiva” (Veloso, 2013: 1440).

Ao analisar os exemplos de Ferreira (2013), aqui numerados como (13) e (13a), verifica-se que, de facto, no primeiro caso, o significado de *alunos* é restringido pelo adjetivo *simpáticos*, de tal maneira que, do conjunto de todos os alunos, podemos interpretar que apenas os que eram simpáticos homenagearam o professor. No segundo caso, pelo contrário, esta restrição não existe, estando em causa o conjunto de todos os alunos.

(13) Os alunos simpáticos homenagearam o professor.

(13a) Os simpáticos alunos homenagearam o professor.

A consideração destes exemplos faz, também, atentar no impacto que a posição dos adjetivos na frase pode ter na restrição ou não do significado do nome. Os exemplos levam a concluir que, de modo geral, mas não exclusivo, em Português, “a posição pré-nominal encontra-se associada a uma interpretação não restritiva e a pós-nominal, a uma leitura restritiva” (Veloso, 2013: 1440)

1.3.3. Leitura Absoluta ou Relativa (e a oposição entre adjetivos intersetivos ou subsetivos)

Ao combinar um adjetivo com um nome, este pode originar uma relação absoluta, isto é, a propriedade que o adjetivo atribui pode aplicar-se a todos os objetos que o nome designa ou, pelo contrário, pode aplicar-se de forma relativa, isto é, apenas ao nome

comum em causa (cf. Demonte, 1999). Para clarificar esta distinção, Veloso (2013) menciona que um adjetivo tem leitura absoluta quando “expressa propriedades de uma entidade que não variam quando se utilizam outros nomes para a representar” (Veloso, 2013: 1445), servindo-se, como exemplo, das expressões *formiga preta*, que pode ser substituída pela expressão *animal preto*, para fazer referência a uma característica das formigas – a de serem pretas. Já no que diz respeito à leitura relativa, considera que “a avaliação da propriedade depende fortemente do sentido do nome”, já que, utilizando os mesmos nomes (*formiga* e *animal*), mas servindo-se de um adjetivo diferente (*grande*), o resultado já não será o mesmo que anteriormente, uma vez que a expressão *uma formiga grande* não é equivalente à expressão *um animal grande*.

Ainda relativamente a esta classificação, também Rio Torto (2006) salienta a diferença entre estes dois tipos de adjetivo, enfatizando a importância da posição dos mesmos na frase. A autora afirma, assim, que “em posposição (*crianças lindas*) há lugar à intersecção do conjunto de “crianças” com o conjunto dos “seres lindos”. O mesmo não se passa quando os adjetivos se encontram antepostos, pois, como nota Rio Torto (2006), “em anteposição (*lindas crianças*) há lugar à inclusão das “crianças” em menção no conjunto de “seres lindos”, estando, portanto, em causa referência a alguns membros do conjunto “crianças” no universo dos seres que são (considerados) lindos (Rio Torto, 2006: 107).

Convém, por fim, salientar que a oposição entre leitura restritiva e não restritiva não é equivalente à oposição entre adjetivos intersetivos e subsetivos, já que a primeira oposição é sempre relativa à combinação de um adjetivo com um nome, e a segunda diz respeito a propriedades dos adjetivos em si. Assim, os adjetivos intersetivos, dos quais são exemplo os adjetivos de cor, “denotam propriedades que remetem para classes de entidades, à semelhança dos nomes”, enquanto os subsetivos, por sua vez, “remetem apenas para subclasses de entidades, como os adjetivos de dimensão” (cf. Veloso, 2013: 1450; ver também Ferreira, 2013).

1.4. Outras classificações de Adjetivos

1.4.1. Adjetivos Fortes e Adjetivos Fracos (van Linden, 2012)

No seu estudo acerca dos adjetivos modais, Van Linden (2012) faz uma divisão léxico-semântica dos adjetivos em fortes e fracos, considerando, precisamente, que certos adjetivos terão uma maior força interpretativa do que outros, servindo-se, para fundamentar esta classificação, de alguns argumentos que explicitaremos de seguida.

Com efeito, para suportar a sua classificação, van Linden (2012) começa por apresentar como argumento o facto de existirem certos testes de escalaridade, aos quais os adjetivos reagem de forma diferente. Estes testes põem em contraste dois adjetivos mediados pela expressão inglesa *and even*⁸, e, para ser aceitável, o primeiro adjetivo tem que ser mais fraco do que o segundo.

Assim, para comprovar que alguns adjetivos têm maior força interpretativa do que outros, utiliza os seguintes exemplos, para o Inglês, que evidenciam que *appropriate* é mais fraco do que *necessary* e do que *vital*:

(14) Now the technology is in a different league and we feel it is more **appropriate and even necessary** to give the task of pulling the threads together to one person.

(15) It is **vital and even appropriate** that the on-going problems of Black America are addressed positively (...).

(Van Linden, 2012: 48)

O segundo argumento relaciona-se com a graduabilidade dos adjetivos, que impõe certas limitações, de carácter escalar. Assim, utilizando como critério o tipo de modificadores com os quais os adjetivos se podem combinar, classifica os adjetivos fortes como *bounded* (limitados), inserindo nesta classe os adjetivos que são compatíveis com *totality modifiers* (cf. Van Linden, 2012) e considera, pelo contrário, os adjetivos fracos como *unbounded*, isto é, não limitados; assim, os adjetivos fracos, “are not associated

⁸ Em Português Europeu, corresponderia à expressão *e até*, que serve para reforçar uma ideia.

with a boundary, but represent a range on a scale”, e, dessa forma, “they combine with scalar degree modifiers” (van Linden, 2012: 49).

Um outro argumento que este autor utiliza relaciona-se com a utilização da forma *would*. Van Linden (2012) observa que os adjetivos do tipo forte só aceitam a utilização desta forma em contextos passados, enquanto os adjetivos do tipo fraco podem, além destes contextos, usar a mesma forma em contextos de presente.

Por fim, concentra-se no tipo de complementos que os adjetivos aceitam e conclui que adjetivos fracos poderão aceitar uma maior variedade de complementos do tipo causal, incluindo as frases condicionais do tipo *if-clause*. (cf. Van Linden, 2012: 47-51).

1.4.2. Adjetivos Graduáveis e Noções Escalares (Kennedy & Levin, 2008)

Certos adjetivos apresentam como característica o facto de serem graduáveis, isto é, de terem associada uma escala, que lhes permite denotar diferentes valores de grau. Com efeito, “as entidades que possuem propriedades escalares podem ser caracterizadas pelo grau com que manifestam a propriedade, ou seja, pela “quantidade” que possuem dessa propriedade” (Veloso, 2013: 1413). Foram já vários os autores que se dedicaram ao estudo deste tipo de adjetivos, entre os quais é importante salientar os trabalhos de , Kennedy e Levin (2008), bem como, no caso específico do Português Europeu, Leal *et al.* (2011).

Kennedy e McNally (2005) assumem que “gradable adjectives map their arguments onto abstract representations of measurement, or **degrees**, which are formalized as points or intervals partially ordered along some dimension”, definindo uma escala como sendo “the set of ordered degrees” (Kennedy e McNally, 2005: 349). Para os mesmos autores, os adjetivos graduáveis funcionam como uma função de medição, que avalia o grau de mudança, numa relação entre entidades e graus. Dessa forma, a verdade de uma predicação está dependente de um standard de comparação (associado à função de medição), que funciona como uma espécie de grau mínimo necessário para que haja uma mudança na propriedade transmitida pelo adjetivo (e, dessa forma, uma mudança de grau). Para definir uma escala, torna-se, então, necessário, considerar três parâmetros: o conjunto de graus, a dimensão (escalar) na qual os graus se organizam e, por fim, a relação

de ordenação desses mesmos graus na escala. (cf. Kennedy e McNally, 2005).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Ferreira (2013) nota que “os adjectivos graduáveis manifestam propriedades avaliáveis segundo padrões médios de comparação” (Ferreira, 2013: 41), especificando, ainda, que “a escala é formada por graus, que correspondem a intervalos, e pode ser aberta ou fechada” (Ferreira, 2013: 41). A diferença entre estes dois tipos de escalas reside no facto de as escalas fechadas, representadas em (17), possuírem um grau considerado como o limite máximo da escala, o que não acontece com as escalas abertas (cf. (16)).

(16) A estrada está cinzenta/ feia/ perigosa. (Leal *et al.*, 2011: 317)

(17) A estrada está vazia/ limpa/ seca. (Leal *et al.*, 2011: 317)

Uma vez que os adjetivos podem projetar escalas abertas e fechadas, torna-se necessário procurar mecanismos que permitem diferenciar o tipo de escalas projetadas. Com efeito, diversos estudos realizados (Hay, Kennedy e Levin, 1999; Kennedy e McNally, 2005; Kennedy e Levin, 2007, 2008) permitiram concluir que esta diferenciação pode ser efetuada com recurso à combinação dos adjetivos em causa com os *proportional modifiers*, nomeadamente os que designam totalidade (“completamente”/“totalmente”) e parcialidade (“parcialmente” ou “meio”). Realmente, se um adjetivo possuir uma escala fechada e, desta forma, tiver um limite máximo, este mesmo adjetivo deverá ser compatível com este tipo de modificadores, verificando-se o contrário para o caso em que o adjetivo possua uma escala aberta e, desta forma, não contenha um grau máximo. A título ilustrativo, manipulámos os exemplos (16) e (17), para compreender as compatibilidades e incompatibilidades com estes modificadores.

(16') *A estrada está **completamente** cinzenta/ feia/ perigosa.

(16'a.) *A estrada está **meio/ parcialmente** cinzenta/ feia/ perigosa.

(17') A estrada está **completamente** vazia/ limpa/ seca.

(17'a.) A estrada está **meio/ parcialmente** vazia/ limpa/ seca.

Convém, no entanto, fazer uma observação relativamente à combinação com este tipo de modificadores, uma vez que, como Leal *et al.* (2012) salientam, “a interpretação relevante do advérbio *completamente* é aquela que remete para o atingir de um grau máximo, e que não deve ser confundida com leituras em que está em causa não esse grau máximo, mas a afectação da totalidade da(s) entidade(s) a que se aplica a propriedade ou ainda uma leitura em que *completamente* corresponde a uma forma de quantificação, semelhante a *muito*” (Leal *et al.* 2011: 318).

Kennedy e McNally (2005), no entanto, chamam a atenção para o facto de haver variações a considerar, no que diz respeito aos tipos de escalas, considerando que “a scale may have neither a minimal nor a maximal element” (o que corresponde a uma escala totalmente aberta), “it may have a minimal but no maximal element” (correspondendo a uma escala fechada apenas no extremo inferior), ou, ainda, “it may have a maximal but no minimal element” (correspondendo a uma escala fechada no extremo máximo) (Kennedy e McNally, 2005: 353).⁹

De um modo geral, é possível afirmar que os adjetivos qualificativos são graduáveis, como nota Demonte (1999), quando afirma que o grau pode manifestar-se de várias maneiras, nomeadamente “en la posibilidad de llevar adverbios de intensificación”, “el hecho de que puedan constituir construcciones comparativas y construcciones de medida de diversa forma” e, também, porque “participan en oposiciones de polaridad” (Demonte, 1999: 173). Acerca desta mesma problemática, Bosque (1993) perspectiva que “lo que se gradúa en estos casos es la extensión o la magnitud en la que se posee la cualidad denotada” (Bosque, 1993: 23), salientando, contudo, que nem todos os adjetivos qualificativos possuem graduabilidade. Também Brito (2003: 380) nota que “são não graduáveis os adjetivos que exprimem nacionalidade, origem, cor, estado, matéria” e no

⁹ Veloso (2013) clarifica esta questão, ao afirmar que “dentro das escalas fechadas, há ainda as que são limitadas apenas num extremo (as escalas parcialmente fechadas): por exemplo não pode ser mais silencioso que 0% de ruído, mas não há limite ao grau de ruído”, o que configura um exemplo de uma escala fechada no grau mínimo. Pelo contrário, como exemplo de uma escala fechada no grau máximo, a autora menciona que “um local ou é seguro ou não é, não podendo ser mais seguro que 100% de segurança, mas não há limite ao grau de insegurança” (Veloso, 2013: 1421).

mesmo sentido, Veloso (2013) salienta que os adjetivos de séries complementares¹⁰, bem como os adjetivos de forma¹¹ ou orientação espacial representam exceções, pelo facto de, apesar de qualificativos, não serem graduáveis. Ainda assim, dentro desta última subclasse, devem ser tidos em conta os adjetivos de cor, que podem ser ambíguos, uma vez que, à partida, não têm uma interpretação de grau, mas podem tê-la se se tiver em conta que uma mesma cor pode assumir diversos tons (note-se que, embora se possa dizer *muito verde/branco/preto*, o mesmo não acontece com *pouco*: **pouco verde/branco/preto*). Tenha-se em consideração os seguintes exemplos, que ilustram esta situação¹²:

- (18) Aquele hotel **muito branco**, de paredes rendadas, surgindo subitamente por detrás das dunas, pareceu-me um prodígio. (*par=ext1298664-nd-95a-a*).
- (19) «O seu cabelo é **tão branco**. (*par=ext173836-des-94b-1*)

Relativamente aos relacionais, estes são, à partida, adjetivos não graduáveis, podendo, ainda assim, existir alguns que manifestam grau, o que comprova que “a área coberta pelos adjetivos denotativos não se divide de forma estanque (...) formando antes um contínuo” (Veloso, 2013: 1416). Bosque (1993) chama, ainda, a atenção para o facto de, quando recategorizados em qualificativos, os relacionais poderem manifestar grau.

Os intensionais, à semelhança do que acontece com os relacionais, também não são graduáveis, excetuando-se, alguns que, em posição pós-nominal, podem ser graduáveis. Em relação aos modais, consideram-se, na literatura consultada, graduáveis os de modalidade epistémica, desiderativa e externa (cf. Veloso, 2013). Por fim, os adjetivos

¹⁰ Consideram-se, aqui, adjetivos que “formam séries chamadas complementares, cujos membros têm sentidos incompatíveis e, juntos, cobrem de forma exaustiva um determinado domínio ontológico, de tal forma que todas as entidades que pertencem a esse domínio são necessariamente caracterizadas por um e um só dos adjetivos de série” (Veloso, 2013: 1417)

¹¹ Existem exceções, pois, em tom informal, os falantes conseguem atribuir grau a construções de forma, casos em que “o grau pode servir para indicar que determinado objeto apresenta essa forma com grande perfeição” (i) ou “que essa forma não é a que se espera do objeto em questão, conferindo geralmente um valor depreciativo” (ii):

- (i) Cavou um buraco *muito redondinho*
(ii) Uma cabeça *muito redonda*

(retirado de Veloso, 2013: 1418)

¹² Todas as ocorrências cuja referência comece por *par=ext* foram retiradas deste *corpus*.

avaliativos são, também, graduáveis, tendo, até, alguns deles, intrínseca a noção de grau, ou seja, “por outras palavras, o grau elevado é uma parte inerente do seu significado”, como é o caso de *fantástico* ou *maravilhoso* (Veloso, 2013: 1415). Por outro lado, alguns destes adjetivos, como *bom/mau* ou *bonito/feio* (isto é, em geral, adjetivos que tenham antónimos correspondentes) precisam de ser especificados por um advérbio, pois “expressam avaliações de certo modo medianas da área escalar que cobrem” (Veloso, 2013: 1415).

De seguida, apresenta-se um quadro em que se distinguem, de forma esquemática, os adjetivos graduáveis dos não graduáveis.

Tabela 1: Adjetivos Graduáveis e Não Graduáveis

Graduáveis	Não graduáveis
Qualificativos*	Relacionais
Modais	Técnicos*
Avaliativos	Intensionais
*Existem exceções, já que alguns qualificativos não são graduáveis.	Séries Complementares
	Nacionalidade*, Origem*
	Cor*, Estado*, Matéria, Forma*, Orientação Espacial
	*Existem exceções, já que, quando desprovidos do seu sentido habitual, podem ter graduação.

1.5. Síntese

Neste capítulo, o principal tema tratado foi o dos adjetivos, com o objetivo de esclarecer algumas questões teóricas e classificatórias. Com efeito, da vasta literatura existente, selecionaram-se alguns textos sobre questões teóricas e alguns dedicados também ao português. A literatura consultada ilustra em parte as dificuldades que persistem em torno da classificação dos adjetivos, não só no que diz respeito à sua definição, que tende a convergir numa noção de modificador do nome ou atributo, mas também no que se relaciona com a sua classificação. Embora Veloso (2013) proponha uma visão abrangente sobre o tema em português, adoto Demonte (1999), tendo a

classificação desta última autora especial importância, na medida em que divide os adjetivos em qualificativos e relacionais, em concordância com, entre outros, Cunha e Cintra (1984) e Bosque (1993), mas acrescenta a esta divisão uma nova classe, a dos adjetivos adverbiais, em que inclui, ainda, as classes dos modais – objeto deste trabalho –, dos marcadores de intensão ou referência, dos circunstanciais, que podem ser de tempo ou de modo, e, por fim, dos aspetuais.

Um dos parâmetros mais analisados para servir a caracterização dos adjetivos é o da posição, questão debatida por muitos, pelo que, neste capítulo, analisa-se a posição de alguns autores relativamente a este parâmetro. Importa, por isso, sublinhar que os adjetivos, em PE, podem aparecer em diferentes posições em relação ao nome que modificam, particularmente antepostos ou pospostos. Segundo Cunha e Cintra (1984), esta alteração na posição implica, no primeiro caso, um valor essencialmente ‘subjetivo’ e, no segundo, assumem o seu valor ‘objetivo’ de precisar o enunciado (cf. Cunha e Cintra, 1984). No entanto, esta distinção não pode ser colocada de forma tão simples, já que existem casos em que a alteração da posição pode provocar uma mudança na classe do adjetivo (*um velho amigo/ um amigo velho*) e, ainda, outros casos em que apenas é possível ou a posição anteposta (*um presumível assassino*), ou a posição posposta (*o tapete vermelho*).¹³

Rio Torto (2006) acrescenta, ainda, do seu ponto de vista, uma posição neutra para os adjetivos, posição não marcada que, em Português, corresponde à posição posposta.

Sobre a descrição do Português, considerou-se ainda as propostas de Veloso (2013), que sintetizam várias outras propostas e por isso foi objeto de uma exposição mais extensa. Por fim, neste ponto, analisa-se a classe dos adjetivos adverbiais proposta por Demonte (1999), que é a base para o presente trabalho.

Por outro lado, pareceu-me útil abordar, de forma breve, a proposta de van Linden (2012), por se tratar, especificamente, de um trabalho sobre uma parte dos adjetivos modais, propondo uma distinção entre adjetivos fortes e fracos. Por fim, considerou-se,

¹³ Note-se que existem casos em que a interpretação é claramente distinta, como acontece no exemplo seguinte:

- (i) Ele é um **rico** amigo. [= um bom amigo, valioso]
- (ii) Eu tenho um amigo **rico**. [= com posses financeiras/ bens materiais]

com algum desenvolvimento, uma questão muito relevante para o estudo dos adjetivos, que é a graduabilidade, a que os estudos de Kennedy dão um novo fôlego, pelo tratamento formal que propõem das escalas, tendo sido neste trabalho considerados particularmente Kennedy e McNally (2005) e Kennedy e Levin (2008) e, ainda, para o Português, Leal *et. al* (2011).

Antes de se partir para a análise da temática concreta deste trabalho, isto é, os adjetivos modais, convém esclarecer conceitos relativos à modalidade, fundamentais para a análise dos adjetivos em foco.

Capítulo 2. – Modalidade

O conceito de modalidade, fundamental para a correta compreensão do alcance e expressividade dos adjetivos modais, está relacionado, essencialmente, com a forma como se podem expressar atitudes ou opiniões numa determinada língua. De facto, “in the literatura, the term ‘modality’ has been used both in a broad and a narrow sense” (Van Linden, 2012: 11), particularizando, ainda, que o sentido mais amplo da modalidade se refere, essencialmente, a “qualifications of states of affairs” (Nuyts, 2001, 2005 *apud* Van Linden, 2012: 11), enquanto o sentido mais estrito se refere a um “specific subtype of qualificational meaning which is complementary to the tense and aspect categories” (Van Linden, 2012: 11).

Com efeito, a definição, bem como classificação da modalidade tem sido objeto de análise de diversos autores, sem que haja, contudo, uma definição fixa ou uma classificação invariável. Significa isto que a modalidade permanece um campo de estudo em aberto, e a dificuldade da abordagem à temática em causa prende-se, precisamente, com o facto de haver uma variabilidade tão grande de definições e classificações. Realmente, já de Haan (2006) atesta esta realidade, quando afirma que “there is as yet no consensus on the proper terminology for modal meanings”, chegando, até, a deixar entrever que a causa para tal facto é a “the relative youth of typological studies on modality” (de Hann, 2006: 28).

Contudo, parece-nos adequado afirmar que, de um modo geral, a divisão entre modalidade epistémica e deôntica parece consensual, bem como parece ser comum, na perspetiva da maioria dos autores lidos, a distinção entre os domínios da possibilidade e da necessidade. Repare-se na descrição do autor sobre a problemática em causa.

“Following the logicians (from von Wright 1951 on), the original division in modality is between epistemic and deontic. Epistemic modality, as in John must have been at home, refers to the degree of certainty the speaker has that what s/he is saying is true. Deontic modality, as in John must go to school, deals with the degree of force exerted on the subject of the sentence to perform an action. This force can come from the speaker but also from an unspecified third source. This division is used in such works as Lyons (1977), Palmer (1990 [1979], 2001 [1986]), Frawley (1992), de Haan

(1997), van der Auwera e Plungian (1998 [...]) (...), as well as in various grammatical studies of single languages. Generally, this division requires a separate modality, often referred to as dynamic modality, to encode ability (and, depending on the author, often volition as well).” (de Haan, 2006: 29)

Para o Português Europeu, os estudos acerca de questões semânticas acerca da modalidade são relativamente escassos, destacando-se os trabalhos de Campos (1991), Oliveira (1988; 2000) e Oliveira e Mendes (2013). Apesar de concentrar as suas análises na temática dos verbos modais, e não dos adjetivos, que tratarei no presente trabalho, as contribuições de Oliveira (1988; 2013) são fundamentais para a sustentação teórica deste estudo.

Oliveira (1988; 2000; 2013) toma a modalidade como “a forma de exprimir, por meios linguísticos, atitudes e opiniões dos falantes ou das entidades referidas pelo sujeito sobre o conteúdo proposicional dos enunciados que produzem”, salientado, ainda, que esta pode estar associada “aos valores de (i) crença, (ii) capacidades e necessidades internas dos indivíduos, (iii) obrigação e permissão e (iv) volição” (Oliveira e Mendes, 2013).¹⁴ De acordo com o que já foi mencionado, também Oliveira e Mendes (2013), na linha de Oliveira (2000), entre outros, notam a distinção entre os domínios da possibilidade e da necessidade, considerando-os como “elemento organizador” de todas as áreas e valores modais.

Uma conclusão importante, que se pode retirar dos diversos estudos relativos aos verbos modais, é que estes apresentam grande variação semântica, isto é, o mesmo verbo pode assumir diferentes significados. Esta variabilidade na significação dos verbos modais levou Oliveira (1988; 2000) a concluir que estes devem ser considerados semanticamente vagos, sendo a sua significação final limitada pelo contexto em que estes verbos aparecem (cf. Oliveira, 1988). Também Silva-Corvalán (1995) (citado em Demonte, 1999), ao estudar a língua espanhola, enfatiza a importância do contexto, mas propondo uma análise diferente para o significado dos verbos modais, que permite

¹⁴ O Dicionário Houaiss do Português situa a modalidade no âmbito da linguística como a “expressão da atitude do falante (ou de alguém com quem ele fala) no que diz respeito à relação entre um predicado e aquilo que ele predica, vendo-a como um facto, uma possibilidade, um desejo, ou algo negativo ou positivo, ou algo a temer, etc.” (2011: 1595), chamando já a atenção, na parte final da sua definição, para o facto de a modalidade poder focar diferentes valores modais.

justificar a escolha de um verbo específico, como destaca Neves (2000), que, ao referir-se a Silva-Corvalán (1995), escreve que “sua proposta é que os verbos modais possuem um significado invariante, mas que, na sua interpretação, comunicam significados contextuais diferentes, como consequência de sua interação com outros elementos do contexto” (Neves, 2000: 121)

Neves (2000) também reconhece a importância da análise do contexto para esclarecer o verdadeiro sentido de um verbo modal, definindo contexto como “o conjunto de hipóteses de que dispõe um destinatário e que ele utiliza para interpretar uma elocução”, acrescentando que, “constitui subparte do contexto o significado codificado no conteúdo proposicional da sentença, conteúdo que é distinto do modal, mas que está no âmbito de incidência dele” (Neves, 2000: 119).

É, então, possível começar a conceber a modalidade como uma categoria que, até certo ponto, apresenta flexibilidade, na medida em que, não só pode ser expressa de diferentes maneiras, isto é, recorrendo a diferentes construções na língua, mas também porque as mesmas construções se podem combinar com diferentes contextualizações, originando, dessa forma, diferentes significados. Estas variações semânticas permitem atingir diferentes objetivos, no âmbito das competências comunicativas dos falantes. A título de exemplo, repare-se que “Stephany (1995) observou, para o Inglês, que, num texto de caráter diretivo predomina a modalidade deôntica, enquanto em textos narrativos e argumentativos é mais frequente a modalidade epistêmica.” (Neves, 2000: 128)

Talvez se possa relacionar a afirmação anterior com as ideias de Oliveira (1988; 2013), que acrescentam informação imprescindível, nomeadamente no diz respeito à conceptualização da modalidade, quando refere que os diversos significados marcam uma diferenciação ao nível do domínio de aplicação, ou seja, o domínio da ação ou o domínio do raciocínio, estando o primeiro mais ligado à modalidade deôntica e o segundo à modalidade epistêmica.

O presente estudo seguirá, precisamente, a classificação desta autora, uma vez que me parece ser a mais adequada, bem como a que apresenta a informação organizada de forma mais concisa e clara, de entre todas as propostas estudadas. As diversas categorias modais serão explicitadas seguidamente. Todavia, penso ser adequado esclarecer, em

primeiro lugar, de que mecanismos dispõem os falantes para exprimir a modalidade.

2.1. Expressão da modalidade – que mecanismos?

A modalidade apresenta uma grande variabilidade no que diz respeito às formas linguísticas usadas para a sua expressão, uma vez que, de língua para língua, pode ser expressa através de diferentes construções, mas, também, dentro da mesma língua, existe a possibilidade de “uma mesma forma ser ambígua entre várias leituras modais” (Oliveira e Mendes, 2013: 625).

Seguindo Oliveira e Mendes (2013), é, por um lado, indubitável o papel dos verbos semiauxiliares modais (*poder, dever, ter (de) e haver(de)*) na expressão da modalidade, mas também os verbos plenos (*saber, crer, precisar (de), obrigar*, entre outros) são capazes de transmitir diversos tipos de valores modais. Ainda no âmbito do uso de formas lexicais de expressar a modalidade, encontram-se os advérbios e as locuções adverbiais (por exemplo, *necessariamente, talvez, provavelmente, certamente*, entre outros), adjetivos (*possível, provável, necessário, duvidoso, obrigatório*, entre outros) e nomes (*possibilidade, probabilidade, necessidade, dúvida*, etc.). Note-se que o presente trabalho se concentra, precisamente, na transmissão da modalidade através do uso de adjetivos.

Os meios morfológicos de expressão de valores modais são, então, segundo as autoras, os modos verbais, alguns tempos gramaticais e, ainda, alguns sufixos derivacionais que possam ter associado um valor modal. Repare-se no caso do sufixo –*vel*, cujo uso modal foi explorado recentemente por Moreira (2015).

Há, também, expressões modais cuja modalidade reside nas “propriedades semânticas das frases ou dos predicadores” (Oliveira e Mendes, 2013: 625), nomeadamente através do uso de frases caracterizadoras. É, ainda, relevante a natureza semântica do predicado, muitas vezes associado a um semiauxiliar modal, que também pode condicionar o tipo de modalidade de uma expressão.

2.2. Categorias básicas da modalidade (Oliveira e Mendes, 2013):

Situando-se sempre nos domínios da possibilidade e da necessidade, patentes em

todas as dimensões da modalidade, Oliveira e Mendes (2013), na linha de Oliveira (200) ou van der Auwera e Plungian (1998), assumem que há diversos valores modais, entre eles o da crença (modalidade epistémica), capacidade ou necessidade interna (modalidade interna aos participantes), obrigação ou permissão (modalidade deôntica), volição (modalidade desiderativa) ou, ainda, a influência de fatores externos, não controláveis pelos participantes (modalidade externa aos participantes). Apesar de o foco do presente trabalho ser, essencialmente, a modalidade deôntica e epistémica, acho fundamental o esclarecimento de todos os tipos de modalidade, para a melhor compreensão da temática em estudo, explicitação que faremos de seguida.

2.2.1. Modalidade Epistémica

A modalidade epistémica está, como já foi brevemente mencionado, relacionada com o domínio do saber e da crença relativamente à possibilidade ou necessidade de ocorrência de uma determinada situação, isto é, pode ser “o grau de certeza/incerteza manifestado pelo falante relativamente à proposição que produz” ou “pelo sujeito de uma frase complexa em relação à verdade da proposição veiculada pela oração subordinada” (Oliveira e Mendes, 2013: 630). Este grau de certeza ou incerteza pode ser maior ou menor, consoante a expressão usada, e pode ter um valor negativo ou positivo, como exemplificado nos exemplos (1) e (2).

- (1) E **tenho a certeza** que acabamos por fazer algo que não estava previsto.
(par=ext328537-clt-93a-2)
- (2) Além disso, **não tenho a certeza** se as coisas funcionarão melhor de uma maneira ou de outra. (par=ext47914-eco-94a-1)

Note-se, ainda, o uso modal do adjetivo *provável*, em comparação com a força modal transmitida pelo adjetivo *possível*.

- (3) Mas se, alguma vez, aparecer um grupo de gente para fazer qualquer coisa pontual, **até é provável** que aceite. (par=ext1116-clt-93b-2)
 - Expressa-se a certeza numa elevada probabilidade de ocorrência do que é veiculado pela

oração.

(4) Para os peões **é possível** fazer passagens na nova estação e na zona actual.

(par=ext632202-soc-97a-2)

- Expressão da possibilidade de ocorrência do que é mencionado no conteúdo veiculado pela oração.

Pode, ainda, distinguir-se o valor de saber¹⁵ ou descrença na verdade da proposição.

(5) E **sei** que estava longe de estar sozinho. (par=ext6656-clt-94b-1)

- Saber (ou conhecimento) do falante na verdade da proposição que produz.

(6) Mas **não creio** que isso esteja directamente relacionado com a protecção ambiental. (par=ext10655-soc-92a-2)

- Descrença do falante relativamente ao conteúdo veiculado pela oração subordinada introduzida por que.

2.2.2. Modalidade Deontica

Esta dimensão da modalidade está associada ao valor de permissão ou obrigação, ou ainda, proibição. Esta modalidade envolve sempre uma entidade sobre a qual os seus valores se aplicam, quer seja do ponto de vista individual, quer do ponto de vista de regras e regulamentos existentes na sociedade.

Assim, este tipo de valor modal pode ter origem num agente, com controlo sobre a situação veiculada, como por exemplo, no caso de um médico a falar para um paciente, ou ter origem em fatores não agentivos, neste caso aproximando-se da modalidade externa, de que falaremos mais adiante. O valor de obrigação veiculado por este tipo de modalidade está associado ao domínio da necessidade, enquanto o valor de permissão, por sua vez, está associado ao domínio da possibilidade.

(7) O Governo Civil também **autorizou** o funcionamento do bar. (par=ext315-soc-

¹⁵ Note-se que o verbo *saber* ilustra um dos significados da modalidade epistémica.

96b-1)

- Valor de autorização, isto é, permissão, veiculado pela entidade *Governo Civil*, tendo como alvo o proprietário do bar.

(8) Agora, se quiseres, **podes** fechar a boca. (*par=ext226561-pol-98a-2*)

- Valor de permissão fraco (acentuado pela expressão “se quiseres”) veiculado pelo falante, que produz a oração, ao seu interlocutor.

(9) «Anda cá meu menino, que **tens de** me contar o resto». (*par=ext78484-soc-96a-1*)

- Valor modal de obrigação forte, veiculado pelo falante, tendo como alvo a entidade designada por *meu menino*.

(10) Quando uma pessoa tem hepatite, os médicos dizem que **deve beber** Coca-Cola por causa do açúcar! " (*par=ext1163168-eco-92b-1*)

Note-se que, neste último caso, relativo à modalidade deôntica, expressa indiretamente, salienta-se que se trata de uma frase genérica, que se aproxima de um regulamento, podendo ter o efeito pragmático de uma recomendação ou conselho, devido ao uso do verbo *dever* que, quando usado para expressar este tipo de modalidade, tem um valor de obrigação fraca.

2.2.3. Modalidade Interna aos Participantes

Este tipo de modalidade está associado, como já foi visto, de forma sintética, aos valores de necessidade ou capacidade interna de uma determinada entidade. Pode subdividir-se, por isso, em inerente ao participante ou aprendida – o primeiro caso envolve uma capacidade do falante, geralmente (mas não obrigatoriamente) física, e o segundo envolve uma capacidade aprendida ao longo da vida – mas ambas podem, também, estar interligadas.

(11) E os outros explicam que **ela consegue** fazer tudo porque é muito

organizada. (*par=ext647272-soc-95a-2*)

- Valor modal de capacidade interna da entidade *ela*, como uma capacidade inerente de organização;

(12) E **ele pode fazer** com que a guerra acabe. (*par=ext198675-nd-91a-2*)

- Valor modal de capacidade interna, designando o facto de que *ele* tem a capacidade de acabar com a guerra (no sentido em que se assume que *ele* é o responsável por tê-la desencadeado) ou, ainda, de ter conseguido que se reunissem as condições necessárias para a resolução de um conflito externo.

(13) A oposição **não sabe fazer** contas, iremos à falência. (*par=ext961908-pol-95b-2*)

- Valor modal de negação da capacidade interna aprendida da *oposição* relativamente a *fazer contas*.

2.2.4. Modalidade Externa aos Participantes

A modalidade externa está relacionada com a necessidade ou possibilidade de determinadas situações ocorrerem, quando motivadas por fatores ou circunstâncias externas, ou seja, que não podem ser controladas, nem pelos falantes, nem pelos sujeitos das orações complexas.

(14) Hoje, **as circunstâncias exigem** de nós uma maior unidade nacional, que é o nosso escudo. (*par=ext610034-pol-94b-2*)

- Valor modal de necessidade de existência de uma maior unificação nacional, devido à existência de fatores externos, não controláveis pela entidade designada por *nós*.

(15) Na sessão de sexta-feira, ao subir para os 2913,91 pontos [...] o índice Dow Jones **permitiu** ganhos da ordem dos 0,95 por cento na semana (*par=ext591-nd-91a-2*)

- Existência de um conjunto de fatores externos (subida do índice de Dow Jones) que permitiram ganhos na ordem dos 0,95%.

2.2.5. Modalidade Desiderativa

Por fim, a modalidade desiderativa está relacionada com uma vontade ou desejo, expressas pelo falante ou pelo sujeito da frase. O domínio da necessidade está, fundamentalmente, relacionado com a expressão de um desejo; por seu turno, o domínio da possibilidade está ligado à ideia de um futuro desejável. Estes dois domínios confundem-se, por vezes, no âmbito da modalidade desiderativa, uma vez que a expressão de um futuro desejável pode ser considerada a expressão do desejo de um determinado futuro (cf. Oliveira e Mendes, 2013). Apesar de esta dimensão de modalidade não ser considerada consensual, alguns autores não utilizando, de todo, esta designação, ela apresenta-se como um caso único, justificando-se assim como adequada.

- (16) Só **espero que** em próximas edições elas não sejam escolhidas em função do seu interesse mediático, mas do seu valor musical. (*par=ext102587-clt-93b-1*)
- (17) Se há sítio mágico e mítico onde **quero ir** é a ilha de Bali. (*par=ext53941-clt-92b-2*)
- (18) Vai passar, **quem me dera** que para o ano o FC Porto tenha sete pontos de avanço a oito jornadas do final do campeonato. (*par=ext460607-des-98a-2*)

Nos exemplos (16) – (18), transmite-se a expressão de um desejo por parte do falante, que produz as orações, nomeadamente veiculados por expressões como *espero* e *quero*, ou, ainda, *quem me dera*.

2.2.6. Casos Especiais (Ambiguidades)

Convém, no entanto, notar que, em diversos casos, são possíveis múltiplas leituras modais, associadas à mesma frase. Esta possibilidade prende-se com diversos fatores, entre os quais se podem incluir a não-explicitação do contexto específico em que uma determinada situação é descrita.

As ambiguidades mais comuns situam-se entre as modalidades deôntica e externa

(cf. Oliveira e Mendes, 2013), nomeadamente no que diz respeito ao controlo (ou não) da situação, pelos participantes.

(19) Este processo exige muito cuidado no manuseamento, pois «o facto de um cartucho cair ou ser esfregado com mais força pode fazer com que rebente.
(par=ext44691-soc-98b-2)

- Modalidade Externa, associada ao facto de a queda de um cartucho poder causar o seu rebentamento, fator que, por si só, não é controlável pelo participante. Note-se, no entanto, que este fator pode ser, de alguma forma, controlável, no sentido em que o participante pode ter “muito cuidado no manuseamento”.

Um outro caso comum de dupla interpretação é entre a modalidade deontica e interna, sendo, por exemplo, o verbo *poder* um caso bastante visível desta ambiguidade, na medida em que pode referir-se à existência ou não de permissão para realizar determinada ação, mas também à própria capacidade do participante de realizar essa ação.

(20) «Ele **pode** correr na meia-final», afirmou o treinador da equipa, Erv Hunt.
(par=ext207244-nd-96b-2)

- Neste caso, o valor modal, também ambíguo, na medida em que pode referir-se à capacidade interna do atleta, que reúne em si as condições necessárias para correr a meia-final, mas também pode dizer respeito à permissão, imposta, neste caso, pelo treinador ao atleta, de correr a meia-final.

Por fim, uma outra duplicidade de sentidos interpretativos, também válida, verifica-se entre a modalidade externa e epistémica, pois deduz-se a existência da probabilidade ou possibilidade de ocorrência de uma determinada situação, dependente da “avaliação de circunstâncias externas, da qual decorre a possibilidade de a situação se concretizar, que possibilita a expressão de certeza ou incerteza por parte do falante” (Oliveira e Mendes, 2013: 637).

(21) Na Holanda isso não é possível porque **pode** chover a qualquer momento.
(par=ext757819-nd-94b-1)

- Podemos ter um valor epistémico, ou seja, a crença de que, na Holanda, existe a possibilidade de chover em qualquer altura; por outro lado, essa crença só pode ocorrer devido à existência de fatores externos, mais especificamente, as condições meteorológicas do local, que permitem que se reúnam as condições necessárias para a queda de chuva.
- (22) Finidi não tem treinado, mas **deve** jogar. (par=ext81375-des-95b-1)
- A expressão *deve jogar* pode referir-se à crença de que existe a possibilidade de Finidi jogar, mas também à existência de fatores externos que permitam a ocorrência dessa situação (por exemplo, a existência de jogadores lesionados).

2.3. Outras classificações de modalidade:

Neste ponto, apresentam-se, de forma breve, algumas propostas alternativas ou complementares à apresentada anteriormente, embora seja uma seleção e não uma apresentação exaustiva.

2.3.1. Palmer (1986, 2001)

Palmer (1986, 2001) adota uma distinção básica entre dois tipos de modalidade, nomeadamente modalidade proposicional e modalidade eventiva. Na realidade, o que o autor acaba por fazer é criar uma “supercategoria” que tem como base uma distinção entre real e irreal, que “divides the world into real and unreal events or situations” (De Hann, 2006: 41). Note-se que, por vezes, na literatura mais antiga, esta divisão pode ser correspondente à distinção entre modo indicativo e modo conjuntivo (cf. Nordström, 2010: 33).

O primeiro tipo de modalidade relaciona-se com “the factual status of the proposition” (Nordström, 2010: 34) e inclui, de um modo geral, a modalidade epistémica e a evidencialidade (cf. Van Linden, 2012: 23). Por sua vez, a modalidade eventiva é “Irrealis in a non-actualized respect” (Nordström, 2010: 34), isto é, refere-se, essencialmente, a eventos que podem ainda não ter ocorrido ou, até, que poderão nunca ocorrer, se não forem atualizados, sendo, portanto, simplesmente potenciais (cf.

Nordström, 2010). Este tipo de modalidade inclui as modalidades deôntica e dinâmica numa mesma subcategoria. Note-se que em estudos anteriores, Palmer (1979) propõe uma distinção entre modalidade epistémica, deôntica e dinâmica, mas já se questionava acerca da adequabilidade do termo modalidade dinâmica, como nota Moreira (2014; 2015), ao afirmar que “Palmer (1979), citing Von Wright (1951), discusses the concept of dynamic modality, which is concerned with abilities and dispositions. Palmer questions whether dynamic modality should be treated as modality at all, since modality is, as proposed by Lyons (1977: 452 *apud* Palmer, 1979: 2), concerned with “opinions and attitudes of the speaker” (Moreira, 2014: 188)

O principal critério que serve de base à classificação de Palmer (1986; 2001) é o da assertividade. Contudo, esta classificação mostra-se insuficiente por ser muito ampla e demasiado vaga.

2.3.2. Kratzer (1981, 2012)

Por sua vez, Kratzer (1981, 2012) propõe uma teoria acerca da modalidade no quadro da semântica de mundos possíveis, isto é, considera que a análise do significado e conteúdo de uma frase deve ser feita a partir da perspectiva de que existem diversas alternativas para a sua interpretação. A autora considera ainda que são cruciais para a compreensão das construções modais três parâmetros: base modal (conjunto de mundos possíveis), fonte de ordenação (dos mundos possíveis acessíveis) e força modal (possibilidade, necessidade) a que acrescenta dois tipos de ‘background’ conversacional: epistémico e circunstancial (cf. Kratzer, 1981). Kratzer considera que as diferentes interpretações modais não são uma questão de polissemia, mas que as diferentes leituras dependem do contexto e, por isso, este aspeto é desenvolvido em Kratzer (1981, 2012), definindo formalmente seis tipos de ‘background’ (realistic conversational background, totally realistic conversational background, empty conversational background, informational conversational background, stereotypical conversational background e deontic conversational background) (cf. Kratzer, 1981, 2012). Assim, a base modal “é responsável por contribuir com as premissas a partir das quais é possível se chegar a certas conclusões” (Moreira, 2015: 108), ou seja, de certa forma, acaba por determinar o tipo de

premissas possíveis em cada tipo de modalidade. Por outro lado, a fonte de ordenação “é responsável por determinar uma ordem aos mundos que compõem a base modal” (Moreira, 2015: 109).

Assim, a interpretação de uma frase no sentido da sua inserção num tipo de modalidade, acaba por ser o resultado conjunto destes dois fatores, uma vez que “a base modal é responsável por prover um conjunto de mundos acessíveis do mundo de avaliação, e a fonte de ordenação é responsável por impor uma ordem nesse conjunto de mundos.” (Moreira, 2015: 113)

A autora vê, assim, a modalidade sempre relativa, porque varia, por um lado, com a variação de dois domínios, o da possibilidade e necessidade, e, por outro, com as diferentes interações possíveis entre os ‘backgrounds’ conversacionais (cf. Kratzer, 1981).

	modal force	modal base	ordering source
<i>muss</i>	necessity	no restrictions	no restrictions
<i>kann</i>	possibility	no restrictions	no restrictions
<i>darf</i>	possibility	circumstantial	deontic, teleological ('in view of certain aims')
<i>soll₁</i>	necessity	circumstantial	bouletic ('in view of certain wishes')
<i>soll₂</i>	necessity	empty	hearsay
<i>wird</i>	weak necessity	epistemic	doxastic ('in view of certain beliefs')
<i>dürfte</i>	weak necessity	epistemic	stereotypical

Figura 1: Tipologia Modal de Kratzer (1981)

Fonte: <http://williamstarr.net/teaching/02.06.pdf> [consult. a 21.11.2017]

2.3.3. Narrog (2005; 2012)

Para Narrog (2005; 2012), o principal critério para a caracterização modal é a factualidade. Realmente, o autor contesta a ideia de que a modalidade deve ser vista a partir das atitudes do falante e da sua subjetividade, uma vez que, na sua opinião, a

consideração a partir dessa perspectiva seria impeditiva para a individualização de categorias ou conjuntos de categorias gramaticais. Assim, ao defender a factualidade, o autor define a modalidade como “a linguistic category referring to the factual status of a proposition. A proposition is modalized if it is marked for being undetermined with respect to its factual status, i.e., neither positively nor negatively factual.” (Narrog, 2012: 6).

Para melhor compreender esta definição, analisemos os exemplos dados pelo autor (Narrog, 2012: 7), em que a primeira proposição não é modalizada, isto é, é positivamente factual, enquanto a segunda já é modalizada, uma vez que não conseguimos retirar dela qualquer informação relativa à factualidade do que é dito.

(23) *The cats are happy now.*

(23a.) *The cats **must** be happy now.*

O autor refere a existência de diversos tipos de modalidade referidos na literatura, nomeadamente a epistémica, deôntica, teleológica, boulomaica, preferencial, interna ao participante, circunstancial, existencial e evidencial. Contudo, na sua obra, propõe uma classificação diferente.

Com efeito, Narrog (2005; 2012) é um autor que perspetiva a modalidade de uma forma um tanto diferente, na medida em que “he sees the modal domain as a two-dimensional semantic space” (Van Linden, 2012: 24), no qual se opõem duas dimensões modais, nomeadamente a volição, que dará origem à modalidade volitiva (à qual se contrapõe a modalidade não-volitiva) e a orientação, quer para o evento, quer para o falante, que originará a modalidade orientada para o evento (à qual se contrapõe a modalidade orientada para o falante). A dimensão volitiva distingue-se da não-volitiva pelo facto de haver uma expressão de vontade e agrupa os tipos de modalidade deôntica e volitiva. Por sua vez, a dimensão não-volitiva, a qual se caracteriza pela não existência de qualquer expressão de vontade, inclui os tipos de modalidade dinâmica, epistémica e evidencial (cf. Van Linden, 2012; Narrog, 2005, 2012).

Por sua vez, a dimensão da orientação, tanto para o evento como para o falante, está

relacionada com as circunstâncias do discurso, isto é, esta dimensão introduzida por Narrog (2005) foca-se, ou num “speaker’s own modal judgement at the time of speech in the given speech situation”, isto é, modalidade orientada para o falante, ou num “modal judgement expressing conditions on a participant of the described event, independent of the speaker and the presente speech situation” (Narrog, 2005, *apud* Van Linden, 2012: 25) ou seja, modalidade orientada para o evento.

Além do já mencionado, o autor compreende que estas duas dimensões não se concentram apenas em dois valores polares opostos, mas, na realidade, cada uma delas pode obter valores modais ao longo de um contínuo, como se fosse um gradiente. Com efeito, e para ilustrar essa ideia, o autor colocou as duas dimensões em dois eixos diferentes, conseguindo, assim, fazer o cruzamento entre as duas.

2.3.4. Van der Auwera e Plungian (1998)

Van der Auwera e Plungian (1998) constroem um mapa semântico, em que sintetizam as suas ideias relativamente à modalidade, tomando como fator fundamental de organização a “attribution of possibility/necessity to the first-argument participant” (Nuyts, 2006, *apud* Van Linden, 2012: 24). A sua classificação organiza-se em quatro tipos de modalidade, nomeadamente deôntica e epistémica, acrescentando, ainda, duas novas categorias, ambas relativas ao participante, designadamente modalidade externa ao participante e interna ao participante. Contudo, os autores compreendem que “in expressions of participant-external and deontic modality, the possibility or necessity is not ascribed to the first-argument participant, as in participant-internal expressions, but to circumstances that are external to the participant” (Van Linden, 2012: 24) e, por isso, colocam a modalidade deôntica dentro da modalidade externa ao participante. Repare-se na imagem seguinte, que ilustra a divisão de Van der Auwera e Plungian.

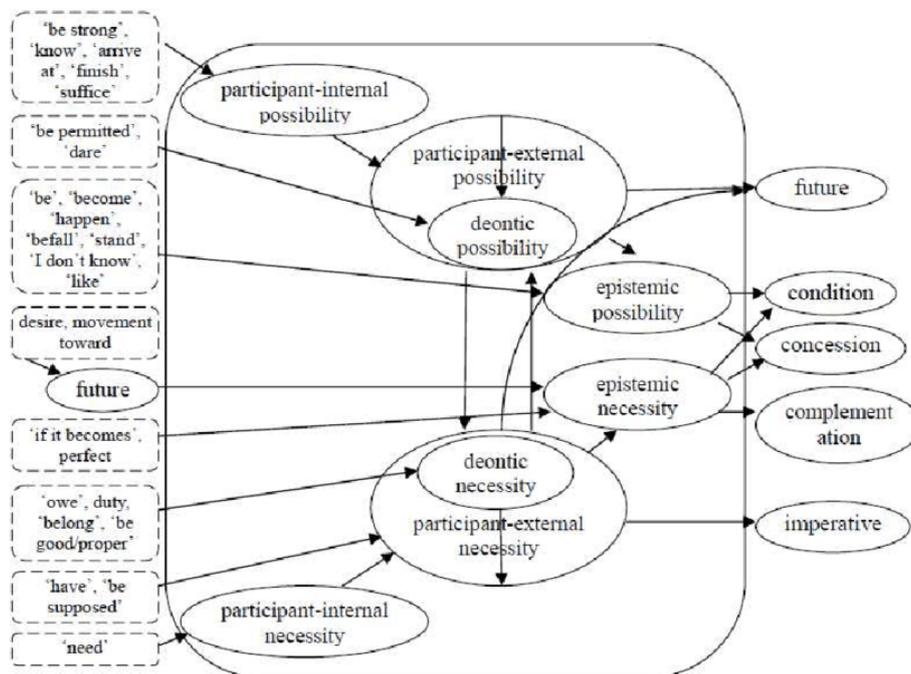


Figura 2: Mapa Semântico da Modalidade (Van der Auwera e Plungian, 1998:98)

Outros autores, como Bybee e Fleischman (1995), propõem uma classificação fundamentalmente diferente, que se divide em dois tipos de modalidade, nomeadamente modalidade orientada para o agente e modalidade epistémica. Contudo, esta classificação foi sendo reinterpretada por outros autores, como De Hann (2006), que a modificou, no sentido de incluir um outro tipo, designadamente a modalidade orientada para o falante, isto é, enfatizando a diferença entre agente e falante, e Van Linden (2012), que, não reconhecendo esta nova categoria criada por De Hann (2006) como uma categoria isolada, concebeu-a como uma subcategoria, pertencente à modalidade orientada para o agente (cf. Van Linden, 2012: 23).

2.3.5. Van Linden (2012)

Van Linden (2012) assume uma classificação tripartida para as categorias modais, considerando, assim, apenas a modalidade deontica, epistémica e dinâmica. A modalidade epistémica refere-se, na visão deste autor, ao grau de probabilidade de

ocorrência de uma determinada situação, que é expresso por uma determinada fonte modal. Van Linden (2012) olha para a modalidade epistêmica como uma categoria atitudinal, uma vez que mede o grau de comprometimento da fonte relativamente à situação em causa, tendo sempre como base argumentos externos a essa mesma situação.

Relativamente à modalidade deôntica, o autor acaba por, de certa forma, redefinir este conceito, afastando-se dos valores tradicionais associados a este tipo de modalidade, herdados da lógica modal, “in which obligation is characterized as ‘deontic necessity’, and permission as ‘deontic possibility’” (Van Linden, 2012: 16). Van Linden (2012) considera que deve haver uma distinção entre os conceitos de obrigação e permissão do conceito de desejabilidade de um determinado estado de coisas, no sentido de separar dois objetivos comunicativos distintos, isto é, por um lado, o sentido diretivo, ou seja, portador de uma determinada força ilocutória, e, por outro, o sentido conceptual. Van Linden (2012), baseando-se noutros autores, como Nuyts, Bybloe e Diepeveen (2005), classifica a modalidade deôntica como “an attitudinal category in the qualification domain” (Van Linden, 2012: 18), já que existem determinadas expressões, tradicionalmente incluídas na modalidade deôntica, que podem não conceder qualquer tipo de permissão, nem impor qualquer tipo de obrigação, mas sim, meramente, indicar o grau de desejabilidade de um determinado estado de coisas (cf. Van Linden, 2012: 18), de acordo com princípios morais inerentes aos participantes.

Por fim, quanto à modalidade dinâmica, observa que “the term should apply to all indications of abilities/possibilities, or needs/necessities inherent in agents or, more generally, participants of actions (which are not necessarily syntactic subjects) or in situations” (Van Linden, 2012: 13). O autor entende, ainda, que deve haver uma divisão deste tipo de modalidade em três subcategorias, designadamente modalidade dinâmica inerente ao participante, modalidade dinâmica imposta ao participante e, ainda, modalidade dinâmica situacional. A primeira subcategoria relaciona-se com a “ascription of abilities/capacities or needs/necessities to the first-argument participant, which is usually the agent (Nuyts, 2006 *apud* Van Linden, 2012: 14), que, a maior parte das vezes, é o sujeito. A segunda subcategoria refere-se também a habilidades/capacidades ou necessidades do falante, mas que, aqui, são “determined by the local circumstances (and

which may thus be partly beyond the power and control) of the participant” Nuyts, 2006 *apud* Van Linden, 2012: 14). Por fim, na consideração do autor, a terceira subcategoria distingue-se por indicar “a potential or a necessity/inevitability inherent in the situation described in the clause as a whole”, podendo, até, não envolver qualquer participante (cf. Van Linden, 2012: 15).

Van Linden (2012) sintetizou algumas das tipologias modais existentes, apresentando uma síntese que me parece bastante adequada e que apresento de seguida, pois fornece informação esquematizada acerca do que foi sendo explicitado até aqui.

Nuyts, 2005, 2006		Palmer 2001		Coates 1983	Bybee et al. 1994	Van der Auwera and Plungian 1998
volition		volitive		volition	volition	
dynamic	participant-inherent	dynamic	abilitive	ability	ability	participant-internal
	participant-imposed			necessity; root possibility	necessity; root possibility	participant-imposed
	situational					with part.
deontic		?		?	?	?
directive		deontic	permissive; commissive; obligative	obligation; permission	ag/sp-or obligation; permission	deontic
epistemic		propositional modality	epistemic	non-inferential	epistemic	epistemic
evidential	inferential (reasoned)			deductive		inferential
	hearsay; experiential		reported; sensory			
boulomaic						

Figura 3: Visão geral do domínio modal e das suas categorias conceptuais (retirado de Van Linden, 2012: 26).

2.4. Síntese

Neste capítulo, explora-se a temática da modalidade, cuja compreensão é essencial para esta dissertação, uma vez que se encontra diretamente ligada ao tema que me propus estudar, isto é, os adjetivos modais.

A primeira dificuldade no que diz respeito ao estudo da modalidade prende-se com a definição do seu conceito. De facto, as perspetivas que existem são diversas, bem como são vários os autores que se debruçam sobre este assunto e, por isso mesmo, as definições e conceitos possíveis para a modalidade são imensos. Essa foi a razão que me motivou a tentar chegar a uma definição de modalidade, na primeira parte desta secção, com o objetivo de clarificar este conceito, bem como esclarecer qual a classificação a seguir.

Desta forma, recorrendo aos trabalhos de Oliveira (1988, 2000) e Oliveira e Mendes (2013), que se debruçaram sobre a modalidade tendo como foco os verbos modais e que a perspetivaram como uma forma linguística de exprimir atitudes, subdividindo-a em várias categorias modais, adotei, neste trabalho, essa mesma classificação. Contudo, antes de analisar esta proposta, pareceu-me fundamental fazer uma breve aproximação às diversas formas de expressar, linguisticamente, a modalidade (cf. 1.2).

De seguida, são apresentadas, efetivamente, as categorias básicas da modalidade de Oliveira (2000) e Oliveira e Mendes (2013), nomeadamente, modalidade epistémica e deôntica (divisão geralmente consensual entre os semanticistas estudados), mas também as modalidades interna e externa ao participante e, por fim, modalidade desiderativa, dimensão essencialmente relacionada com desejo e volição. Todos os tipos de modalidade são, ao longo desta secção do capítulo, acompanhados de exemplos, necessários para a melhor compreensão das diversas dimensões modais. Apresenta-se, ainda, na parte final desta exposição, um conjunto de casos especiais em análise.

Por fim, reservei, para a parte final do capítulo, uma seleção de propostas alternativas, que, embora reconhecendo o seu interesse, não adoto, já que a proposta de Oliveira e Mendes (2013) me parece ser a mais adequada ao português. A apresentação deste conjunto de opções possíveis para a classificação da modalidade foi fundamental, não só para compreender a complexidade da temática em estudo, mas também a

diversidade de autores e perspectivas a ela associadas, dando, ainda, uma noção de como está, atualmente, a modalidade a ser tratada, atualidade essa que se encontra representada, essencialmente, nos trabalhos de Van Linden (2012). Expõem-se, por fim, e de forma breve e muito sumária, as propostas de Palmer (1986, 2001), Narrog (2005, 2012), bem como as propostas de Kratzer (1981), Van der Auwera e Plungian (1998) e Van Linden (2012).

Capítulo 3. – Para uma caracterização semântica dos adjetivos adverbiais modais

Os adjetivos modais do tipo analisado neste estudo são, ainda, muito pouco estudados, não só no contexto da língua portuguesa, como para outras línguas. Este capítulo trata a análise de um conjunto de adjetivos modais, *possível*, *necessário*, *provável*, *desejável* e suas negações, e, ainda, *obrigatório*, *proibido* e *permitido*, incidindo o seu estudo semântico sobre alguns aspetos fundamentais para caracterizar estes adjetivos: a posição que ocupam na frase, a sua combinação com a negação e as questões associadas à escalaridade.

3.1. Adjetivos modais e a posição que ocupam na frase

O primeiro parâmetro que me propus estudar foi a posição que os adjetivos em estudo poderiam ocupar na frase. É de notar que, tal como Ferreira (2013) tinha já enfatizado, este parâmetro, sendo essencialmente sintático, tem repercussões importantes na interpretação semântica que atribuímos a um determinado enunciado, isto é, “a mudança de posição pode provocar não só mudança de sentido mas também a relação que estabelece com o nome” (Ferreira, 2013: 77), pelo que se torna relevante estudá-lo.

Demonte (1999) faz já notar que “los adjetivos intensionales (modales, orientados al hablante, etc.) sólo van antepuestos” (Demonte, 1999: 190), o mesmo acontecendo para os adjetivos adverbiais marcadores da intensão ou referência, chamando, ainda, a atenção para o facto de, no caso de estes últimos adjetivos se apresentarem pospostos ao nome, se tratem “de una forma calificativa homófona”, isto é, tratando-se de adjetivos qualificativos, atribuem propriedades ao nome e não, como é típico dos modais, qualificando sobre a forma como um determinado conceito se pode aplicar ao nome (Demonte, 1999: 207).

Convém assinalar, contudo, que o estudo realizado por Demonte (1999) se concentrava na língua espanhola. Veja-se, então, o que se passa em relação ao Português Europeu (PE), foco deste trabalho.

3.1.1. Adjetivos modais em posição atributiva

Os exemplos recolhidos permitem confirmar que, ao contrário do que acontece na língua espanhola, os adjetivos modais, em PE, aceitam a posição atributiva, tanto antepostos ao nome, como pospostos. Repare-se nos exemplos, recolhidos do *corpus* do português CetemPúblico, para o adjetivo *possível*.

(1) A rede viária moderna e a **possível reestruturação** do caminho-de-ferro, em coordenação com o transporte marítimo, criarão potencialidades adicionais. (*par=ext81964-eco-97a-2*)

(2) Na semana passada, o Presidente De Klerk deu uma **resposta possível**. (*par=ext1182983-nd-93a-2*)

Com efeito, no primeiro caso, o adjetivo encontra-se anteposto ao nome *reestruturação*, no segundo, pelo contrário, encontra-se posposto ao nome *resposta*. O mesmo acontece para os restantes adjetivos estudados.

Este comportamento mostra que, em PE, os adjetivos modais, quando em posição atributiva têm uma certa flexibilidade no que respeita à posição que podem ocupar relativamente ao nome, podendo, assim, encontrar-se à esquerda ou à direita deste.

Parece-me, contudo, relevante, acentuar que existem diferenças interpretativas associadas à diferença entre a posição do adjetivo relativamente ao nome, isto é, o adjetivo pode combinar-se com o nome, situando-se à sua direita ou à sua esquerda, mas esta localização irá refletir-se no significado que atribuímos ao enunciado. Assim, como tinham já notado Cunha e Cintra (1984), a ordem direta ([N+ADJ]) parece veicular um significado bastante mais ‘objetivo’ do enunciado, enquanto a ordem inversa transmite, pelo contrário, uma significação ‘subjativa’ (cf. Cunha e Cintra, 1984).

Repare-se, em (3), a posição atributiva pré-nominal terá a leitura de que existe uma determinada probabilidade de uma candidatura intermunicipal. Já em (4), a posição do adjetivo, posposto ao nome, parece conduzir a uma leitura ligeiramente diferente, já que a probabilidade parece incidir mais sobre a constituição da equipa e não sobre o nome *equipa*, por si só.

- (3) A instalação dos eléctricos rápidos poderá ser financiada, na ordem dos 90 por cento, pelos fundos comunitários provenientes do pacote Delors II, na sequência de **uma provável candidatura** intermunicipal. (*par=ext1060755-soc-93a-2*)
- (4) **A equipa provável** do Chaves é a seguinte: Arteaga; Hilário, Barbosa, Luisão, Jorginho e Morgado; Toniño, Carlos e Seba; Ricardo Lopes e Joel. (*par=ext1360634-des-98b-2*)

Convém assinalar que, se substituirmos *provável* por outros adjetivos de cariz epistémico, por exemplo, *possível*, verifica-se que, retomando os exemplos anteriores, dizer *uma candidatura possível* não levanta quaisquer problemas de gramaticalidade, mas o mesmo não acontece para *a equipa possível*. A justificação para este facto pode estar relacionada com a existência de uma alteração de modalidade. De facto, no caso do exemplo (4), fazer menção à *equipa possível* vai alterar a leitura interpretativa, pois remete para modalidade externa ao participante, isto é, existe um conjunto de fatores – por exemplo, haver jogadores lesionados - que levou a que aquela fosse a equipa que foi possível reunir para o jogo. Por outro lado, pode, também, contribuir para esta interpretação o facto de *candidatura* se tratar de uma nominalização, enquanto *equipa* não o é.

3.1.1.1. O caso dos adjetivos representativos da modalidade deôntica

Tendo em conta os exemplos anteriores, é possível afirmar que os adjetivos modais, aparentemente, aceitam bem a posição atributiva. Todavia, o presente estudo, ao contemplar, também, adjetivos modais representativos da modalidade deôntica, mostra que os resultados anteriores não são extensíveis a todos os tipos de modalidade uma vez que, precisamente, os adjetivos que representam o domínio da modalidade deôntica têm um comportamento bastante mais restritivo relativamente a este parâmetro. Estes adjetivos, com efeito, não aceitam a posição anteposta, isto é, dificilmente irão encontrar-se à esquerda do nome. De facto, dos três adjetivos modais deônticos analisados,

*obrigatório, proibido e permitido*¹⁶, apenas o primeiro aceita esta posição na frase. Ainda assim, é importante enfatizar que, embora *obrigatório* se possa combinar com o nome ocupando a posição à sua esquerda, esta construção é rara e pode, até, causar algum estranhamento aos falantes, uma vez que não faz parte do uso habitual deste adjetivo.¹⁷ Apresentam-se, de seguida, os exemplos analisados.

- (5) Mesmo depois do acidente, os trabalhadores continuavam a não usar o **obrigatório capacete de protecção**. (*par=ext225531-soc-94b-1*)
- (6) O **ensino obrigatório** de 9 anos, por exemplo, deu uma lógica completamente diferente ao ensino secundário da que existia há 10 anos. (*par=ext44904-soc-93a-2*)

Reparamos que, no caso do exemplo (5), a combinação segundo a ordem [Adjetivo + Nome] é aceitável, não acarretando qualquer agramaticalidade. Contudo, ao analisar o exemplo seguinte, em que o adjetivo aparece posposto ao nome, numa construção que não causa nenhum tipo de estranheza, concluímos que, se tentarmos manipular o exemplo de forma a alterar a ordem da construção entre adjetivo e nome, a frase se torna agramatical:

- (6a.) *O **obrigatório ensino** de 9 anos, por exemplo, deu uma lógica completamente diferente ao ensino secundário da que existia há 10 anos.

Assim, considero viável assumir que, apesar de ser possível e existir na língua portuguesa, a anteposição de *obrigatório* ao nome, esta parece ocorrer raras vezes, pelo

¹⁶ Neste trabalho, analisamos a ocorrência destas formas como adjetivos. No entanto, *proibido* e *permitido* têm a mesma forma que os respetivos participios, podendo, em certos casos, comportar-se como tal; nomeadamente em orações passivas eventivas, em que “descrevem tipicamente situações dinâmicas, i.e., em que uma das entidades sofre alguma mudança” (cf. Duarte, 2013: 437). Esta situação está exemplificada em seguida:

(i) Em consequência disto, o repórter SIC / TSF **foi proibido de** prosseguir o seu trabalho em Jacarta. (*par=ext5524-pol-92b-1*)

¹⁷ Após uma pesquisa na base de dados utilizada, foram encontradas apenas 50 ocorrências deste tipo de construção, em contraposição com as mais de 590 ocorrências da ordem oposta, isto é, do nome seguido do adjetivo *obrigatório*, em posição atributiva.

que não se deverá tratar de um uso frequente pelos falantes da língua.

Levantam-se, aqui, duas questões. A primeira é saber qual o efeito de significado que a alteração da posição provoca. A segunda é compreender por que razão, em alguns casos, podemos alterar a ordem, sem que haja problemas de gramaticalidade, como acontece em (5), em que podemos dizer *o capacete de proteção obrigatório*, mas isto não acontece noutros casos, como, por exemplo, em (6). Uma resposta plausível pode ter a ver com o tipo de nome com o qual o adjetivo se combina. Com efeito, sempre que um nome já tem complementos ou modificadores, do tipo *capacete de proteção* (outros exemplos incluíam nomes como *controlo médico, rigor científico, material de escalada*, entre outros), a anteposição é viável. Nestes casos, a escolha para esta posição pode ter a ver com a informação transmitida, colocando-se o foco na obrigatoriedade.¹⁸ Note-se que, no exemplo (6a), se o adjetivo modificasse o conjunto *ensino de 9 anos*, a anteposição seria já admissível, confirmando-se o que foi dito. Nos casos em que a anteposição está vedada, parece haver uma tendência para a combinação do adjetivo com nominalizações (*ensino, registo*), embora nem sempre.

3.1.2. Adjetivos modais em posição predicativa

A posição predicativa apresenta-se como uma opção bastante mais flexível do que a atributiva. Realmente, todos os adjetivos em estudo, incluindo os de modalidade deôntica que, como foi já visto, são bastante mais restritivos relativamente à posição atributiva, aceitam, sem qualquer problema, a posição predicativa na combinação com o nome. Apresento, de seguida, alguns dos exemplos analisados, para cada um dos adjetivos¹⁹.

(7) Ao fim da tarde de ontem não foi **possível** obter o comentário da ACAP.
(par=ext1098775-eco-92a-2).

¹⁸ Note-se a diferença relativamente a *o capacete de proteção obrigatório*, em que a informação focada recai sobre o capacete de proteção e não a obrigatoriedade em si.

¹⁹ Faço notar que os exemplos utilizam contextos oracionais como sujeito, embora não contemplemos, neste estudo, o impacto que o tipo de sujeito pode ter no sentido modal que retiramos das frases.

- (8) Mas como, entretanto, em Março, o Governo constituiu um novo grupo de trabalho, que apenas integra gente do Executivo, **é provável** que a reunião de hoje sirva para debater a extinção de quem a convocou... (*par=ext1350425-nd-96a-2*)
- (9) E antes de serem usados outra vez, **é necessário** verificar o seu estado de conservação. (*par=ext6002-clt-soc-93b-1*)
- (10) Os Estados Unidos compreendem que **é desejável** que as negociações decorram num clima de estabilidade e tranquilidade. (*par=ext1238162-pol-96a-2*)
- (11) A nível legal, **é permitido** aos políticos pedirem o apoio financeiro de empresas, desde que não ofereçam favores em troca. (*par=ext327614-pol-92a-2*)
- (12) Oferecer discos no Natal a quem gosta de música **é obrigatório**. (*par=ext1336573-clt-92b-1*)
- (13) Para o mal de alguns, nos debates televisivos, como em alguns exames, **é proibido** fumar. (*par=ext601548-pol-95b-1*)

Com efeito, os exemplos (7)-(13) permitem concluir que todos os adjetivos modais estudados aceitam a posição predicativa, o que inclui, também, os adjetivos modais deônticos, já que esta posição permite a transmissão de valores de permissão, obrigatoriedade ou proibição, ou seja, valores normativos, mesmo quando não está expressa a fonte ou o alvo de tais valores.

3.2. Adjetivos modais e a negação

3.2.1. Reflexões acerca da negação

A negação é, também, um relevante parâmetro de estudo, na medida em que o comportamento dos adjetivos modais difere quando estes se encontram em construções na negativa. Esta diferença de comportamento ocorre, não só relativamente às formas correspondentes em construções afirmativas, mas também entre os diferentes adjetivos

em estudo.

De acordo com Matos (2003), “podemos caracterizar a negação nas línguas naturais como uma operação que, actuando sobre uma expressão linguística, permite denotar quer a inexistência da situação ou entidade originariamente reportadas por essa unidade, quer o valor oposto da propriedade ou quantidade por ela designadas” (Matos, 2003: 769). Peres (2013), por outro lado, define a negação recorrendo à noção de pertença de uma determinada entidade a um dado conjunto de entidades. Por outras palavras, o autor refere que, relativamente a certa propriedade, uma entidade pode caracterizar-se por apresenta-la, pertencendo assim ao grupo de entidades que possuem essa propriedade, ou, alternativamente, a entidade pode não apresentar a propriedade em questão e, desta forma, pertencer a um conjunto complementar, tratando-se este do conjunto das entidades que não possuem a propriedade (cf. Peres, 2013: 461).

Certo é que, independentemente do mecanismo que utilizam para definir a negação, os dois autores mencionados concordam no que respeita ao sistema de valores opostos, positivo ou negativo, presentes nas construções de uma determinada língua. Se Matos (2003) se refere a estes valores como designadores de polaridade, ora positiva, ora negativa, Peres (2013) considera os valores na linha de pensamento que explicitamos no parágrafo anterior, isto é, o valor positivo representa a pertença de uma entidade a um conjunto e, de forma similar, o valor negativo indica a não pertença a um conjunto. As propostas dos autores coincidem, também, no facto de considerarem que, em Português, o valor marcado é o negativo, isto é, “requer explicitamente a presença de elementos negativos” (Matos, 2003: 770).

Matos (2003) analisa estes elementos negativos, subdividindo-os em dois tipos; por um lado, os marcadores de negação, que incluem as partículas *não*, *nem* e *sem*, e, por outro lado, os quantificadores negativos, que têm polaridade negativa inerente, incluindo, essencialmente, expressões negativas do género *nada*, *nenhum*, *ninguém*, *nunca*, *jamais*. Relativamente aos primeiros, a autora conclui que estes podem ter escopo sobre toda a frase (caso em que a frase será negativa) (cf. (14)), apenas sobre uma unidade lexical (caso em que a frase se manterá afirmativa) (cf. (15)), ou, por fim, sobre um grupo sintagmático (caso em que o contexto é essencial para definir se a frase é afirmativa (cf.

16) ou negativa (cf. 17), pois só será negativa se o marcador tiver escopo sobre o SV) (cf. Matos, 2003).

(14) O João **não** viu a Maria.

(15) Ele **des**conhecia que tinha ganho uma viagem às Canárias e nós também.
(cf. *também não).

(16) [**Sem** grande dificuldade] ele resolveu a questão e o Pedro também. (cf. *também não)

(17) [**Nem** todas as crianças] apreciam filmes de banda desenhada e muitos adultos também não (cf. *também).

De forma mais alargada, Peres (2013), subdivide a negação em sintática (negação através de uma construção negativa, com recurso a operadores de negação – *não*, *nem* e *sem*), morfológica (negação através de recurso a morfemas negativos, como *im-*, *in-* ou *des-*), lexical (negação através do recurso a antónimos do género *bom/mau*) e morfossintática (uso de expressões negativas, construídas através das partículas *não* ou *sem* em combinação com unidades lexicais). Assim, a classificação do autor engloba, dentro da negação sintática, vários subgrupos. Num primeiro nível, é feita uma divisão entre negação oracional, que se refere essencialmente ao uso de marcadores de negação, e negação de constituintes, que diz respeito a “uma grande variedade de construções formadas por um operador negativo aplicado a um constituinte sintático de valor positivo” (Peres, 2003: 468). Num segundo nível, estes grupos estendem-se para incluir outros, isto é, a negação oracional contém em si a negação oracional simples, de subordinação e de coordenação, e a negação de constituintes inclui negação do SV, a negação quantificacional e, ainda, a negação nominal com a partícula *sem*.

Existe, ainda, a chamada de atenção para construções negativas especiais, em particular a dupla negação, a negação reforçada e a negação expletiva. De facto, como mecanismo para anular o efeito negativo, a dupla negação caracteriza-se pelo uso de dois operadores negativos que, em conjunto, se anulam, dando um carácter afirmativo à frase (estruturas do género *não sem*, *não deixa (de)* e *sem deixar (de)*) (Peres, 2003: 479). Da

mesma forma, podemos anular o ato de negar, se recorrermos à negação expletiva, isto é, utilizando operadores negativos esvaziados do seu conteúdo de negação, ou seja, sem impacto semântico na frase. Note-se o exemplo seguinte, retirado de Matos (2003: 785):

(18) A quantidade de coisas que eu já **não** li por causa desse assunto!

Com efeito, a frase anterior contém em si o marcador negativo *não*, mas o sentido da frase é afirmativo, isto é, o que realmente se pretende dizer é que já se leu uma grande quantidade de coisas por causa daquele assunto.

Por fim, uma forma de reforçar a negação, pode ser a utilização de dois operadores negativos, em que “o operador negativo que ocupa a posição pré-verbal é repetido no final da mesma frase, o que distingue a negação reforçada de uma reiteração proposicional discursiva” (Peres, 2013: 480). São exemplos deste tipo frases do género de (19) e (20), retiradas do trabalho de Peres (2013).

(19) A – Sabe que horas são?

B1 – Não sei, *não*.

(20) A – Vai chover!

B – Não vai *nada* chover.

3.2.2. Mecanismos de negação dos adjetivos modais

3.2.2.1. Prefixação

A construção de frases com adjetivos modais na negativa pode ser feita com recurso a duas estratégias. Em primeiro lugar, verifica-se a possibilidade de recorrer ao uso das formas negativas dos adjetivos, através da utilização de prefixos de negação do tipo *im-*, como em *impossível*, ou *des-*, como em *desnecessário*. Todavia, é importante ressaltar que essa opção não é adequada para todo o tipo de adjetivos modais, já que, dos adjetivos estudados, os deônticos rejeitam a construção negativa através do recurso a prefixos de

negação. Porém, os restantes adjetivos em análise, além dos já mencionados *impossível* e *desnecessário*, aceitam esta construção, isto é, *provável* pode originar o adjetivo negativo *improvável*, da mesma forma que *desejável* origina o adjetivo negativo *indesejável*.

Para os adjetivos que aceitam esta construção, ela pode ocorrer tanto em posição atributiva, antes do nome (21) ou depois (21a) como em posição predicativa (22).

(21) sobrinha de Marilyn e que tem **o improvável nome** de Mona Rae Miracle
(...). (par=ext896362-clt-94a-1)

(21a) Em qualquer dos casos, **o herói improvável** de «Batalhas Decisivas» capaz de agradar a gregos e a troianos (...) não é outro senão o ex-presidente Mao.
(par=ext1314303-clt-91b-2)

(22) «Por vezes **é impossível** resistir a um desejo. " (par=ext1813-clt-92a-1)

3.2.2.2. Construção Perifrástica

Existe, ainda, uma estratégia construtiva que se pode adotar, mais precisamente, o recurso à combinação direta do adjetivo adverbial modal que se quer negar com o advérbio de negação *não*, ou seja, para negar o adjetivo *desejável*, por exemplo, podemos utilizar uma construção do tipo *não desejável*, como demonstrado no exemplo seguinte.

(23) Qualquer alteração substancial não seria a mais adequada ao país e ao contexto que temos, para além de que podia introduzir uma querela constitucional **não desejável**. (par=ext1415088-pol-93b-2)

Convém chamar a atenção para os trabalhos de Horn (1989), autor que nota que, apesar de as línguas disporem de diversas formas de transmitir uma ideia, nem sempre essas formas são exatamente equivalentes ou correspondentes entre si. Com efeito, relativamente aos adjetivos prefixados mencionados acima (por exemplo *improvável* ou *impossível*), o autor prevê, segundo um princípio (*Avoid Synonymy*) de Kiparsky (1983), “the narrowing of the semantic domain of such derived adjectives as *unhappy* and

unintelligent in such a way that their meanings are palpably different from (and, in particular, weaker than) those of the corresponding underived *sad* and *stupid*.” (Horn, 1989: 279).

Realmente, acerca desta temática, Horn (1989) discute as diferenças na interpretação de frases como a presente acima (cf. 23) e frases cujo adjetivo se encontra prefixado. Assim, o autor defende que construções perifrásticas do tipo *não provável* deverão ter uma interpretação ambígua entre *não é provável* ou *é provável que não*. Esta interpretação contrasta com as construções do tipo *improvável*, que apenas pode ter uma leitura de *é provável que não*. (cf. Horn, 1989: 266).²⁰

A aplicação ao Português é, como se verá adiante, um pouco mais complexa, porque existem diversas posições para a colocação do operador de negação em combinação com o adjetivo modal e, por essa mesma razão, as interpretações serão bastante mais variadas. Além disso, a construção da negação através da construção perifrástica (Não+Adjetivo modal) vai originar resultados diferentes para as posições atributiva e predicativa.

3.2.2.3.1. Construção da negação em posição atributiva

De facto, e como se pôde observar anteriormente, a posição atributiva é mais restritiva e, por isso mesmo, também este tipo de construção negativa será afetado por restrições de posição. Para comprovar esse facto, centremo-nos no adjetivo *possível* que, em posição atributiva, não aceita a combinação direta com *não*, isto é, não existem construções do tipo *o não possível jogo*. Realmente, os dados recolhidos dão conta do facto de que a combinação direta entre *não* e *possível* só ocorre em construções conjuntivas do tipo *é ou não possível*, como se verifica no exemplo (24). Note-se que, neste caso, embora, à primeira vista, aparente tratar-se de posição atributiva, é, na realidade, predicativa, com elipse do verbo copulativo.

²⁰ Acerca deste assunto, o autor considera que “this pattern extends to the deontic analogues of improbable and unlikely: undesirable and inadvisable are unambiguously inner negations ({desirable / advisable} . . . n o t . . .), while their periphrastic counterparts not desirable and not advisable are ambiguous” (Horn, 1989:266).

(24) Os especialistas continuam sem saber se **é ou não possível** uma transmissão do vírus de pessoa para pessoa. (*par=ext265433-soc-97b-2*)

Em posição atributiva, apenas o adjetivo *possível* apresenta esta dificuldade na construção da negação. Os restantes adjetivos, com efeito, compatibilizam-se com este mecanismo de negação, estando o fenómeno representado, a título de exemplo, seguidamente.

(25) Caso o não sejam, mas sendo reconhecido o direito de ingerência sem ser a título absolutamente excepcional e, por assim dizer, a título **não desejável**, o pretexto do direito de ingerência pode tornar-se um novo estandarte de ditadores fanáticos que passarão a considerar como «humanitários» todos os motivos e mais alguns. (*par=ext1048783-pol-92b-1*)

3.2.2.3.2. Construção da negação em posição predicativa

Relativamente à construção da negação em posição predicativa, sendo esta mais flexível do que a posição atributiva, permite mais tipos de construções e mais possibilidades de combinações.²¹ Repare-se que, não só é possível, igualmente, a construção através do prefixo de negação, conforme mostra o exemplo (26), mas também a negação desta construção, como demonstra o exemplo (27)²².

(26) E penso que, se assim for, **é improvável** que ocorram no futuro, no sentido de que o choque chega à fronteira portuguesa e não passa para o outro lado. (*par=ext35919-nd-98a-1*)

(27) Mas **não é improvável** que, numa nova eleição, venha a obter resultados igualmente bons. (*par=ext1413225-nd-92a-1*)

²¹ É de notar que a posição atributiva permite, apenas, a construção através do prefixo de negação ou da combinação direta com o adverbial *não*, numa ordem específica do tipo exemplificado em (i).

(i) Em troca, a Olivetti ganhava vantajosos contratos que lhe terão permitido até vender material **não necessário**, a preços mais altos do que o estabelecido. (*par=ext249535-pol-93b-4*)

²² Novamente faço notar que os exemplos de (26)-(30) têm como contextos oracionais como sujeito.

Por outro lado, pode, também, adotar-se uma estratégia construtiva que passa apenas pela negação do adjetivo modal, através do advérbio de negação *não*. Tenha-se em conta o exemplo (28), que ilustra este tipo de estrutura.

(28) Mas **não é provável** que esta colaboração se concretize nestes termos.
(*par=ext74955-soc-92b-3*)

As opções não terminam, contudo, aqui. A posição predicativa é, ainda, compatível com outras estratégias para construir a negação. No exemplo (29), a frase transmite, através de uma afirmação, uma ideia negativa. Repare-se que o verbo predicativo *ser* se encontra na forma afirmativa, o mesmo acontecendo com o adjetivo adverbial *provável*, mas, imediatamente a seguir, a ideia transmitida é de negação, dada pelo advérbio *não*, seguido do verbo *assistir*. Dessa forma, o escopo da negação é o grupo [SV].

(29) **É provável não** assistir a esse momento de rotura, nem os meus filhos, nem os filhos dos meus filhos - e o problema é mesmo esse.²³

Por fim, existe uma última forma de apresentar a negação, em posição predicativa, que se refere à ordem [Verbo Predicativo + Não + ADJ], isto é, tratam-se de construções do tipo “ser não provável”, por exemplo.

(30) A mesma fonte diz que **é não provável** que Adel vá substituir Bin Laden como chefe inquestionado da organização.²⁴

Este último formato não é, no entanto, tão facilmente encontrado como os restantes.²⁵ Com efeito, não só a pesquisa revelou um escasso número de exemplos, como

²³Ferreira, P. (2016, Junho 7). Guerra Global. *Jornal de Notícias*. Disponível em <https://www.jn.pt/opiniao/paula-ferreira/interior/guerra-global-5214538.html> [Consult. 28.11.2017]

²⁴ (s.a). Al-Qaeda nomeia “interino”. *RTP Notícias*. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/al-qaeda-nomeia-chefe-interino_n442959 [Consult. 28.11.2017]

²⁵ Na realidade, o exemplo apresentado para ilustrar esta estrutura negativa (cf. 30), foi o único encontrado, não só através de uma pesquisa no CetemPúblico (em que não houve registo de qualquer ocorrência), mas

também, em alguns casos, os exemplos dificilmente eram aceitáveis ou, noutros, tratavam-se de ocorrências derivadas de erros de ortografia, pelo que não se puderam aceitar. Desta forma, mesmo os exemplos que consideramos adequados para análise parecem causar alguma estranheza, na medida em que, não sendo agramaticais, não parecem fazer parte dos hábitos linguísticos dos falantes. Repare-se, por exemplo, no caso de (31), em que a ordem de palavras escolhida parece causar alguma estranheza, uma vez que, nas mesmas condições, a escolha da maioria dos falantes deveria recair na ordem “não é possível”, o mesmo acontecendo para o caso de *necessário* (cf. 32).

(31) «Comprar uma casa exige sempre uma decisão mais reflectida e ponderada e isso **é não possível** nos leilões»²⁶.

(32) E um i5 desktop tem sensivelmente a mesma performance de i7 mobile, um i7 desktop se é para jogos **é não necessário**, podes reduzir substancialmente no preço ao ir para um i5 no Clevo.²⁷

Por outro lado, esta ordem parece bastante mais aceitável nos exemplos seguintes, (33) – (35), talvez por se tratar de adjetivos que expressam outros tipos de modalidade, nomeadamente desiderativa e deôntica. Verifica-se, então, que este tipo de construção é incompatível com adjetivos representativos de modalidade epistémica (*possível, provável e necessário*).

(33) Nesse modelo, como o produto **é não desejável**, a técnica DEA foi utilizada para obter a fronteira ineficiente ou invertida.²⁸

também através do recurso a uma pesquisa complementar no motor de busca Google, em que foi requerida a exata ordem de palavras “é não provável”. Com efeito, a pesquisa relativamente a este último formato de negação, para a posição predicativa, teve de ser realizada, toda ela, no Google, uma vez que o CetemPúblico, também pelo facto de se tratar de um Corpus datado, não tem registada nenhuma ocorrência.

²⁶ Pinto, S. P. (2009, Março 13). Casas: Vamos ser obrigados a baixar mais os preços. *TVI24*. Disponível em <http://www.tvi24.iol.pt/habitacao/permuta/casas-vamos-ser-obrigados-a-baixar-mais-os-precos> [Consult. 28.11.2017]

²⁷ “senso”. (2015, Setembro 30). [Comentário em fórum de discussão]. Disponível em <https://forum.zwame.pt/threads/msi-gt72-vs-asus-g751-vs-clevo.933251/> [Consult. 28.11.2017]

²⁸ Gomes, A. P. et al. (2013). Eficiência produtiva e ambiental dos maiores produtores agrícolas mundiais. In *Alimentar Mentalidades, Vencer a Crise Global – Atas do ESADR 2013* [Resumo de comunicação oral

(34) Pat Symonds, técnico da Renault, liderou esta tarde um movimento que defendia que o aileron traseiro da equipa transalpina tem característica flexíveis – o que **é não permitido** pelo regulamento técnico – permitindo aos carros de Maranello um maior coeficiente aerodinâmico quando atinge velocidades elevadas, podendo desta forma alcançar velocidade máximas superiores.²⁹

(35) O registo **é não obrigatório**, mas permite acesso a mais funcionalidades.³⁰

Não parece haver uma explicação plausível para a escolha desta ordem, uma vez que, além de dar mais trabalho aos falantes, é muito difícil de aceitar.

3.2.3. A negação negada: construir a negação de adjetivos modais negativos

Neste momento, torna-se necessário reservar espaço à discussão acerca das formas negativas dos adjetivos modais que aceitam a construção por prefixação³¹ e que, como já vimos, também pode ser negada, tanto em posição atributiva, como predicativa.

3.2.3.1. Posição Atributiva

A posição atributiva apenas permite a negação através da combinação com o advérbio de negação *não*, mas essa posição não é facilmente aceitável pelos adjetivos em estudo.³² Notem-se os exemplos seguintes.

(36) Quanto à aquisição de «hardware» e «software» necessários, haverá que encontrar uma firma que se disponha a apoiar o projecto, **tarefa não**

em conferência]. Disponível em http://www.esadr2013.uevora.pt/dwld/rsms/Resumo_1357.pdf [Consult 28.11.2017]

²⁹ Girão, J. (2006, Março 11) *GP do Bahrein: Ferrari debaixo de críticas*. Sportmotores.[Publicação de blog]. Disponível em [http://iris.cpidt.pt/sportmotores2003/do?com=DS;4659880027;101;+PAGE\(1002\)+K-NOTICIA\(16470\)](http://iris.cpidt.pt/sportmotores2003/do?com=DS;4659880027;101;+PAGE(1002)+K-NOTICIA(16470)) [Consult. 7.05.2018]

³⁰ “JO”. (2009, Maio 15). *Simuladores de ambientes e cenários online*. Bricolage Total. [Publicação de blog]. Disponível em <http://bricolagetotal.com/category/pinturas/> [Consult. 28.11.2017]

³¹ Não faz sentido, nesta secção, mencionar os adjetivos deónticos, uma vez que estes não permitem construir formas negativas através de prefixação. Sendo assim, deixá-los-emos fora da discussão.

³² Os exemplos abaixo apresentados são os únicos encontrados no decurso da pesquisa efetuada.

- impossível** para a equipa do GASA, que exportou já vários programas de «software», como o «Picture Simulator» (...). (par=ext288486-soc-92b-1)
- (37) A primeira, indecente mas **não improvável**, é que foi obra do deus acaso, magnânimo e cuidadoso no tapar de buracos da grelha em horas de limbo de espectadores. (par=ext301894-clt-94a-2)
- (38) “Queremos que o documento contenha informação útil e **não desnecessária**”, reforçou.³³
- (39) O ser humano deve nascer com amor, crescer saudável e padecer de modo natural e não desnecessário.³⁴
- (40) Por outro lado, a aceitação refere-se ao «facto de aceitar-se com naturalidade e conformação qualquer sofrimento ou infortúnio» adquirindo assim uma percepção predominantemente natural e **não indesejável**.³⁵

Repare-se que a exemplificação acima leva a crer que estas ocorrências, além de raras, parecem ser cuidadosamente construídas, isto é, não surgem a partir de estruturas regularmente utilizadas. Isto pode dever-se ao facto de os adjetivos se encontrarem já na forma negativa e, como sabemos, a negação de algo que, por si só, já é negativo, pode concorrer para um resultado afirmativo. Por isso mesmo, a negação destas formas, já negativas, deverá ser utilizada apenas em casos específicos, nomeadamente quando se quer atribuir-lhes um sentido próximo do afirmativo. Ainda assim, é de notar que existem diferenças na força modal expressa por este tipo de construção, em contraste com a força modal expressa pela correspondente forma afirmativa. Assim, dizer, por exemplo, *tarefa não improvável* revela uma força modal menor do que utilizar, diretamente, *tarefa provável*. O valor modal transmitido pela primeira expressão é, desta forma, um valor intermédio.

³³ Lusa (2004, Setembro 7). “Construtores querem Ficha Técnica da habitação mais simples”. Disponível em <https://tvi24.iol.pt/geral/07-09-2004/construtores-querem-ficha-tecnica-da-habitacao-mais-simples> [Consult. 24.11.2018]

³⁴ Nogueira, T. (2010, Junho 13). *Eutanásia: a opinião dos alunos das turmas C e G*. [Publicação em blogue] Dúvida metódica. Disponível em <http://duvida-metodica.blogspot.pt/2010/05/eutanasia-opiniao-dos-alunos-das-turmas.html> [Consult. 28.11.2017]

³⁵ Gomes, C. (2014). *A importância do sorriso no paciente idoso*. (Tese de Mestrado). Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, Portugal.

De facto, para Jespersen (1917), citado em Horn (1989), esta estratégia é utilizada para atenuar a força modal do adjetivo, o que permite revelar uma hesitação, ou seja, "a doubly negated adjective in either attributive or predicate position is somehow weaker, more hesitantly expressed than the corresponding simple positive" (*apud* Horn, 1989: 302). Por sua vez, Horn (1989) considera que pode, também, ser premeditado, já que "the speaker describes something as not un-X in a context in which it would be unfair, unwise, or impolitic to describe that entity as X" (Horn, 1989: 302).

A posição atributiva mostra-se, assim, restritiva neste parâmetro.

3.2.3.2. Posição Predicativa

Relativamente à posição predicativa, esta permite um maior número de possibilidades, com semelhança ao que acontecia com as formas afirmativas. Com efeito, esta posição do adjetivo relativamente ao nome admite diversas ordens, entre elas a negação direta do verbo predicativo que precede o adjetivo adverbial modal, ou seja, numa ordem do tipo [Não + Verbo Predicativo + Adjetivo na forma negativa]. Atente-se no exemplo seguinte, com o adjetivo *impossível* que ilustra esta ordem construtiva.

(41) A missão **não é impossível**. (*par=ext119779-pol-95a-2*)

Esta ordem, em posição predicativa, é extensível a todos os adjetivos negativos estudados:

(42) Mas **não é improvável** que, numa nova eleição, venha a obter resultados igualmente bons. (*par=ext1413225-nd-92a-1*)

(43) Normalmente quando se têm dois circuitos próximos, aparece uma capacidade eléctrica entre eles, a qual é **indesejável** para o bom funcionamento dos mesmos. No caso da antena, não só **não é indesejável**, como é o efeito fundamental que permite a antena funcionar.³⁶

³⁶ Lopes, M. (2014, Agosto 13). *Rádio – Parte II*. [publicação em blogue]. Astropt. Disponível em <http://www.astropt.org/2014/08/13/radio-parte-ii/> [Consult. 28.11.2017]

(44) De uma forma simples, ao aliviar a pressão do pé sobre o acelerador o carro trava até se imobilizar na respetiva ausência de pressão, inclusivamente em inclinações – mas a Nissan avisa que o pedal do travão **não é desnecessário** em travagens mais exigentes.³⁷

O uso desta ordem específica parece ter uma significação atenuada, isto é, apesar de, no exemplo (42) ser transmitida a ideia de que existe uma determinada probabilidade de o acontecimento ocorrer, esta parece ter menor força modal do que a afirmação dessa mesma probabilidade (i.e., *é provável*).

Por outro lado, existe, também, a possibilidade de negar de forma direta o adjetivo adverbial modal negativo, quando este se encontra adjacente ao adverbial de negação *não*. Esta ordem, do tipo [Verbo Predicativo + Não + Adjetivo Adverbial Modal na negativa], revelou-se, todavia, bastante restritiva, na medida em que apenas o adjetivo *impossível* a aceita³⁸, até esta apresentando dificuldades de aceitação:

(45) Seria uma novidade no Parlamento, mas **é não impossível**, até porque António Costa perdeu as eleições e é primeiro-ministro, explicou.³⁹

Para terminar, resta salientar a opção de construir a negação, negando apenas o que está no escopo dos adjetivos modais negativos. Basta, para isso, utilizar a forma afirmativa da construção predicativa (*ser x*), à qual se segue o uso de um adjetivo negativo (por exemplo, *impossível*), e negar o que vem a seguir, ou seja, o que está dentro do seu escopo, numa construção do tipo [Verbo Predicativo + Adjetivo na negativa + Não]. Para clarificar esta construção, note-se a frase seguinte.

³⁷ Redação AutoPortal (2017, Setembro 6). *Novo Leaf: maior, mais autónomo e mais tecnológico*. Disponível em <http://www.autportal.iol.pt/motores/nissan/novo-leaf-maior-mais-autonomo-e-mais-tecnologico> [Consult. 28.11.2017]

³⁸ Não foi encontrado nenhum exemplo para os restantes adjetivos.

³⁹ Monteiro, F. (2016). Assunção Cristas: “Como líder do CDS sou candidata a primeira-ministra, é aí que me quero posicionar”. *Expresso Online*. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/politica/2016-04-15-Assuncao-Cristas-Como-lider-do-CDS-sou-candidata-a-primeira-ministra-e-ai-que-me-quiero-posicionar#gs.1H0=8PQ> [Consult. 28.11.2017]

(46) Com tanto amor **é impossível não** ficarmos todos comovidos.
(par=ext161131-soc-96a-2)

Nem todos os adjetivos, no entanto, aceitam esta posição. Na realidade, tal como acontecia com a estratégia de negação analisada anteriormente, apenas os adjetivos *impossível* e *improvável* aceitam bem esta ordem,⁴⁰ embora *improvável* pareça ser mais apto a este tipo de construção. Note-se o exemplo seguinte, de um falante que escreveu num blogue. Apesar de ser o único exemplo encontrado para este adjetivo, não é agramatical, nem causa estranheza aos falantes.

(47) Aparentemente, este é um dos pratos mais populares na República Checa, e **é improvável não** encontrá-lo no cardápio de qualquer restaurante.⁴¹

3.3. Adjetivos modais e escalaridade

Horn (1989) nota, nos seus trabalhos, que os adjetivos modais se organizam hierarquicamente segundo escalas, que os ordenam de acordo com as forças modais relativas. O autor enfatiza a necessidade e a importância das escalas, uma vez que “positive and negative quantifiers, modals, and related operators must be represented on distinct, though related, scales” (Horn, 1989: 235), notando, assim, a dificuldade que existe em conciliar, na mesma escala, os valores modais de, por exemplo, *possível* e *improvável*. (cf. Horn, 1989, 235). Assim, propõe a existência de escalas diferentes para operadores positivos e os seus correspondentes valores negativos. Deste modo, cada uma destas escalas será limitada por dois valores, isto é, dois tipos de operadores modais – uns encontram-se no topo mínimo (de valor 0) e outros no topo máximo da escala (de valor 1) (cf. Horn, 1989).

Inicialmente, organiza a escala para os valores modais epistémicos de forma

⁴⁰ As pesquisas não revelaram a presença de exemplos com este tipo de ordem, o que conduz à ideia de que não se deverão tratar de construções comuns, isto é, não deverão recair frequentemente nas escolhas construtivas dos falantes.

⁴¹ PragueGuideFM (2014, Agosto 22). *Pratos Típicos de Praga*. Disponível em <https://www.prague.fm/pt-pt/51916/pratos-tipicos-de-praga/> [Consult. 28.11.2017]

crescente, começando com *possível*, ao qual se segue *provável* e, por fim, *certo*. Esta organização decorre dos resultados de testes que o autor efetuou, precisamente para a medição de formas relativas.⁴² Como resultado da sua reflexão, o autor constrói uma escala final, na qual inclui “both epistemic and deontic operators since, as it turns out, the same lexical modal or verb may serve both functions, often distinguished by complementizer type” (Horn, 1989: 325).

Assim, relativamente à escala que opera sobre os valores positivos, o autor atribui valor 0 a *possível* e *permitido*, um valor intermédio de 0,5 a *provável* e *desejável* e atribui, por fim, a maior força modal, de valor 1, a *necessário* e *obrigatório*. Por outro lado, na escala que opera sobre os operadores negativos, Horn (1989) atribui os valores de forma oposta, isto é, o mínimo de 0 é atribuído a *desnecessário*, mantendo-se o valor intermédio de 0,5 para os correspondentes negativos da escala de operadores positivos, isto é, *improvável* e *indesejável* e, por fim, o valor máximo que limita a escala é atribuído a *proibido* e *impossível*. Apresentamos a escala correspondente à de Horn (1989) para o PE, de forma esquemática, abaixo.

⁴²As manipulações conduzidas pelo autor estão representadas, adaptadas ao PE, abaixo:

- (1) Possível, senão mesmo provável
- Mas #provável, senão mesmo possível
- Provável, senão mesmo certo
- Mas #certo, senão mesmo provável
- Improvável, senão mesmo impossível
- Mas #impossível, senão mesmo improvável
- Incerto, senão mesmo improvável
- Mas #improvável, senão mesmo incerto

(1a.)

{possível/provável/certo}, senão mesmo {incerto/improvável/impossível}
#{incerto/improvável/impossível}, senão mesmo {certo/provável/possível}

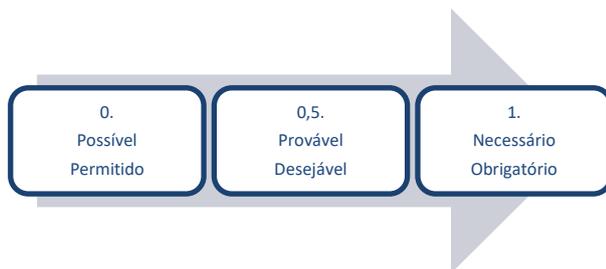


Figura 4 Escala de Horn (1989) adaptada ao PE – Operadores na forma afirmativa

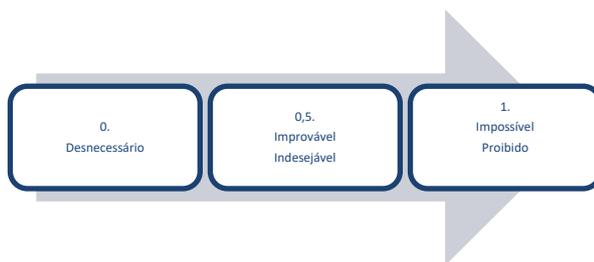


Figura 5: Escala de Horn (1989) adaptada ao PE – Operadores na forma negativa

De facto, esta escalaridade pode ser comprovada pela existência de exemplos como os seguintes.

- (48) É **desejável**, mas **pouco provável**, o cenário que acabei de descrever.
(par=ext45264-pol-95a-2)
- (49) Mas, se **não** era **necessário**, o referendo é **desejável** – claramente desejável. (par=ext86199-opi-96a-1)
- (50) «É o plano **possível** mas **não** é o **desejável**», sustentou, por três vezes, Jorge Trigo (PS), em sintonia com Edite Estrela, presidente da Câmara, que defendeu que «pior do que a existência de planos imperfeitos é a inexistência de regras». (par=ext231508-soc-94a-2)

Se se tiverem em consideração estes exemplos, é possível destacar diferenças relativas entre as forças modais dos adjetivos, na medida em que as construções em causa as põem em destaque contrastivo. A título ilustrativo, veja-se o exemplo (48), que

descreve uma relação escalar entre *desejável* e *provável*.⁴³ Uma vez que, no dito exemplo, *provável* se associa a *pouco*, este quantificador faz baixar a força modal do adjetivo, transferindo-o para um ponto mais baixo da escala.

O exemplo (49), por sua vez, faz o contraste relativo entre *não necessário* e *desejável*. Continuando a seguir a escala de Horn (1989), verifica-se que *necessário* tem maior força modal do que *desejável*. No entanto, para a negativa, o mesmo autor considera que a escala se inverte e, por essa mesma razão, *não necessário* passa a representar um adjetivo com menor força modal. O mesmo acontece no caso do exemplo (50).

Por outro lado, pode existir uma relação de clara equivalência entre as forças modais de dois adjetivos ou construções adjetivais. Note-se, para ilustrar este facto, o exemplo seguinte, em que a força modal de *permitido* é precisamente a mesma que a de *não proibido*.

(51) É **permitido** tudo o que **não é proibido**. (*par=ext1323777-nd-91b-2*)

Com o objetivo de analisar, em PE, com maior detalhe, as diferenças de força modal e, simultaneamente, verificar se a escala modal construída por Horn (1989), aplicada ao Inglês, se pode adaptar aos adjetivos da nossa língua, procurámos saber como se comportam os adjetivos modais em construções com alguns quantificadores.

3.3.1. Construções com *muito* e *pouco*

O estudo dos adjetivos em construções com quantificadores levou a que, em primeiro lugar, se considerassem as construções com *muito* e *pouco*, para saber até que ponto estes têm importância na variação do significado dos adjetivos e, conseqüentemente, de que forma esta variação se reflete no lugar que os adjetivos ocupam na escala.

⁴³ Horn (1989) coloca estes dois adjetivos no mesmo ponto da escala, isto é, sensivelmente a meio, com um valor de 0,5, entre 0 e 1.

3.3.1.1. Posição Atributiva

Como se tem vindo a observar, a posição atributiva é mais restritiva do que a predicativa, em diversos parâmetros. Relativamente à combinação com quantificadores, do tipo *muito* e *pouco*, o comportamento dos adjetivos modais é variável, nesta posição.

Em primeiro lugar, como os exemplos seguintes permitem observar, a combinação com *muito* parece ser mais aceitável do que a combinação com *pouco*.

- (52) As quatro equipas profissionais portuguesas de ciclismo (Sicasal / Acral, Recer / Boavista, Maia / Jumbo e Bom Petisco / Tavira) vão continuar em actividade no próximo ano e deverão ter a companhia de mais uma a rolar no pelotão, com **o muito possível** regresso do Louletano, patrocinado pelo Vale do Lobo, segundo revelou a agência Lusa. (*par=ext996884-des-94b-3*)
- (53) O centro do terreno, devido à **muito provável** ausência de Filipe, deverá ser um sector que voltará a sofrer alterações. (*par=ext25804-des-92a-1*)
- (54) O futuro Campo Pequeno será, é certo, um ponto da capital **muito desejável** e quem ganhou a corrida da Praça de Touros bem pode esperar lucros rápidos. (*par=ext1022887-clt-92b-1*)

Relativamente ao quantificador *pouco*, não foram encontrados exemplos para o adjetivo *possível*.⁴⁴

- (55) Para Delgado Domingues, ou se implode a torre existente, uma solução **pouco provável**, ou se autoriza a segunda. (*par=ext73353-soc-97a-2*)
- (56) A lei foi elaborada pela Assembleia Nacional e a sua revogação criaria

⁴⁴Apesar de existirem raros exemplos, como o representado em seguida, estes não parecem adequados, pois as fontes poderão não ser totalmente fidedignas, uma vez que são construídas por utilizadores de *sites* e *blogs* que, muitas vezes, não respeitam corretamente a gramática portuguesa, daí surgindo muitas vezes erros.

(i) E o **pouco possível** afinamento desta imagem filtrada, a verdade é que é bastante promissor.

O exemplo acima foi retirado de “Iphone Tuga”. (2017, Março 1). *Então o Samsung Galaxy S8, o grande rival do próximo iPhone*. Disponível em <https://www.iphonetuga.net/entao-o-samsung-galaxy-s8-o-grande-rival-do-proximo-iphone/> [Consult. 04.12.2017].

uma crise institucional **pouco desejável**. (*par=ext1509069-eco-91a-2*)

Assim, em relação à combinação com *muito* e *pouco* , em posição atributiva, com exceção dos adjetivos modais deônticos, que serão explorados de seguida, os adjetivos estudados não seguem um padrão homogêneo, dado que alguns, como *provável* (cf. 53 e 55) e *desejável* (cf. 54 e 56), aceitam bem a combinação com ambos os quantificadores, mas o mesmo não acontece com o adjetivo *possível* , do domínio epistémico.

Faço notar o reduzido número de adjetivos em estudo; ao alargar a investigação, a possível padronização ou generalização dos resultados talvez pudesse ser alcançada.

3.3.1.2. Posição Predicativa

Quando se encontram em posição predicativa, os adjetivos modais, à exceção dos deônticos, aceitam, sem restrições, a combinação tanto com *muito* como com *pouco* , como confirmam os exemplos seguintes.

(57) E Jorge Gil diz que **é muito possível** que toquem de novo em Portugal...
(*par=ext134525-clt-96b-1*)

(57a.) Respondi-lhe que me parecia **pouco possível** que, num calabouço, vigiado por guardas, provavelmente assustado, o preso entendesse atacar uma jornalista. (*par=ext175125-nd-95a-2*)

(58) A pergunta já fez correr rios de tinta e **é muito provável** que continue a inquietar espíritos vários. (*par=ext156318-clt-95b-1*)

(58a.) **É pouco provável** que um asteróide nos caia em cima da cabeça.
(*par=ext39713-clt-96b-4*)

(59) Em segundo lugar, estou convencido que, em relação à universidade, **é muito desejável** a instituição de sistemas em que o próprio paga uma parte do ensino e o Estado não tem obrigação de oferecer ensino gratuito a toda a gente. (*par=ext525530-nd-91a-1*)

(59a.) Para outro ex-primeiro-ministro, Michel Rocard, esta medida seria **pouco desejável**. (*par=ext1183909-soc-92b-2*)

O adjetivo *necessário*

Segundo a teoria de Horn (1989), o adjetivo *necessário* encontra-se no topo da escala. Por essa razão, não faria sentido combiná-lo com o quantificador *muito*, uma vez que este tem a função de fazer mover o adjetivo para um ponto mais elevado da escala. Contudo, existem exemplos para o PE que contrariam esta incompatibilidade, como os seguintes, um dos quais se encontra, até, em posição atributiva, a mais restritiva.

(60) E o «dinamismo **é muito necessário**, se se quer salvar o sector».

(par=ext325241-eco-94a-1)

(60a) E agora, o seu **muito necessário** exame de consciência foi aparentemente adiado: parece que assuntos mais urgentes os aguardam.

(par=ext46109-nd-96b-3)

Também a combinação com o quantificador *pouco* é possível, tanto em posição atributiva (cf. 61), como predicativa (cf. 61a).

(61) A segurança da informação armazenada nos dispositivos de organização pessoal é encarada pela maioria dos utilizadores como algo **pouco necessário** ou mesmo útil.⁴⁵

(61a) Atualmente isso já **é pouco necessário**⁴⁶ devido ao GPS mas sim, podes colocar na parte de trás do convite ou à parte, vê como te dá mais jeito em termos de organização... (“Filipa”)⁴⁷

Estes exemplos levam a crer que, em PE, contrariamente ao que acontece em Inglês, o adjetivo *necessário* não se encontra no topo da escala. Quadros Gomes (2011) propõe,

⁴⁵ Faria, P. I. (2008, Dezembro 12). *Ilium e WebIS lançam eWallet para a plataforma Blackberry*. [publicação em blogue]. PC de Bolso. Disponível em <http://pcdebolso.com/Default.asp?id=6771&pagina=549> [Consult. 04.12.2017]

⁴⁶ Apesar de todos os adjetivos terem ocorrências, o adjetivo *necessário* aparece, combinado com *pouco*, com menor frequência, tendo havido necessidade de nos socorrermos de fontes externas ao CetemPúblico, nomeadamente blogues e *sites* que surgiram de uma pesquisa complementar no Google.

⁴⁷ “Lady in Red” (2017, Dezembro 10). [Comentário em fórum de discussão]. *Casamentos.pt*. Disponível em <https://www.casamentos.pt/forum/alguem-fez-convites-com-mapa-de-localizacao--t141458> [Consult. 15.12.2017]

para o Português do Brasil, que, independentemente do tipo de escala-base associada ao adjetivo com o qual se combina, “o complexo ‘muito’ + AG sempre apresentará parâmetro relativo e escala aberta” (Quadros Gomes, 2011: 4). Tendo como ponto de partida a teoria de Kennedy e McNally, a autora considera que todos os adjetivos de grau, tanto de escala aberta como fechada, podem combinar-se com o quantificador *muito*, dado que este, enquanto intensificador, tem a capacidade de modificar as propriedades do adjetivo, forçando sempre uma leitura de escala aberta (cf. Quadros Gomes, 2011: 4). Assim, a autora acaba por considerar que a combinação com o quantificador *muito*, de certa forma, atua no sentido de abrir a escala, mesmo que se trate de um adjetivo de escala fechada.⁴⁸

Contudo, pelo facto de haver uma clara intenção de intensificação do significado do adjetivo, parece-me mais adequado considerar que *necessário* não está no topo da escala, mas sim num nível intermédio. Assim, pela combinação com o quantificador *muito*, terá um comportamento semelhante aos restantes adjetivos em análise (à exceção dos deônticos, que serão analisados de seguida), dessa forma movimentando-se para um ponto superior da escala.

3.3.1.2.1. O caso dos adjetivos modais deônticos

Também, neste caso, os adjetivos modais representativos da modalidade deôntica parecem formar um bloco distinto, uma vez que o seu comportamento se distancia dos restantes adjetivos em estudo. Com efeito, tanto *proibido*, como *obrigatório* e, ainda, *permitido*, parecem ser bastante mais restritivos no que respeita a combinação com estes quantificadores. Uma vez que não foram encontradas quaisquer ocorrências do género *muito/pouco proibido*, procedi a manipulações, com o objetivo de verificar a aceitabilidade gramatical destas combinações, que apresento de seguida.

⁴⁸ Note-se que, com efeito, quando dizemos que *o copo está cheio*, a ideia é a de que se atingiu o limite máximo de capacidade do copo. Contudo, ao dizermos que *o copo está muito cheio*, parece, de facto, que se retira essa mesma noção de limite máximo, o que é comprovado pelo facto de podermos acrescentar *mas ainda não completamente* (cf. Quadros Gomes, 2011).

(62) Até ao fim do mês, é ainda possível ver e vibrar com este drama que aprofunda um **tema proibido** e, por isso mesmo, fascinante: o tabu do incesto. (*par=ext208832-clt-92a-2*)

(62a) ? Até ao fim do mês, é ainda possível ver e vibrar com este drama que aprofunda um **tema muito proibido**.

(62b) *Até ao fim do mês, é ainda possível ver e vibrar com este drama que aprofunda um **tema pouco proibido**.

Devido à falta de exemplos, estas manipulações permitem tirar ilações acerca do comportamento de *proibido*, em combinação com *muito* e *pouco*. Assim, a aceitabilidade destes casos (62a/62b) só é possível se esta construção for tomada num sentido parafraseável por *proibido por muitos/poucos* (à semelhança de, por exemplo, *este é um livro muito lido*).⁴⁹ A interpretação não deve estar, portanto, associada ao aumento/diminuição da força modal transmitida pelo adjetivo não havendo, consequentemente, movimentação na escala.

Este comportamento por parte dos adjetivos deonticos pode advogar no sentido de, contrariamente ao que é defendido por Quadros Gomes, *muito* não ter o efeito de, por si só, abrir a escala.

A posição predicativa (cf. 63) é, neste caso, mais rígida no que diz respeito à combinação com estes quantificadores, o que constitui uma exceção no seu comportamento, pois esta posição tende a mostrar-se mais flexível nos parâmetros que se têm estudado neste trabalho. Tome-se como exemplo a frase seguinte, que foi manipulada, com o objetivo de avaliar a sua aceitabilidade.

(63) Para o mal de alguns, nos debates televisivos, como em alguns exames, é **proibido fumar**. (*par=ext601548-pol-95b-1*)

(63a) *Para o mal de alguns, nos debates televisivos, como em alguns exames, é **muito proibido fumar**.

(63b) *Para o mal de alguns, nos debates televisivos, como em alguns

⁴⁹ Note-se que, embora seja aqui tomado como adjetivo, *proibido* pode, também, ser um participípio.

exames, **é pouco proibido fumar**.

É de notar que, no exemplo anterior, a atribuição de uma proibição está claramente expressa, pelo que não é possível quantificar em que medida essa proibição é atribuída. Novamente, a interpretação, nesta posição, parece ser a de que *é proibido por muitos*.

Relativamente a *obrigatório*, existem algumas ocorrências, mas parecem, também, tratar-se de utilizações de *muito obrigatório* com um sentido semelhante ao dos exemplos acima, tanto em posição atributiva (64), como predicativa (65). Vejam-se os exemplos seguintes.

(64) Os bons amigos do IPródigo (um site brasileiro **muito obrigatório** de sabor reformado) perderam uma hora a conversar comigo.⁵⁰

(65) Na Bélgica um carro só é vendido sempre com extintor. Noutros países provavelmente é idêntico, só conheço o caso da Bélgica. Cá também é **muito obrigatório**.⁵¹

Por fim, o adjetivo *permitido* parece aceitar melhor a combinação, tanto com *muito* como com *pouco*, uma vez que, não só os exemplos existem em maior número, como também parecem ser mais aceitáveis do ponto de vista construtivo, isto é, tratam-se de construções mais usuais e, por isso, não parecem causar estranheza.

(66) Entrámos no jogo a marcar e não tivemos a frieza de fazer o segundo golo que nos dava uma margem mais descansada e no único remate que o Sourense fez na primeira parte empatou o jogo, um golo **muito permitido** por nós, também como foram os outros dois da segunda.⁵²

(67) O consumo de álcool está **muito permitido** e há muita influência da

⁵⁰ Cavaco, T. O. (2011, Janeiro 10). *Terror e Oração*. [Publicação em blogue]. Voz do deserto. Disponível em <http://vozdodeserto.blogspot.pt/2011/01/> [Consult. 15.12.2017]

⁵¹ “pcdefl” (2015). RE: Usados Tesla na Europa. [Comentário em Fórum de Discussão] Disponível em <https://www.nissanleafpt.com/viewtopic.php?t=4569&start=10> [Consult. 23.09.2018]

⁵² Ana Norte (2009, Março 25). III Divisão. *Jornal das Caldas*. Disponível em <https://jornaldascaldas.com/iii-divisao-7> [Consult. 23.09.2018]

publicidade.⁵³

Relativamente ao adjetivo *permitido*, seria de esperar que a maior aceitabilidade na combinação com quantificadores adviesse da posição deste adjetivo na escala. De facto, uma vez que se encontra a meio da escala, *permitido*, ao poder ser modificado por estes quantificadores, deveria, dessa forma, mover-se, tanto para valores mais elevados (com *muito*), como para valores mais baixos (com *pouco*). Contudo, o tipo de leitura associado à combinação deste adjetivo, em particular, com os quantificadores parece ser de outra natureza, já que se refere a uma interpretação do tipo *permitido por muitos* ou *permitido em muitas situações/ocasiões*, semelhante à que foi feita para os restantes adjetivos deônticos. Note-se que, nos dois exemplos acima, a interpretação deverá ser a de que vários/muitos jogadores da defesa visitante permitiram o empate, e que o consumo de álcool é permitido por muitas pessoas, respetivamente.

Assim, apesar de *obrigatório* e *proibido* dificilmente coocorrerem com estes quantificadores e *permitido* coocorrer com mais facilidade, aparecendo esta combinação com maior frequência, os três adjetivos parecem conduzir a interpretações semelhantes. Considera-se, assim, que estes adjetivos representam um conjunto, cujas características o afastam dos restantes adjetivos em estudo. Por outro lado, convém assinalar que a modalidade deôntica se caracteriza por estabelecer normas, quer recorrendo a permissões ou autorizações, quer a proibições, não havendo necessidade, na própria língua, de se fazer um reforço dessas normas, recorrendo aos quantificadores.

3.3.1.3. O comportamento da negação com os quantificadores *muito* e *pouco*

Relativamente às formas negativas dos adjetivos modais em estudo, o comportamento também não é homogéneo. A pesquisa revelou que, tal como ocorria para as formas afirmativas, também a combinação com o quantificador *pouco* ocorre com menor frequência. Verifiquemos o que acontece em posição atributiva e predicativa.

⁵³ Cruz, Elisabete. (2017, Junho 1). Javier Urra, psicólogo: “para as crianças, brincar é tão necessário como o alimento”. *Jornal de Leiria*. Disponível em <https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/javier-urra-psicologo-para-criancas-brincar-e-tao-necessario-6543> [Consult. 15.12.2017]

3.3.1.3.1. Posição Atributiva

Em primeiro lugar, verifica-se que nenhuma das formas negativas aceita a combinação com *pouco*, o que faz sentido, se tivermos em conta que, estando já a usar formas negativas, e remetendo *pouco* para uma posição baixa na escala, esta combinação parece pouco plausível, e por isso os exemplos parecem dificilmente aceitáveis. O exemplo seguinte⁵⁴ parece ser irrelevante, por comportar um erro, que deduzimos através da interpretação do conteúdo que, tal como está escrito, transmite ideias opostas.

(68) *Antecipar um acto eleitoral é baixar o motor do país para o “ralenti”, durante pelo menos três meses, **situação pouco indesejável** no cenário em que Portugal vive, rigorosamente vigiado pelos mercados internacionais, e situação que pode minar a confiança que ainda teremos, internamente, e que o estrangeiro, nomeadamente a Europa, possa ter relativamente a nós.⁵⁵

Pelo contrário, a combinação com *muito* parece mais aceitável, pois todas as formas negativas estudadas são compatíveis com este quantificador. Vejam-se alguns exemplos.

(69) O foco do argumento divide-se entre estes temas, a que se junta um possível mas **muito desnecessário** romance que envolve uma das colegas do protagonista.⁵⁶

(70) Ora isto é uma falha e uma omissão **muito indesejável**.⁵⁷

(71) Mas, mesmo o Sporting precisa de uma **conjugação muito improvável** de

⁵⁴ Única ocorrência encontrada, recolhida através de uma pesquisa no Google.

⁵⁵ Lima, L. (2011, Março 22). *Eleições antecipadas?* [Publicação em blogue]. Associação de investidores e analistas técnicos. Disponível em <http://www.associacaodeinvestidores.com/index.php/comunicados/press-clipping/63-eleicoes-antecipadas> [Consult. 15.12.2017]

⁵⁶ Santos, I. M. (2013, Abril 17). *Sobre a Educação de Monsieur Lazhar*. [Publicação em blogue]. Espalha Factos. Disponível em <https://espalhafactos.com/2013/04/17/a-educacao-de-monsieur-lazhar2/> [Consult. 15.12.2017]

⁵⁷ Ferreira, J. B. (2015, Abril 14). Pilotos e Educação Física: uma relação esquecida ou nunca encarada? *Jornal Sábado*. Disponível em <http://www.sabado.pt/opiniao/detalhe/pilotos-e-educacao-fisica-uma-relacao-esquecida-ou-nunca-encarada> [Consult. 15.12.2017]

resultados para se qualificar. (*par=ext1378501-des-97b-3*)

3.3.1.3.2. Posição Predicativa

Em posição predicativa, os adjetivos modais negativos em estudo têm dificuldades em combinar-se com *pouco* – o único adjetivo em estudo para o qual foram encontradas ocorrências deste género é *improvável*. Mas, novamente, parece tratar-se de erros, isto é, gralhas, pois o conteúdo transmitido pela mensagem é incoerente. Note-se o exemplo seguinte.

(72) Contudo, o técnico português afirmou que uma possível saída do emblema ucraniano, em janeiro, é **pouco improvável** que aconteça.⁵⁸

Aquilo que o falante pretende transmitir parece ser a baixa probabilidade da saída do treinador português do clube ucraniano. Contudo, ao dizer que tal é *pouco improvável*, transmite-se a ideia oposta. Por este motivo, não parece adequado considerar que estes adjetivos aceitam a combinação com *pouco*.

Contrariamente ao que ocorre com o quantificador *pouco*, a combinação com *muito* é bastante mais compatível com os adjetivos modais em estudo, uma vez que todos se combinam bem com este quantificador. Notem-se os exemplos seguintes, que mostram que esta construção é perfeitamente aceitável em PE.

(73) E isso, já é só de mau tom. Se estiver saudável, é **muito desnecessário** estar a levar com este tipo de comentários.⁵⁹

(74) É **muito improvável** apanharmos uma estrela neste estado. (*par=ext276702-clt-soc-92a-2*)

(75) “Quem conseguir ser líder mundial neste campo irá tornar-se no mais

⁵⁸ Desporto ao Minuto. (2017, Janeiro 6). Taison longe do FC Porto... pelo menos até junho. *Notícias ao Minuto*. Disponível em <https://www.noticiasao minuto.com/desporto/717725/taison-longe-do-fc-porto-pelo-menos-ate-junho> [Consult. 15.12.2017]

⁵⁹ Martins, A. G. (2016, Maio 25). *Novidades Fresquinhas #61*. [Publicação em blogue]. A pipoca mais doce. Disponível em <http://apipocamaisdoce.sapo.pt/2016/05/novidades-fresquinhas-61.html> [Consult. 15.12.2017]

poderoso do mundo”, afirmou Putin, pelo que “seria **muito indesejável** se alguém conseguisse uma posição monopolista” nesta área.⁶⁰

Saliento o exemplo (73), relativo ao adjetivo *desnecessário*, uma vez que as ocorrências que encontramos estão, frequentemente, em blogues ou comentários de opinião nestas plataformas digitais e, por isso mesmo, ocorrem quase sempre em tom bastante informal. Ainda assim, pelo facto de esta combinação ocorrer com frequência, ainda que, nem sempre acompanhada da correção ortográfica necessária, faz sentido considerá-la, pois está comprovadamente enraizada no uso dos falantes.

O adjetivo *impossível*

Tal como o adjetivo *necessário* (para a escala afirmativa), *impossível* prefigura o topo da escala negativa, segundo a teoria de Horn (1989). Embora existam exemplos, *impossível* parece combinar-se dificilmente com *muito*, como se ilustra seguidamente. Note-se que este exemplo não é fácil de processar, pelo que não deve ser considerado relevante.

(76) E tal efeito de explosão; tal efeito de fazer de um verso muitas imagens, é um efeito muito químico, **muito impossível** e muito humano.⁶¹

Mesmo o exemplo relativo à posição predicativa (78), uma posição, por si só, mais flexível, é difícil de processar e aceitar.

(77) Isto faz todo o sentido, já que, com o início do comércio com a China em

⁶⁰ Caetano, E. (2017, Setembro 5). “Quem liderar na IA, vai mandar no mundo”, diz Vladimir Putin. *O Observador*. Disponível em <http://observador.pt/2017/09/05/quem-liderar-na-ia-vai-mandar-no-mundo-diz-vladimir-putin/> [Consult. 15.12.2017]

⁶¹ Sociedade Portuguesa de Autores. (2017) *Mensagem de Gonçalo M. Tavares à SPA acerca do Dia da Poesia*. Disponível em <https://www.spautores.pt/comunicacao/noticias/dia-mundial-da-poesia-2017> [Consult. 15.12.2017]

1616 e a nossa chegada ao Japão em 1543, se abriu um canal de importações via Macau, onde é **muito impossível** que as belas camellias estivessem incluídas.⁶²

Tal comportamento, por parte deste adjetivo, reforça a incompatibilidade da combinação de adjetivos que se encontram no topo da escala com estes quantificadores. Este comportamento reforça a teoria de que *necessário*, ao poder combinar-se com este tipo de quantificadores, não se encontra no topo da escala.

3.3.2. Construções com advérbios de totalidade e parcialidade

Tendo analisado a compatibilidade dos adjetivos modais com os advérbios de quantificação *muito* e *pouco*, é igualmente importante a análise da sua compatibilidade com advérbios de totalidade e parcialidade. O objetivo é, não só compreender se os adjetivos em estudo mantêm os mesmos padrões comportamentais, comparativamente ao que acontecia com os quantificadores, mas, além disso, perceber se os adjetivos que, na escala das forças modais de Horn (1989), se encontram nos topos, isto é, aqueles que marcam o limite da escala, são os mesmos em PE e em Inglês.

3.3.2.1. Completamente e Totalmente – Proportional Modifiers (Kennedy&McNally, 2005)

Uma teoria, incontornável no que diz respeito à temática dos adjetivos graduáveis, é a de Kennedy e McNally (2005), que, tendo em consideração que estes adjetivos podem projetar dois tipos de escala (aberta ou fechada), mostraram que o tipo de escala dos adjetivos pode ser avaliado tendo em conta a sua compatibilidade com aquilo que eles designam de *proportional modifiers*, isto é, modificadores de proporção, do tipo *completamente*, *metade* e *parcialmente*. Assim, segundo os trabalhos destes autores, os adjetivos que aceitem a combinação com este tipo de modificadores, têm escala fechada. Se, pelo contrário, os adjetivos não aceitam a combinação com os *proportional modifiers*,

⁶² Costa, Vera N. (s.d.). *A Saga das Japoneiras*. Disponível em <https://lifestyle.sapo.pt/casa-e-lazer/decoracao-e-jardins/artigos/a-saga-das-japoneiras>. [Consult. 15.12.2017]

tal incompatibilidade é um indício de que os adjetivos têm escala aberta (cf. Kennedy e McNally, 2005).

Ainda assim, estes modificadores só podem ser considerados nesta perspetiva se apontarem para a obtenção de um grau máximo, isto é, limite. Note-se a chamada de atenção de Leal *et al.* (2011), que enfatizam que esta interpretação “não deve ser confundida com leituras em que está em causa não esse grau máximo, mas a afectação da totalidade da(s) entidade(s) a que se aplica a propriedade ou ainda uma leitura em que *completamente* corresponde a uma forma de quantificação semelhante a *muito*” (Leal *et al.*, 2011: 318).

3.3.2.1.1. Posição Predicativa

Ao analisar o comportamento dos adjetivos estudados, verifica-se que todos se combinam bem com os advérbios *completamente* e *totalmente*, que transmitem a ideia de totalidade, mas apenas em posição predicativa. Os exemplos seguintes comprovam essa compatibilidade.

(78) "Acreditamos que é **completamente possível** atingir esse valor aqui".⁶³

(78a) “A solução técnica é **totalmente possível**, o problema é que não se quis encontrar uma solução política”.⁶⁴

(79) Apesar de não ser **completamente provável** que o Tondela vença o Braga, o Moreirense sabe que para ter a certeza da manutenção precisa de pontuar.⁶⁵

⁶³ Faria, R. (2016, Novembro 8). Anda tudo à procura de um milhão de euros. *Jornal de Negócios*. Disponível em <https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/web-summit/detalhe/anda-tudo-a-procura-de-um-milhao-de-euros> [Consult. 27.11.2017]

⁶⁴ Ferrão, B. (2015, Julho 5). Elisa Ferreira: “Europa está mais preocupada com o Syriza do que com a sra. Le Pen”. *Expresso Online*. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/politica/2015-07-05-Elisa-Ferreira-Europa-esta-mais-preocupada-com-o-Syriza-do-que-com-a-sra.-Le-Pen#gs.=TFWZPE> [Consult. 27.11.2017].

⁶⁵ (s.a.) (2017, Maio 17). *Prognóstico Moreirense - FC Porto 21 de Maio*. [Publicação em blogue]. Jogo legal Portugal. Disponível em <http://www.jogo-legal-portugal.pt/noticia-aposta-prognostico-moreirense-fc-porto-21-de-maio.html> [Consult. 27.11.2017].

(79a) Num cenário de correcção é **totalmente provável** que a Walt Disney venha visitar a zona dos 40.00 USD.⁶⁶

(80) [...] e essa pequena nota de mau gosto, expressão de uma noção básica de sensualidade e erotismo, essa nota que noutra mulher seria indesculpável, tornaria Mila numa mulher **completamente desejável**, porque ela era assim, real, autêntica [...]⁶⁷

(80a) E era muito bom, era **totalmente desejável** para Portugal, que o futuro Governo alemão tivesse uma componente do SPD.⁶⁸

(81) Para a médica Jennifer Ashton, o levantamento de barras de ferro é **completamente permitido** mas a grávida deve ter em conta o peso que coloca sobre as costas, sob a pena de se desequilibrar.⁶⁹

(81a) Chegou aquela altura do ano em que pregar sustos é **totalmente permitido!**⁷⁰

(82) Explica secamente que sem autorização é **completamente proibido** entrar num blindado e que nada disso pode ser feito ali naquele momento.
(*par=ext1021116-pol-93a-2*)

(82a) Interromper uma gravidez é **totalmente proibido** nos países católicos como as Filipinas, a Colômbia e o Chile, bem como Malta. (*par=ext838714-clt-soc-94b-2*)

Os exemplos (78)-(82) levam a crer que adjetivos no meio da escala não se movem quando combinados com estes advérbios (contrariamente ao que acontece

⁶⁶ J. Alves (2011). Walt Disney Company – NYSE. [Comentário em Fórum de Discussão]. Disponível em <http://caldeiraodebolsa.jornaldenegocios.pt/viewtopic.php?t=71301> [Consult. 23.09.2018]

⁶⁷ Amaral, B. V. (2015, Maio 25). *Um caso antigo*. [Publicação em blogue]. Circo da Lama. Disponível em <https://circodalama.blogs.sapo.pt/um-caso-antigo-119005> [Consult. 27.11.2017]

⁶⁸ Correia, Ângelo (2012). Ângelo Correia: “Podemos estar no caminho da Grécia”. Dinheiro Vivo. Disponível em <https://www.dinheirovivo.pt/economia/angelo-correia-podemos-estar-no-caminho-da-grecia/> [Consult. 23.09.2018]

⁶⁹ Mundo ao Minuto (2015, Maio 25). O que as grávidas devem saber sobre exercício físico. *Notícias ao Minuto*. Disponível em <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/395990/o-que-as-gravidas-devem-saber-sobre-exercicio-fisico> [Consult. 27.11.2017].

⁷⁰ ShoppingSpiritNews. (2017, Outubro 20). “Fantasminhas” e mini-criaturas horripilantes desfilam no Alegro. Disponível em <https://shoppingspirit.pt/2017/10/20/fantasminhas-e-mini-criaturas-horripilantes-desfilam-no-alegro/> [Consult. 27.11.2017].

com *muito/pouco*). Tal leva a pensar que estes advérbios atuam de uma maneira diferente, e a prova disso é que estes advérbios podem coocorrer com os adjetivos que estão no topo da escala (negativa e positiva), como se verá de seguida. Neste sentido, coloca-se, desde já, a hipótese de que estes advérbios, quando coocorrem com os adjetivos modais em estudo, atribuem um valor epistémico à frase, no sentido de *não há dúvidas que* ou *há certeza que*.⁷¹

Reanalizando o exemplo (78), a leitura é a de que *não há dúvida que é possível* atingir o valor desejado, isto é, *existe a certeza* de que é possível atingir esse valor.

3.3.2.1.2. Posição Atributiva

Relativamente à posição atributiva, esta é bastante mais restritiva, como, de resto, se tem verificado com quase todos os parâmetros. As restrições associadas a esta posição dos adjetivos levam a que adjetivos que se verificou anteriormente que aceitavam a combinação com os advérbios em análise em posição predicativa, rejeitem agora essa combinação na posição atributiva.

Neste caso, no entanto, é fundamental fazer a diferenciação entre os advérbios *completamente* e *totalmente*, uma vez que os adjetivos se comportam de forma distinta na combinação com cada um deles. Apresentam-se, de seguida, os exemplos referentes à combinação dos adjetivos em estudo com o advérbio *completamente*.

(83) O programa com autoria e apresentação de José Avillez, traz todas as semanas 3 combinações possíveis com o mesmo ingrediente principal.

Desde uma **completamente provável** a outra *totalmente improvável*.⁷²

(84) A partir disso pode-se confirmar o que foi retratado ao início do texto, SC

⁷¹ Note-se que a substituição dos advérbios *completamente/totalmente* pelos correspondentes adjetivos *total/completo* têm a mesma leitura que os exemplos analisados acima. Apresentam, contudo, a restrição de só poderem ser utilizados em anteposição.

(i) Isso é um total/completo disparate!

(ia) *Isso é um disparate total/completo!

⁷² SicMulher (2016, Setembro 5). *Combinações Improváveis com José Avillez*. Disponível em <http://sicmulher.sapo.pt/programas/combinacoes-improvaveis/sobre/2016-09-05-Combinacoes-Improvaveis> [Consult. 27.11.2017]

apresenta uma predominância **completamente desejável** e destacada (...).⁷³
(85) Sou um cantor **completamente proibido** pela censura do Salazar e do Marcelo Caetano -- estive seis anos proibido de entrar em Angola --, porque aquilo que escrevia chocava. (*par=ext1093054-nd-93b-2*)

Salienta-se a falta de exemplificação para *possível*, *necessário* e *permitido*, o que leva a assumir que estes adjetivos rejeitam a combinação com advérbios de totalidade em posição atributiva. Estes adjetivos modais inserem-se na modalidade epistémica, tanto no domínio da possibilidade como da necessidade, mas também no campo da modalidade deôntica, especificamente *permitido* que, relativamente ao conjunto dos deônticos, se afigura, neste caso, como uma exceção. Faço, ainda, uma chamada de atenção para o exemplo (83), que contém em si duas combinações, uma relativa à combinação de *provável* com *completamente*, mas também uma segunda, que diz respeito à combinação de *improvável* com *totalmente*, tornando evidente a prefiguração de uma escala de valores, neste caso decrescente, que os próprios utilizadores do português, não só reconhecem, como constroem, eles mesmos (completamente provável > totalmente improvável).

A combinação com *totalmente* está exemplificada seguidamente:

(86) E como as partículas se encontram a milhões de quilómetros de distância uma da outra, isso significa que essas instruções terão de viajar de alguma maneira de A até B muito mais depressa que a luz, algo de **totalmente proibido** pelas leis da física. (*par=ext931388-clt-97b-3*)

(87) Exemplo mais marcante, **totalmente permitido** por lei, foi a do último júri em que participei e fui arguente, porque o trabalho tinha sido feito em boa parte no meu laboratório.⁷⁴

(88) Estas têm um papel fulcral no armazenamento de energia, não atingindo

⁷³Antonowiski, J. (2016). *Agricultura Catarinense*. Disponível em <https://pt.linkedin.com/pulse/agricultura-catarinense-josias-antonowiski> [Consult. 28.11.2017]

⁷⁴Costa, J. V. (s.d.). *Doutoramento Sacrificial*. Disponível em http://jvcosta.net/artigos/doutoramento_sacrif.html [Consult. 28.11.2017]

uma performance **totalmente desejável** para este tipo de aplicação.⁷⁵

No que diz respeito a este advérbio, são agora os adjetivos *possível* e *provável* que rejeitam esta sequência, estando a modalidade epistémica apenas representada no domínio da necessidade. Relativamente à combinação com *totalmente*, para o adjetivo *desejável* foi encontrado apenas um caso. Do mesmo modo, o exemplo relativo a *permitido*, apresentado acima, apesar de não trazer problemas de processamento aos falantes, foi o único encontrado, pelo que este adjetivo parece não se combinar com frequência com nenhum dos advérbios de totalidade.⁷⁶ Além disso, todas as construções com o adjetivo *proibido* são semelhantes à do exemplo (86).

3.3.2.2. Os adjetivos modais na forma negativa

Reservo, agora, espaço à análise das formas negativas correspondentes dos adjetivos modais em estudo, em particular, a *impossível*, *desnecessário*, *improvável* e *indesejável*.⁷⁷ Neste caso, a única distinção que se torna necessário fazer é a da posição do adjetivo, uma vez que o comportamento é diferente em posição atributiva e predicativa. No entanto, em cada uma das posições, os adjetivos comportam-se de forma semelhante com *completamente* e com *totalmente*.

3.3.2.2.1. Posição Predicativa

Nesta posição, tal como acontecia para as formas afirmativas, todos os adjetivos estudados aceitam bem a combinação com *totalmente* e *completamente*.

(89) No caso em apreço, contudo, este estudo clínico parece-nos **completamente desnecessário** dada a clareza dos sintomas: o paciente está

⁷⁵ Santos, P. M. C. (2009). *O Automóvel Híbrido como Elemento Fornecedor/Consumidor de Electricidade: Modelação de Baterias de Iões de Lítio*. (Tese de Mestrado) p.19. [Consult. 28.11.2017]

⁷⁶ Com *completamente*, não foram encontrados exemplos ilustrativos; com *totalmente* deparamo-nos com uma única ocorrência, pelo que consideramos que não é significativa.

⁷⁷ *Proibido* foi analisado acima, conjuntamente com os restantes adjetivos deonticos, de forma a perceber o padrão comportamental deste conjunto de adjetivos.

cl clinicamente morto. (par=ext1386742-clt-92b-2)

(89a) «É **totalmente desnecessário** e disparatado», afirmou o vice-presidente da Sociedade de Livros de Oração, Lorde Blenamara, «Eu nunca direi tal coisa». (par=ext29227-soc-91b-2)

(90) Esta amizade entre o gato Little Bear e o urso Sakoa é **completamente improvável**...⁷⁸

(90a) Com efeito, parece **totalmente improvável** que a Indonésia deixe a tripulação desembarcar em Díli e depor coroas de flores no cemitério onde estão sepultadas as vítimas do massacre de 12 de Novembro. (par=ext1550024-pol-92a-2)

(91) «A legislação económica está totalmente dispersa por várias dezenas de diplomas e cada um prevê um processo de inspecção própria realizado por diferentes entidades, todas com competências de processo e esta situação é **completamente indesejável**», explica Alberto Sá e Mello. (par=ext766762-eco-96a-1)

(91a) O relatório considera que esta situação “é **totalmente indesejável** e não poderá persistir por muito tempo”.⁷⁹

3.3.2.2.2. Posição Atributiva

Mesmo numa amostra pequena, nem todos os adjetivos em estudo aceitam, em posição atributiva, a combinação com os adverbiais que temos estado a analisar.

(92) Teve ainda a agravante de ver um segundo amarelo **completamente desnecessário**, obrigando os companheiros a jogar perto de 70' em inferioridade. (par=ext1026049-des-97b-2)

(92a) O tribunal reconhece que não houve intenção de matar mas considera que o assassinato foi o resultado de um “ataque **totalmente desnecessário**”

⁷⁸ Silva, André (2016). *A improvável amizade de um gato com um urso*. Disponível em <https://www.hiper.fm/a-improvavel-amizade-de-um-gato-com-um-urso/> [Consult. 08.05.2018]

⁷⁹ Oliveira, Mariana (2016). *Falhas na fiscalização dos centros de procriação medicamente assistida*. Disponível em <https://www.publico.pt/2016/10/04/sociedade/noticia/falhas-na-fiscalizacao-dos-centros-de-procriacao-medicamente-assistida-1746085> [Consult. 27.11.2017]

e sem sentido”.⁸⁰

(93) A Junta, liderada por David Paiva, proporciona um conjunto recheado de respostas sociais, algumas invulgares no concelho de Aveiro, mas depara-se com um “problema” **completamente improvável**: a falta de interessados!⁸¹

(93a) A investigação do caso "Monte Branco", que constitui o mais importante esquema de fuga ao fisco e branqueamento de capitais verificado em Portugal, apanhou um nome **totalmente improvável**: Medina Carreira, ex-ministro das Finanças e influente comentador televisivo.⁸²

(94) A polémica em que os serviços de informação têm estado envolvidos “deve-se a uma promiscuidade perigosa e **completamente indesejável** entre poder económico e poder político (...).⁸³

(94a) Fora dos «courts» a antiga número um mundial teve de repartir «o pódio» com uma companhia **totalmente indesejável**: a de Richard Krajicek.
(par=ext540545-des-92a-2)

O caso de *necessário, obrigatório e impossível* – os topos de escala

Enquanto a teoria de Kennedy e McNally (2005) dá informação acerca do tipo de escala projetada pelos adjetivos, Horn (1989) apresenta uma hipótese de explicação para os adjetivos que se encontram no topo da escala, considerando, na sua perspetiva, que estes adjetivos são os únicos compatíveis com este tipo de modificadores (*totalmente e completamente*) (cf. Horn, 1989). Tendo em conta que está em análise a escala para valores positivos, estes adjetivos seriam *necessário* e *obrigatório*. De facto, os exemplos

⁸⁰ Correio da Manhã (2007). *Miúdos Assassinos*. Disponível em <https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/miudos-assassinos> [Consult. 19.09.2018]

⁸¹ Diário de Aveiro (2017). *Em Aradas há respostas sociais válidas... mas sem interessados*. Disponível em <http://www.diarioaveiro.pt/noticia/18937> [Consult. 13.09.2018]

⁸² Sol (2012). *Apanhado na rede*. Disponível em <https://24.sapo.pt/jornais/nacional/4097/2012-12-07> [Consult. 19.09.2018]

⁸³ Público e Lusa (2012). <https://www.publico.pt/2012/05/29/politica/noticia/balsemao-servicos-secretos-estao-numa-situacao-de-miseria-moral-1548100> *Balsemão: “Serviços secretos estão numa situação de miséria moral”*. Disponível em [Consult. 27.11.2017]

seguintes suportam essa ideia, isto é, que adjetivos no topo da escala se podem combinar com estes advérbios.

(95) Luaty Beirão “**é completamente necessário**” ao processo urgente de democratização que Angola precisa, sustentou a viúva do Nobel da Literatura José Saramago.⁸⁴

(95a) O FMI nunca deixa de ser, apenas, um banco – e é essa a própria natureza do seu papel indispensável e **totalmente necessário**. (par=ext128184-pol-94a-1)

(96) Em vez de diminuir o IVA sobre a restauração, que é um bem de consumo que não **completamente obrigatório**, o que deveria ter diminuído era o IVA sobre a eletricidade e o gás, de 23% para 13%.⁸⁵

(96a) A Air01 traz um suporte para ser encaixado na parte de trás do equipamento, apesar de isso não ser **totalmente obrigatório** devido à ausência de ligação por cabo.⁸⁶

(97) É um produto **completamente obrigatório**, que deve andar sempre connosco e que promete ser o nosso melhor amigo.⁸⁷

(97a) Nada teria sido possível (mais um cliché mas este **totalmente obrigatório**) sem os profissionais que trabalharam na produção do “Bairro Alto” ao longo de cinco anos e meio.⁸⁸

Chama-se, ainda, a atenção para o caso de *impossível* que, como acontece para a

⁸⁴ Porto Canal com Agência Lusa. (2015, Outubro 27). Pilar del Rio diz que Luaty Beirão é necessário à democratização de Angola. *Porto Canal*. Disponível em <http://portocanal.sapo.pt/noticia/72544> [Consult.27.11.2017]

⁸⁵ Félix, B. (em entrevista à Agência Lusa). (2017, Outubro 8). "Foi um disparate ter diminuído o IVA da restauração". *Expresso Online*. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/politica/2017-10-08-Foi-um-disparate-ter-diminuido-o-IVA-da-restauracao> [Consult. 27.11.2017]

⁸⁶ “Casa dos Bits” (2015, Fevereiro 5) *Sabia que pode tirar fotografias de 16 megapíxeis com o seu smartphone?* [Publicação em blogue] SapóTek. Disponível em <http://tek.sapo.pt/multimedia/artigos/sabia-que-pode-tirar-fotografias-de-16-megapixeis-com-o-seu-smartphone> [Consult. 27.11.2017]

⁸⁷ “Rita” (2015). *Hoje como Antigamente...* Disponível em <https://inspiracaoacores.blogs.sapo.pt/tag/beleza> [Consult. 27.11.2017]

⁸⁸ Gouveia, J. F. (2014). A última noite de conversa. *RTP Extra*. Disponível em <http://media.rtp.pt/extra/pessoas/a-ultima-noitada-de-conversa/> [Consult. 23.09.2018]

escala positiva com *necessário* e *obrigatório*, se encontra no limite da escala negativa. Note-se que *impossível* contém já, em si, a noção de limite, pois denota a completa falta de possibilidade. No entanto, este adjetivo aceita sem problemas a combinação com advérbios de totalidade.

(98) É **completamente impossível** dizer que não haverá aumentos para alguns trabalhadores independentes porque cada caso é um caso.⁸⁹

(98a) "Nunca me poderia tornar primeiro-ministro da Estónia, **seria totalmente impossível**", disse o antigo primeiro-ministro do Luxemburgo, citado pela BBC.⁹⁰

Mesmo em posição atributiva, uma posição mais restritiva, o adjetivo *impossível* aceita a combinação com estes advérbios.

(99) Era, portanto, normal vê-los envolvidos em negócios conjuntos, algo **completamente impossível** nos dias que correm. (*par=ext323106-eco-95a-1*)

(99a) Em «Setembro» temos de novo o tema dos conflitos recalcados entre mãe e filha, que culminam numa cena de acusações mútuas que tornam qualquer esperança de reconciliação **totalmente impossível**. (*par=ext625174-soc-91b-2*)

Com efeito, os exemplos acima apresentados mostram que, tanto *necessário*, como *obrigatório*, e ainda, *impossível* podem combinar-se, sem problemas de aceitabilidade, com *totalmente* e *completamente*, tanto em posição predicativa, como em posição

⁸⁹ Silva, Cristina O. (2017). "É *completamente impossível* dizer que não haverá aumentos de descontos para alguns" trabalhadores com recibos verdes. Disponível em <https://eco.pt/entrevista/e-completamente-impossivel-dizer-que-nao-havera-aumentos-de-descontos-para-alguns-trabalhadores-com-recibos-verdes/> [Consult. 27.11.2017]

⁹⁰ Ferrão, Bernardo. (2015). *Elisa Ferreira: "Europa está mais preocupada com o Syriza do que com a sra. Le Pen"*. Disponível em <http://expresso.sapo.pt/politica/2015-07-05-Elisa-Ferreira-Europa-esta-mais-preocupada-com-o-Syriza-do-que-com-a-sra.-Le-Pen#gs.pLBYoMg> [Consult. 27.11.2017]

atributiva,⁹¹ o que suscita, novamente, a questão sobre a interpretação (que impede a movimentação escalar).

Além disso, é de assinalar que os adjetivos *necessário* e *obrigatório* diferem entre si. De facto, o segundo apresenta um comportamento mais restritivo, já que não pode combinar-se com *muito* nem *pouco*. A possibilidade da combinação de *necessário* com *muito*, *pouco* e, ainda, com os advérbios de totalidade analisados, leva-nos a crer que este adjetivo não estará, em PE, contrariamente ao que acontece com o Inglês, no topo da escala, como já foi mencionado previamente (cf. Secção 3.3.1).

3.3.3. Construções com advérbios que transmitem a ideia de parcialidade/incompletude:

Praticamente e Quase

Em contraposição com os advérbios de completude/totalidade, pode fazer-se uma análise semelhante para advérbios que transmitem, pelo contrário, a ideia de incompletude ou, mais exatamente, de parcialidade. Faz, então, sentido o uso do advérbio *quase*, na medida em que este mostra, a nível de localização numa escala, a proximidade ao limite (máximo ou mínimo).⁹²

O mesmo tipo de interpretação está disponível para um advérbio semelhante, isto é, *praticamente*, já que que demonstra um sentido equivalente ao de *quase*, isto porque o seu significado aponta, igualmente, para a aproximação do limite escalar.⁹³ Adequa-se, então, no âmbito deste estudo, a análise das possibilidades combinatórias dos adjetivos modais com estes dois advérbios, de forma a revelar se, com efeito, o uso destes tem influência na posição escalar que os adjetivos ocupam ou se, pelo contrário, têm uma

⁹¹ Em posição atributiva, no entanto, a combinação com *completamente* não foi encontrada para o adjetivo *necessário*.

⁹² O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2011: 1932) define *quase* como um advérbio que pode transmitir vários significados, entre os quais “a pouca distância de; próximo, perto” ou, ainda mais especificamente, “**com ligeira diferença para menos**”, definição essa que comprova a diminuição da força modal dos adjetivos, quando combinados com este advérbio.

⁹³ O mesmo dicionário (Houaiss, 2011: 1864) define *praticamente* como um advérbio que pode transmitir a ideia de “perto de, aproximadamente; na realidade, **na prática**; pouco menos de, **quase**”; faço notar que *quase* é dado como podendo ser o significado de *praticamente*, o que comprova a semelhança entre os dois advérbios.

interpretação diferente.

O advérbio *quase* revelou-se mais flexível, uma vez que aceita a combinação com todos os adjetivos em estudo, tanto em posição predicativa como em posição atributiva, como será visto seguidamente. Por outro lado, o advérbio *praticamente* já se mostra mais restritivo, não aceitando algumas combinações, em ambas as posições atributiva e predicativa.

3.3.3.1. Posição Atributiva

O advérbio *quase*, como já foi referido, tem maior compatibilidade com os adjetivos modais estudados. As formas afirmativas estão ilustradas nos exemplos abaixo. O advérbio *praticamente*, por outro lado, é bastante mais rígido. Com efeito, todos os adjetivos em estudo, na sua forma afirmativa, rejeitam, nesta posição, a combinação com *praticamente*.

(100) Talvez valesse a pena questionar como é que uma civilização sobreviverá aceitando a alienação como algo normal, **quase desejável**, enquanto controla cada vez a vida individual dos cidadãos.⁹⁴

(100a) A temática de “Blade Runner 2049” reacende o tema existencial entre os humanos e os robôs. O futuro está próximo e esta é uma realidade **quase possível**.⁹⁵

Este tipo de construção conduz a uma leitura de aproximação ao sentido do adjetivo – algo que é *quase desejável* ou *quase possível* é algo que se aproxima muito de ser *desejável* ou *possível*, havendo, no entanto, uma diminuição/atenuação da força modal destes adjetivos.

Em posição atributiva, contudo, algumas combinações, embora existam, não são frequentes e os falantes apenas recorrem a estas combinações em casos muito específicos.

⁹⁴ “Mafarrico” (2018, Janeiro 23). *Chico Fininho*. [Comentário em Fórum de Discussão]. Disponível em <https://aventar.eu/2018/01/16/chico-fininho/> [Consult 24.11.2018]

⁹⁵ Paula, Célia (2017). *Blade Runner: 2049 – O futuro e a crise existencial*. Disponível em <http://reportersombra.com/blade-runner-2049/> [Consult. 27.11.2017]

Os exemplos seguintes ilustram estas mesmas exceções, referentes aos adjetivos *necessário* e *provável*.

- (101) Por sua vez, o Governo convida o PS para um quase-compromisso em redor do quase-programa de governo da **quase provável** oposição dentro de alguns meses.⁹⁶

Note-se que, neste exemplo específico, a combinação *quase provável* parece servir propósitos de aproximação ao sentido de *provável*, havendo, no entanto, possibilidade de uma leitura equivalente a *muito provável*.

- (102) Enquanto o champô seco se tornou um produto **quase necessário** para quem não lava o cabelo todos os dias (adeus raízes oleosas entre lavagens!), de que forma, afinal, os novos condicionadores secos se podem inserir na nossa rotina?⁹⁷

No exemplo acima, *quase* mantém, também, o uso de aproximação ao sentido do adjetivo. No entanto, existe uma ligeira diferença de leituras, apontando o uso de *quase necessário*, em posição atributiva, para uma ideia de obrigatoriedade, isto é, no caso específico deste exemplo, a ideia transmitida é a de que o champô seco se tornou de tal modo importante para a estética feminina, que parece indispensável, sendo precisamente nesse sentido usada a expressão em análise.

3.3.3.1.1. O bloco dos deônticos

Relativamente ao conjunto dos adjetivos deônticos, a combinação com *quase* é bem aceite, tanto por *obrigatório*, como *proibido*, afigurando-se *permitido* como uma exceção

⁹⁶ Félix, António B. (2015). *Um quase-programa de governo*. Disponível em <https://blogues.publico.pt/tudomenoseconomia/2015/04/18/um-quase-programa-de-governo/> [Consult. 27.11.2017]

⁹⁷ Magalhães, Helena (2017). *Esqueça os champôs. Conheça os novos “condicionadores secos”*. Disponível em <https://observador.pt/2017/10/23/esqueca-os-champos-conheca-os-novos-condicionadores-secos/> [Consult. 27.11.2017]

pois aparece com pouca frequência, tanto em posição atributiva como predicativa.

(103) Assunto **quase obrigatório** na conferência de imprensa pós-final era, obviamente, o chorudo prémio que Wheaton arrecadara. (*par=ext113402-des-91b-1*)

(103a) O Largo do Carvalhal, ponto central da freguesia, é um ponto de passagem **praticamente obrigatório** para habitantes e visitantes, constituindo-se como “montra” da localidade.⁹⁸

(104) Este tema da regionalização é o meu último acto de esperança à boca das urnas, no sonho **quase proibido** de diminuir o intervencionismo do Estado Português (...) (*par=ext347199-pol-98b-2*)

(104a) Quem competir com eles em 10.000m já sabe que o pódio é um sonho **praticamente proibido**. (*par=ext1564705-des-97a-2*)

É de notar que estas expressões são bem aceites em PE e, de modo nenhum, são pouco frequentes. Realmente, e em particular no texto jornalístico, é muito recorrente o uso de expressões como as do exemplo (103), em que o uso de *quase obrigatório* retira força à ideia de obrigação (i.e., não chega a ser obrigatório), mas marca a ideia de elevada probabilidade ou previsibilidade de ocorrência do acontecimento.

O exemplo relativo a *praticamente obrigatório*, por sua vez, não marca uma obrigação. Antes, dá uma espécie de conselho a “habitantes e visitantes”, marcando o Largo do Carvalhal como um local que estes devem, incontornavelmente, visitar. É, contudo, de assinalar que parece existir uma ligeira diferença de sentidos entre o advérbio *praticamente* e *quase*, já que o primeiro parece transmitir maior força. Notem-se os exemplos seguintes:

(105) A ponte está *quase* construída.

(105a) A ponte está *praticamente* construída.

⁹⁸ Câmara Municipal de Águeda (2017). *Início das Obras do Projeto Vencedor “Reabilitação do Largo do Carvalhal”, em Fermentelos*. Disponível em https://www.cm-agueda.pt/frontoffice/pages/48?news_id=1324 [Consult. 27.11.2017]

Se, no primeiro caso, o uso do advérbio *quase* pode indicar que a construção ainda pode demorar algum tempo, o exemplo com *praticamente* elimina essa possibilidade, pois, ao dizer que a ponta está *praticamente* construída, a intenção parece ser a de que faltam apenas alguns pormenores.

Já *quase proibido*, por outro lado, parece transmitir a ideia de que, no caso deste exemplo específico, aquele *sonho* não é aceitável (por razões não expressas). A combinação com *praticamente*, neste caso, parece marcar uma construção em que não se está a fazer referência, na verdade, a uma proibição (que não chega a ocorrer), mas antes a um acontecimento que se afigura impossível (devido, neste caso, à grande qualidade dos outros atletas; induz-se, assim, a leitura implícita de que alguém, referenciado por *eles*, tem uma grande probabilidade de chegar ao pódio).

Assim, a leitura associada à combinação dos adjetivos modais deônticos com este tipo de advérbios revela, também, uma aproximação ao ponto da escala em que se situa o adjetivo em causa (neste caso, *proibido* ou *obrigatório*), mas parece deixar uma alternativa em aberto, isto é, ao dizer que *um assunto é quase obrigatório na conferência* (cf. 103), admite-se a aproximação à ideia de obrigatoriedade de se tocar nesse assunto, deixando-se, todavia, em aberto a possibilidade de não se falar dele.

Relativamente à combinação com *quase*, em posição atributiva, o adjetivo *permitido* rejeita-a. De facto, o exemplo seguinte demonstra que os próprios falantes não aceitam com facilidade a combinação em causa, uma vez que esta se encontra, até, assinalada com aspas. Note-se que é um uso bastante específico, que dá conta da impossibilidade de utilizar uma expressão deôntica de permissão associada a um advérbio que transmite a ideia de que não se chega, efetivamente, a essa permissão.

(106) Até já estou a salivar, mas como hoje é dia “**quase-permitido**” de se comer chocolate, então decidi disparar estas duas doces, mas maléficas,

notícias!⁹⁹

É de assinalar que o uso destes advérbios em conjunto com os adjetivos modais deônticos, parece provocar uma movimentação na escala, no sentido de retirar força aos adjetivos que, neste tipo de modalidade, representam limites de obrigatoriedade ou proibição. Assim, ao combinar-se com *praticamente* ou *quase*, os adjetivos *proibido* e *obrigatório*, que se encontram no topo da escala, perdem força e deslocam-se para um ponto mais baixo da mesma. Chega-se, assim, à ideia de que algo (expresso pela predicação em cada exemplo) não é, de facto, *obrigatório* ou *proibido*, mas que se aproxima dessa obrigação ou permissão, respetivamente.

Todavia, *permitido* encontra-se, não no topo, mas no meio da escala. Este facto faz com que a combinação com *praticamente* ou *quase* se torne não só desnecessária, como não aceitável.

3.3.3.2. Posição Predicativa

A posição predicativa, tratando-se de uma posição bastante mais flexível, permite que os adjetivos modais se combinem bem com os advérbios *praticamente* e *quase*. Os exemplos (107) e (108) ilustram estas combinações para as formas afirmativas dos adjetivos em estudo.

(107) Da salva de palmas inicial até ao adeus sentido, passando por todos os coros acertados, incentivos mandados na hora certa e palmas mais ou menos a compasso, era **praticamente possível** ouvir o coração do público a bater em unísono com o da banda.¹⁰⁰

(108) Neste ponto do relato era **quase possível** ver o arreganhar de dentes guloso do agente. (*par=ext473446-soc-96a-3*)

⁹⁹ Maria Amélia (2015). *Dia Mundial do Chocolate*. Disponível em <http://www.ofabulosodestinodemariaamelia.pt/dia-mundial-do-chocolate/> [Consult. 27.11.2017]

¹⁰⁰ Pereira, Lia (2017). *The National no Coliseu de Lisboa: bem-vindos a casa*. Disponível em <http://blitz.sapo.pt/principal/update/2017-10-29-The-National-no-Coliseu-de-Lisboa-bem-vindos-a-casa-1> [Consult. 28.11.2017]

A interpretação dos exemplos anteriores parece ser a de que, de facto, não chegava a ser possível ouvir o coração do público a bater ou ver o arreganhar de dentes do agente, mas, na verdade, pela situação em si, era possível, de certa forma, adivinhar, i. e., prever que deveriam ser essas as sensações. Apesar de haver uma atenuação no sentido do adjetivo (i.e., existe uma aproximação ao nível escalar de *possível*), os advérbios não induzem, nestes casos, uma interpretação de *possível* com o sentido de possibilidade. Pelo contrário, a leitura dos exemplos acima deverá ser a de capacidade interna (i.e., o ambiente/contexto do enunciado era de tal forma intenso que quase se via/ouvira).¹⁰¹

Relativamente à combinação com *provável*, o primeiro exemplo apresentado de seguida (109) comprova o reconhecimento, por parte dos falantes, de uma escala que organiza a força modal dos adjetivos em análise. Com efeito, o falante reconhece que, mesmo combinado com *quase* (e, por essa razão, acompanhado de um deslocamento para um ponto mais baixo da escala), *provável* continua a ter maior força modal do que *possível*.

Já o exemplo relativo à combinação com *praticamente* (110) pode conduzir à leitura de aproximação ao ponto escalar do adjetivo, mas existem outras possibilidades de interpretação. De facto, o exemplo pode ter um sentido equivalente a *muito provável*, não se marcando, dessa forma, a aproximação ao ponto de *provável*, mas, antes, conduzindo a um reforço da crença do falante na ocorrência do acontecimento.

(109) Este cenário é mais que possível, é **quase provável**.¹⁰²

(110) Se Calado actuar no “miolo” encarnado, é **praticamente provável** que Fernando Meira faça dupla de centrais com o brasileiro Ronaldo.¹⁰³

Nos exemplos seguintes, a ideia transmitida é a de que não chega a ser necessário,

¹⁰¹ Note-se que os verbos associados a este tipo de construção são sensoriais, o que facilita esta leitura de capacidade interna.

¹⁰² Esteves, Tiago (2013). *O aumento de capital e as obrigações do Banif*. Disponível em <http://surfaratendencia.pt/o-aumento-de-capital-e-as-obrigacoes-do/> [Consult. 28.11.2017]

¹⁰³ (s.a.) (2001). *Tomás/Hooijdonk no ataque e Calado no «miolo»*. Disponível em <http://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-nos/benfica/detalhe/tomashooijdonk-no-ataque-e-calado-no-miolo.html> [Consult. 28.11.2017]

isto é, que apenas se aproxima do ponto da escala em que se encontra *necessário*. O uso de *praticamente*, novamente, parece conduzir a uma interpretação ligeiramente diferente, já que parece expressar que é, de facto, necessário que haja uma confissão, acentuando, assim, o sentido do adjetivo.

(111) “Desconfio muito, elas não dão resultado”, porque, para um suspeito ser julgado, “é **praticamente necessário** que haja confissão”.¹⁰⁴

(112) Para concretizar o projecto (quatro anos mediaram entre a formulação do «conceito» e o início da rodagem do primeiro filme), foi **quase necessário** «inventar» uma estação televisiva. (*par=ext153304-clt-95a-2*)

No exemplo seguinte, a interpretação de *quase desejável* deve, também, ser tomada como uma aproximação ao nível de *desejável*.

(113) Após subidas assim tão fortes e pronunciadas, uma correcção é **quase desejável**.¹⁰⁵

Ainda assim, também nesta posição, existem algumas exceções. Em primeiro lugar, a combinação com *praticamente* não é aceite pelo adjetivo *desejável* e pelo seu correspondente negativo *indesejável*, não tendo sido encontrado nenhum caso representativo das sequências *praticamente desejável* ou *praticamente indesejável*.

3.3.3.2.1. O bloco dos deônticos

Em posição predicativa, os adjetivos deônticos em estudo, isto é, *proibido*, *permitido* e *obrigatório*, aceitam bem a combinação com o advérbio *praticamente*, o

¹⁰⁴ Simões, Bruno (2010). “Desconfio muito dos resultados de medidas penais para combater a corrupção”. Disponível em https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/quotdesconfio_muito_dos_resultados_de_medidas_penais_para_combater_a_corrupcedilatildeoquot [Consult. 28.11.2017]

¹⁰⁵ “Cartago” (2007). Allianz. *Jornal de Negócios*. [Comentário em Fórum de Discussão] Disponível em <http://caldeiraodebolsa.jornaldenegocios.pt/viewtopic.php?f=3&t=57925&start=0> [Consult. 29.11.2017]

mesmo acontecendo para *quase*, mas novamente *permitido* se apresenta como uma exceção, uma vez que, apesar de existente, deve ser feita uma chamada de atenção para a pouca frequência com que ocorre a sequência *praticamente permitido*.¹⁰⁶ Analisemos, então, os adjetivos do domínio deôntico em estudo.

(114) Hoje, é considerado **praticamente obrigatório** por todos os sectores de público. (*par=ext943009-nd-91b-1*)

(115) O cinema francês não é um cinema de acção, é um cinema psicológico, de sentimentos, é **quase obrigatório** haver mulheres... (*par=ext625549-clt-92a-1*)

Em relação a *obrigatório*, parece ser possível retirar dos exemplos uma norma que, apesar de não ser expressa por nenhuma entidade específica, pode advir do sentido de bom senso ou, até, de normas de comportamento em sociedade, por exemplo.

(116) O «Conto de Inverno» dura quatro horas, o que em teatro é **quase proibido**. (*par=ext186313-clt-94a-3*)

(117) Há uma semana que é **praticamente proibido** fumar em todos os restaurantes da cidade. (*par=ext993484-soc-95a-1*)

Para o exemplo (116), interpretação que se afigura mais correta é, até, de atenuação, ou seja, ao dizer que uma peça de teatro dura quatro horas é *quase proibido*, pois, apesar de não haver nenhuma lei ou entidade que proíba tal duração, há circunstâncias exteriores que sugerem que esse acontecimento é impensável. A interpretação de *praticamente proibido* (cf. 117) traz alguns problemas, pois é difícil definir um ponto que apenas se aproxima de uma proibição. Assim, a frase só seria aceitável se dissesse que é proibido fumar em praticamente todos os restaurantes da cidade, já que a única leitura possível, neste caso, é, precisamente, a que relaciona *praticamente* com o quantificador *todos*.

¹⁰⁶ A pesquisa no CetemPúblico não obteve nenhuma ocorrência e uma pesquisa filtrada no Google apenas conduziu a dois exemplos para este tipo de construção.

Desse modo, pode dizer-se que *praticamente todos* tem um sentido semelhante a *quase todos*.

Assim, deve ser tido em consideração que existe uma mudança de escopo que afeta a interpretação do conjunto, isto é, o advérbio aplica-se a *todos* e não ao adjetivo *proibido*. Desse modo, também nestes casos, a interpretação não está relacionada uma aproximação do adjetivo ao topo da escala. Ainda assim, por se tratar do domínio deôntico, parece ser possível a recuperação das noções de proibição ou obrigação, relacionadas com o domínio deôntico, mas estas são atenuadas, não existindo nenhuma entidade que aplique uma norma, nem nenhuma entidade que a receba.

Por seu lado, *permitido* tem um comportamento muito mais rígido.¹⁰⁷ Apesar disso, foram encontradas duas sequências representativas:

- (118) Não se ligava a cintos nem ao excesso de álcool nem aos putos ao monte dentro do carro, nem inspecções nem limites de velocidade...tudo era **praticamente permitido**, claro que os tempos mudaram e as normas de segurança tornaram-se mais rígidas.¹⁰⁸

No caso do exemplo acima, parece-me que a associação deve ser feita entre *praticamente e tudo*, não havendo, portanto, uma associação direta entre *praticamente e permitido*. Já no caso do exemplo seguinte, a combinação *praticamente permitido* parece conduzir à interpretação de que, embora não seja, realmente, permitido fumar nem possuir haxixe, verifica-se que isso acontece. Pode, portanto, ter a interpretação de que *é permitido na maior parte das situações*, ou seja, muito frequentemente.

- (119) Por exemplo, mesmo que aqui fumar e possuir haxixe seja **praticamente permitido**, a polícia sempre que pode dificulta a vida aos

¹⁰⁷ Chamo a atenção para o facto de o exemplo 116 não ter a pontuação devida, por ter sido retirado de um comentário num fórum de discussão. Decidi, contudo, coloca-lo por ser um raro exemplo representativo do fenómeno em estudo.

¹⁰⁸ “Nephilim” (2007). Disponível em <http://forum.autohoje.com/road-book/42675-excesso-de-alcool-duvida-3.html> [Consult. 13.03.2018]

jovens, confiscando o que possuem, prendendo-os, etc.¹⁰⁹

3.3.3.3. A forma negativa dos adjetivos

3.3.3.3.1. Posição Atributiva

As formas negativas correspondentes aos exemplos analisados acima têm, também, comportamentos diferentes. Ao contrário do que acontece para as formas afirmativas, em posição atributiva, todos os adjetivos negativos estudados aceitam a combinação com *praticamente*, com a exceção de *indesejável*, para o qual apenas uma ocorrência foi encontrada no decorrer da pesquisa. O mesmo padrão é observado para o advérbio *quase*, que, da mesma forma, se combina com todos os adjetivos estudados, construídos através de prefixação negativa, havendo, igualmente, apenas um caso a registar relativamente ao adjetivo *indesejável*.

(120) De acordo com os jornais transalpinos, José Mourinho estabeleceu a chegada de Deco como prioridade – a título de empréstimo -, mas a **praticamente impossível** operação lançou para cima da mesa outros nomes para ocupar a posição 10 no 4x3x3 do técnico português.¹¹⁰

(120a) É um cenário **quase impossível**, sobretudo depois da pesada derrota de domingo. (*par=ext45127-pol-95b-2*)

Nos exemplos acima, parece haver, de facto, uma movimentação do adjetivo na escala da força modal, que retira força ao adjetivo, isto é, *impossível* deveria estar no topo da escala negativa e, associado a estes advérbios, parece mover-se para valores um pouco mais baixos. Ainda assim, a interpretação deve ser a de que, embora não seja, de facto, impossível, é muito difícil de ocorrer.

Em relação a *improvável*, exemplificado a seguir (cf. 121), o primeiro exemplo, é

¹⁰⁹ “mvs” (2011). *Ainda sobre o post anterior do João Silveira*. [publicação em blogue]. Senza Pagare. Disponível em <http://senzapagare.blogspot.pt/2011/01/> [Consult. 28.11.2017]

¹¹⁰ “SLBAndre” (2009). *Irriducibili18*. Disponível em <https://www.zerozero.pt/news.php?id=14213&redirm=1> [Consult. 28.11.2017]

difícil de processar, pois parece que a intenção do autor é afirmar que é uma tarefa muito difícil, aproximando-se até da impossibilidade, mas a aplicação do adjetivo *improvável*, medindo, dessa forma, o baixo grau de probabilidade, parece não se adequar. Já o segundo exemplo, que representa a combinação com *quase*, revela-se, também, uma exceção na medida em que o encontro, que se qualifica como tendo muito baixa probabilidade de ocorrer, ocorreu, de facto, pois dele resultou “o primeiro volume da série” mencionada. Neste caso, o advérbio *quase* parece atuar no sentido de anular a dita improbabilidade.

(121) Destacar uma Memória de tantos e tão bons anos passados em Vila Mendo é tarefa **praticamente improvável!**¹¹¹

(121a) «La Cathédrale Invisible», primeiro volume da série «Face de Lune, le Dompteur de Vagues», é a resultante de um encontro **quase improvável** entre dois autores imprevisíveis: o francês Bouq e o chileno de origem russa Jodorowsky. (*par=ext1346813-clt-93a-1*)

Os exemplos seguintes são relativos ao adjetivo *desnecessário*. Nestes casos, os advérbios *quase* e *praticamente* revelam uma aproximação ao nível de *desnecessário*.

(122) Um apelo **quase desnecessário**, já que naquela freguesia do concelho de Loures, às portas de Lisboa, todos recusam a intenção de transferir a esquadra para a chamada Divisão Concentrada de Benfica. (*par=ext766198-soc-95a-3*)

(122a) Quando todos esperavam que chegasse num dos três carros que saíram da prisão, Carlos Silvino chegou a pé, vindo de uma rua de sentido proibido, apenas tapando a cara com uma mão, um acto **praticamente desnecessário** já que a chegada quase passou despercebida aos jornalistas de

¹¹¹ Pissarra, Júlio (2012). *Vozes da Terra – Júlio Pissarra*. [publicação em blogue] Associação Cultural Recreativa Vila Mendo – vila fernando – guarda. Disponível em http://acrvilamendo.blogspot.pt/2012/04/vozes-da-terra-julio-pissarra_19.html [Consult. 28.11.2017]

imagem.¹¹²

Em relação a *indesejável*, os exemplos seguintes mostram uma clara diferença entre os advérbios em uso. De facto, se *quase* mostra o sentido de aproximação, e, dessa forma, uma interpretação escalar do adjetivo, *praticamente*, por sua vez, revela um sentido diferente. Realmente, no segundo exemplo, a leitura parece ser a de que o resultado foi, de facto, indesejável; esse exemplo comprova que *praticamente* parece, em alguns casos, apresentar uma leitura ligeiramente diferente das anteriores, que se assemelha a *na prática*.

(123) Actualmente o própolis tem ganho valor comercial, no passado recente era visto pelos apicultores como um produto **quase indesejável**.¹¹³

(123a) A tese da maioria vencedora tem um resultado **praticamente indesejável**: a inconstitucionalidade de uma lei aprovada de boa-fé pela quase unanimidade da Assembleia da República.¹¹⁴

3.3.3.3.2. Posição Predicativa

Novamente, em relação aos adjetivos modais na sua forma negativa, a posição predicativa revela-se menos rígida. Com efeito, as combinações possíveis mostram que, nesta posição, todos os adjetivos negativos em estudo se combinam bem, tanto com *quase*, como com *praticamente*.

Novamente, nestes casos, acentua-se a diferença de sentidos veiculados pelos advérbios *quase* e *praticamente*. Se *quase* acentua o carácter escalar de aproximação ao sentido de *impossível*, *praticamente* acarreta uma leitura ligeiramente diferente, na medida em que, apesar de revelar a aproximação ao nível de *impossível*, parece reforçar o sentido dessa impossibilidade e não atenuá-lo. De facto, poderia substituir-se o advérbio

¹¹² Agência Lusa (2005). *Carlos Silvino regressa a casa de forma discreta três anos depois*. Disponível em https://www.rtp.pt/noticias/pais/carlos-silvino-regressa-a-casa-de-forma-discreta-tres-anos-depois_n21147 [Consult. 28.11.2017]

¹¹³ Disponível em <http://as-abelhas.com/site/index.php/propolis> [Consult. 29.11.2017]

¹¹⁴ Brito, José de Sousa (2002). *Acórdão n.º 36/2002*. Disponível em http://bdjur.almedina.net/item.php?field=node_id&value=54260 [Consult. 28.11.2017]

praticamente pelo quantificador *bastante* e o sentido interpretativo manter-se-ia o mesmo.

(124) A adaptação é **quase impossível** nestas circunstâncias.
(*par=ext81432-des-92b-1*)

(124a) Por esta razão, é **praticamente impossível** que o processo de recuperação da Oliva não se debruce sobre todo o conjunto das empresas.
(*par=ext220656-eco-96a-2*)

O mesmo tipo de interpretação deve ser feito para os restantes adjetivos.

(125) Os grandes monopólios de telecomunicações europeus enfrentam uma concorrência há anos considerada **quase improvável**. (*par=ext53521-eco-96a-4*)

(125a) A associação já solicitou a João Soares, presidente da Câmara de Lisboa, o fim da cobrança do estacionamento aos veículos de serviço dos estabelecimentos, mas é **praticamente improvável** que a autarquia venha a abrir exceções ao regime em vigor na cidade. (*par=ext97000-soc-96b-3*)

(126) Apresentá-lo é **quase desnecessário**. (*par=ext1454693-pol-93a-4*)

(126a) Se Kristin Scott Thomas como Clemmie Churchill é a “luz em tempos de guerra” na vida de Churchill durante o filme, servindo de âncora perfeita à personalidade do seu marido, já o papel de Lily James como sua dactilógrafa e secretária pessoal é **praticamente desnecessário** (...).¹¹⁵

Ainda assim, salienta-se a inflexibilidade do adjetivo *indesejável*, que, como se tem vindo a observar, tem dificuldade em combinar-se com o advérbio *praticamente*, revelando, também em posição predicativa, essa mesma incompatibilidade, uma vez que não foram encontradas ocorrências.

¹¹⁵ Vieira, João E. (2018). ‘Darkest Hour’, o poder das palavras e o Óscar para Gary Oldman. Disponível em <https://www.comunidadeculturaearte.com/darkest-hour-o-poder-das-palavras-e-o-oscar-para-gary-oldman/> [Consult. 13.03.2018]

3.3.4. Uma proposta de análise

Os exemplos analisados nesta secção levantam um tópico de discussão importante, particularmente no que diz respeito à escalaridade associada aos adjetivos modais. Estes parecem ter um comportamento bastante flexível no que diz respeito à combinação com os advérbios que transmitem a ideia de completude ou totalidade. O comportamento dos adjetivos, embora irregular, uma vez que não foi possível sintetizar o comportamento de todos aqueles que estudamos num único padrão, permite, ainda assim, uma reflexão acerca das características deste tipo de adjetivo.

Em primeiro lugar, relativamente à discussão acerca do carácter aberto ou fechado destes adjetivos, assumimos que os adjetivos modais têm escala fechada, reunindo, assim, a teoria de Leal *et al.* (2011) (baseada nos trabalhos de Kennedy e McNally, 2005, e Kennedy e Levin, 2008), de que todos os adjetivos que se combinem com este tipo de advérbios deverão ser de escala fechada com a proposta de Horn (1989), que transmite informação acerca dos adjetivos que se encontrem nos topos, quer positivo, quer negativo, da escala, relevando, igualmente, a sua compatibilidade lógica com estes mesmos advérbios.

A perspetiva deste trabalho, porém, afasta-se da teoria de Horn (1989), no sentido em que os exemplos, efetivamente, confirmam a possibilidade de combinar adjetivos do topo da escala com advérbios de completude, sem problemas de gramaticalidade, contrariando, contudo, a ideia de que os restantes adjetivos (que se encontram no meio da escala), não se podem combinar com os mesmos advérbios. Além disso, ao contrário do que se passa em Inglês, o adjetivo *necessário*, em PE, parece não estar no topo da escala.

Por outro lado, também relativamente aos advérbios em foco, existem diferenças notórias que devem ser assinaladas. De facto, estes advérbios podem ter várias interpretações, consoante o tipo de adjetivos com os quais se combinam, não estando todas relacionadas com um limite escalar. Assim, se considerarmos adjetivos que representam, de forma canónica, uma escala fechada, como o par *cheio/vazio*, existe, com efeito, a interpretação de que se atingiu o limite máximo da escala, como o exemplo seguinte demonstra, em que esse mesmo limite é representado pelo número de

espectadores (sete mil).

(127) Tem capacidade para sete mil espectadores e ontem estava **completamente cheio**, até porque as entradas eram gratuitas e o espectáculo prometia. (*par=ext80934-des-93b-1*)

No caso de outros adjetivos do mesmo tipo, como *seco/molhado*, a leitura, no entanto, pode ser mereológica. No exemplo (128) abaixo, a interpretação é a de que todas as partes do braço estavam secas, não havendo nenhuma que estivesse molhada.

(128) É hidrófugo», afirma, retirando o braço **completamente seco**. (*par=ext235204-clt-97b-2*)

Se, no entanto, combinarmos estes advérbios com certos adjetivos, podemos obter uma leitura de intensidade, que, essencialmente, tem como função reforçar o sentido do adjetivo, neste caso, qualificativo, como acontece com o exemplo seguinte, com o adjetivo *idiota*. Note-se que não é possível a leitura escalar (i.e., de que se atingiu o limite da idiotice), estando, igualmente, vedada a leitura mereológica (i.e., de que todas as partes da crítica são idiotas).

(129) R. -- Acho uma crítica **completamente idiota**. (*par=ext776763-clt-91b-2*)

Por fim, uma outra interpretação é possível, quando estes advérbios se combinam com certos adjetivos, como é o caso dos adjetivos modais. Neste caso, parecem estar, também, associados a uma função de reforço epistémico, mas, neste caso, já não do sentido do adjetivo, mas sim da ideia transmitida pela predicação. Neste sentido, parece que a interpretação adequada para os exemplos acima analisados deverá ser, não a de completude, isto é, do atingir do topo da escala, mas sim a de que não existe nenhuma outra alternativa, num sentido semelhante ao de “não há dúvidas que”.

Reanalizando, nesta perspetiva o exemplo (130), a ideia transmitida pela sequência

“é completamente impossível” significa, não que se atingiu o limite do impossível, mas sim que se considera não haver alternativas a essa impossibilidade (isto é, não existe qualquer possibilidade), num sentido semelhante a *não há dúvidas que é impossível*.

(130) É **completamente impossível** dizer que não haverá aumentos para alguns trabalhadores independentes porque cada caso é um caso.¹¹⁶

(130a) "Nunca me poderia tornar primeiro-ministro da Estónia, **seria totalmente impossível**", disse o antigo primeiro-ministro do Luxemburgo, citado pela BBC.¹¹⁷

O mesmo se passa para o exemplo (130a), em que a associação de *totalmente a impossível* parece levar à interpretação de uma crença absoluta na impossibilidade de o acontecimento ocorrer. Por outras palavras, afirma-se que não existe a mínima possibilidade de o antigo primeiro-ministro do Luxemburgo se tornar primeiro-ministro da Estónia.

Além dos modais, o mesmo tipo de interpretação pode ocorrer com adjetivos do tipo *verdadeiro/falso* e *certo/errado*. Note-se o exemplo (131), cuja interpretação é a de que não existem dúvidas que “isto” é algo completamente errado, ou seja, não há nenhuma possibilidade de ser certo.

(131) Isto é **completamente errado**. (*par=ext518426-pol-91b-1*)

O mesmo acontece para o exemplo (132). Note-se que o advérbio não está a mover o adjetivo *falso* para o topo da escala, mas sim a enfatizar o sentido do adjetivo, isto não existe qualquer alternativa em que a predicação seja verdadeira. Trata-se, portanto, de

¹¹⁶ Joaquim, C (2017). “É completamente impossível dizer que não haverá aumentos de descontos para alguns” trabalhadores com recibos verdes. *Economia Online (ECO)*. Disponível em <https://eco.pt/entrevista/e-completamente-impossivel-dizer-que-nao-havera-aumentos-de-descontos-para-alguns-trabalhadores-com-recibos-verdes> [Consult. 23.11.2017]

¹¹⁷ Junker, J. (2017). “Não devia dizê-lo, mas tenho de o dizer. Eu ainda não tenho um smartphone.” *Sic Notícias*. Disponível em <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2017-06-30-Nao-devia-dize-lo-mas-tenho-de-o-dizer.-Eu-ainda-nao-tenho-um-smartphone> [Consult. a 23.11.2017]

uma interpretação semelhante a “não há dúvidas que dizer-se isso é falso”.

- (132) Dizer-se que os alunos circulam automaticamente no sistema é **completamente falso**. (*par=ext113140-soc-92b-2*)

Quando os advérbios *praticamente/quase* se combinam com os adjetivos modais em estudo, dão origem a frases cuja interpretação é, na maioria dos casos, a de aproximação ao ponto escalar onde se localiza o adjetivo com o qual se combinam, numa leitura de atenuação da força modal. Dessa forma, os advérbios *praticamente* e *quase* têm um comportamento semelhante aos quantificadores *muito/pouco*, uma vez que promovem a movimentação dos adjetivos na escala de valores de força modal. Note-se o exemplo seguinte, no qual *quase* faz baixar o valor modal de *possível*, mantendo-o, no entanto, próximo do seu valor real.

- (133) É **quase possível** sintetizar as diferenças encontradas entre as estruturas de consumo dos países pelos valores observados nestas duas variáveis. (*par=ext1191672-clt-92a-1*)

Por outro lado, é importante assinalar que a maioria dos exemplos encontrados para o adjetivo modal *possível* (do domínio epistémico) representa verbos sensoriais, o que pode advogar no sentido de que estes advérbios podem induzir uma leitura de capacidade interna, quando ligados a verbos/frases que transmitam sensações, como se ilustra no seguinte exemplo.

- (134) No «Diário da República», é **quase possível** ouvir o barulho das tesouras de alfaiate do Ministério das Finanças... (*par=ext1329206-soc-92a-1*)

Quando combinados com adjetivos deônticos, estes advérbios podem manter a leitura de atenuação da força modal, neste caso, aplicada a normas/permissões/proibições, pois, embora não haja nenhuma entidade ou norma que aplique uma noção deôntica apenas em certa medida, pode haver espaço a uma leitura que permita que seja o contexto

(por exemplo, normas sociais, etc.) a definir essa noção (cf. 117).

(117) «O Conto de Inverno» dura quatro horas, o que em teatro é **quase proibido**. (*par=ext186313-clt-94a-2*)

Por outro lado, em especial com o adjetivo deôntico *permitido*, pode haver uma outra possibilidade de interpretação, em que o advérbio se aplica não ao adjetivo em si, mas a outro elemento da frase, induzindo uma leitura diferente, baseada na mudança de escopo do advérbio, o que pode induzir uma interpretação semelhante a *permitido por muitos* ou *em muitas ocasiões*.

Resta salientar que, em alguns casos, o advérbio *praticamente* não atua no sentido de movimentação na escala, i.e., de atenuação, mas pode atuar num sentido que mantém a força modal do adjetivo; neste caso, a interpretação terá um significado parafraseável por *na prática*, como o exemplo seguinte demonstra.

(135) A votação foi considerada uma antecipação de um debate sobre o aborto, que a partir do dia 18 será **praticamente proibido**. (*par=ext47076-soc-97b-1*)

É, igualmente, importante assinalar que, embora estes dois advérbios tenham um comportamento semelhante e atuem, de modo geral, da mesma forma, i.e., no sentido de atenuar/retirar força modal ao valor do adjetivo, e, por essa razão, tenham sido analisados em paralelo, a realidade é que existem ligeiras diferenças na força transmitida por cada um deles. De facto, *praticamente* parece ter mais força do que *quase*, mantendo o sentido da expressão com uma força muito próxima do valor real do adjetivo, i.e., provoca um afastamento menor em relação ao ponto onde o adjetivo se localiza na escala, enquanto *quase* pode ter um afastamento bastante maior, comparativamente. Se analisarmos o exemplo seguinte, esta diferença relativa entre a força dos advérbios fica explícita.

(136) O copo está *quase* cheio = pode, ainda, faltar um volume considerável para encher o copo.

(136a) O copo está *praticamente* cheio = o volume de ocupação do copo está muito próximo do seu máximo.

3.4. Síntese

Ao longo deste capítulo, foi feita uma análise do comportamento dos adjetivos, bem como a forma como respondiam a diferentes parâmetros.

Em primeiro lugar, tentou-se averiguar que posições os adjetivos podiam ocupar na frase. Verificou-se que estes adjetivos podem aparecer em posição atributiva (a posição típica dos adjetivos qualificativos) ou em posição predicativa – sendo esta segunda bastante mais flexível, já que aceita a construção com todos os adjetivos.

Por outro lado, analisou-se o comportamento dos adjetivos com a negação. Inicialmente, distinguem-se dois tipos de negação. Em primeiro, lugar o uso de formas negativas (construídas através da combinação dos adjetivos com prefixos de negação), que é rejeitado pelos adjetivos deônticos. Pode, ainda, recorrer-se à construção perifrástica, através da combinação do adjetivo com o advérbio de negação (*não*). Este mecanismo permite um maior número de combinações, sobretudo em posição predicativa, o que torna a sua análise mais complexa. De modo geral, verifica-se que a posição atributiva apenas permite a combinação direta do advérbio de negação com o adjetivo, e os adjetivos *possível* e *impossível* (do domínio epistémico) são os únicos que rejeitam esta combinação. Por outro lado, a posição predicativa permite cinco tipos de combinação, que foram analisadas uma a uma (*x* representa o adjetivo na forma afirmativa):

- Não ser *x*
- Ser *não x*
- Ser *x não*
- Ser *im-/des- x*
- Não ser *im-/des- x*

Verificou-se que, de todas as combinações prévias, apenas *ser não x* (por exemplo, *ser não provável*) apresenta problemas de restrição, bem como de aceitação

por parte dos falantes. Chama-se, ainda, a atenção para o facto de ser possível negar os adjetivos negativos, tanto em posição atributiva, como predicativa.

A última secção do capítulo é dedicada à análise do comportamento escalar dos adjetivos modais. Seguindo, inicialmente, a escala proposta por Horn (1989), verificou-se de que forma os adjetivos respondiam à combinação com quantificadores (nomeadamente *muito* e *pouco*), fazendo-se uma análise diferenciada para o adjetivo *necessário* e para *impossível*, já que, por estarem no topo da escala, não deveriam aceitar com facilidade a combinação com *muito* (quantificador que os faz mover para pontos mais elevados da escala). Também o conjunto dos deônticos obrigou a uma análise distinta, tanto para a posição atributiva como predicativa, já que forma uma espécie de um bloco, que apresenta um comportamento mais restritivo, não aceitando bem esta combinação (à exceção de *permitido*).

Para completar a análise acerca da escalaridade dos adjetivos, e tendo como base os trabalhos de Kennedy e McNally (2005), foi feita uma avaliação da compatibilidade destes adjetivos com os advérbios de totalidade *completamente* e *totalmente* (com base na noção de *proportional modifiers*¹¹⁸), que se complementou, fazendo o mesmo tipo de análise para os advérbios de parcialidade *quase* e *praticamente*.

Apresento, de seguida, um quadro que faz a síntese do comportamento de cada adjetivo, relativamente aos aspetos da escalaridade estudados.

¹¹⁸ Relembro que, segundo Kennedy & McNally (2005), sendo capazes de se combinar, sem problemas de gramaticalidade, com advérbios designados de *proportional modifiers*, do tipo *completamente*, *parcialmente* ou *metade/meio*, os adjetivos estariam associados a uma escala fechada.

Tabela 2: Comportamento das formas afirmativas dos adjetivos, no que diz respeito à escalaridade

Possível	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Posições Atributiva e Predicativa	Apenas posição predicativa	Apenas posição predicativa	Apenas posição predicativa	Apenas posição predicativa	Posições Atributiva e Predicativa
Provável	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Apenas posição predicativa	Apenas posição predicativa	Posições Atributiva e Predicativa
Necessário	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Apenas posição predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Apenas posição predicativa	Posições Atributiva e Predicativa
Desejável	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Apenas posição predicativa	Não aceita	Posições Atributiva e Predicativa

Tabela 3: Comportamento das formas negativas dos adjetivos, no que diz respeito à escalaridade

Impossível	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Apenas posição predicativa, com dificuldade de aceitação	Não aceita	Posições Atributiva e Predicativa			
Improvável	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Posições Atributiva e Predicativa	Não aceita	Posições Atributiva e Predicativa			
Desnecessário	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Posições Atributiva e Predicativa	Não aceita	Posições Atributiva e Predicativa			
Indesejável	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Posições Atributiva e Predicativa	Não aceita	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Não aceita	Apenas em posição predicativa

Tabela 4: Comportamento dos adjetivos deônticos, no que diz respeito à escalaridade

Obrigatório	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Aceita com restrições a posição atributiva	Rejeita	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa
Proibido	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Rejeita	Rejeita	Posições Atributiva e Predicativa	Posição predicativa e atributiva (com restrições)	Posições Atributiva e Predicativa	Posições Atributiva e Predicativa
Permitido	Muito	Pouco	Completamente	Totalmente	Praticamente	Quase
	Aceita com restrições a posição atributiva	Rejeita	Apenas posição predicativa	Apenas posição predicativa	Apenas posição predicativa	Apenas posição predicativa

Em primeiro lugar, é de assinalar que o comportamento dos deônticos os aproxima uns dos outros, ao mesmo tempo que os afasta dos restantes adjetivos em estudo, pelo que, por apresentarem características semelhantes, se podem considerar um conjunto.

Por outro lado, pode, ainda, afirmar-se que a capacidade que os adjetivos analisados demonstram de se moverem ao longo da escala que mede a força modal poderia conduzir à ideia de que, ao contrário do que seria de esperar, os adjetivos modais possuem uma escala aberta. No entanto, pelo facto de certos adjetivos, como os deônticos *obrigatório* e *proibido*, mostrarem um comportamento muito restritivo, que os coloca indubitavelmente no topo da escala (positiva e negativa, respetivamente)¹¹⁹, rejeita-se essa possibilidade.

Salienta-se, também, o comportamento irregular do adjetivo *necessário* que, ao contrário do que considera Horn (1989), parece tratar-se de um adjetivo que está a sair do topo da escala, já que aceita sem problemas a combinação com o quantificador *muito*, que o faz mover para pontos mais elevados da escala. Assim, se *necessário* se

¹¹⁹ Os adjetivos deônticos parecem ter comportamentos relativamente diferentes em relação aos restantes adjetivos estudados e, por isso, tornou-se necessário analisá-los separadamente. Talvez por representarem o estabelecimento de um conjunto de normas, têm comportamentos mais rígidos, relativamente aos parâmetros em análise.

encontrasse no topo da escala, não poderia aceitar esta movimentação. Este argumento é, ainda, reforçado se se tiver em conta o comportamento dos adjetivos que, de facto, se encontram no topo da escala (i.e., *obrigatório, proibido e impossível*), e que rejeitam esta mesma combinação.

Assinala-se, igualmente, o comportamento dos adjetivos modais em estudo relativamente à combinação com advérbios de completude e parcialidade. De facto, ao poderem combinar-se com advérbios que transmitem a ideia de totalidade e, também, de parcialidade, os adjetivos modais em estudo apresentam um estatuto de mobilidade e flexibilidade que, talvez, não fossem esperados – note-se que Horn (1989) atribui valores específicos e fixos para os diversos modais. O que esta análise demonstra é que, pelo contrário, até os adjetivos que deveriam estar no topo da escala, ou seja, possuidores de uma força modal máxima que, nas palavras de Horn (1989), se traduz por um limite de valor 1, se podem combinar com advérbios que transmitem a ideia de completude. Enfatiza-se, no entanto, que, em muitos casos, o uso de advérbios como *totalmente* ou *completamente* parece estar enraizado numa tradição da língua, em que o seu significado não se refere, efetivamente, ao atingir de um ponto máximo, isto é, à mobilização dos adjetivos para o topo da escala. Com efeito, a realização do presente trabalho permitiu verificar que a combinação dos adjetivos modais com este tipo de advérbio conduz a uma interpretação diferente, já que, na realidade, atribui um sentido epistémico à frase em que ocorre, em que o significado de *completamente* é semelhante a um sentido de *sem dúvida alguma* ou, ainda, de *existe certeza absoluta*.

Por outro lado, quando combinados com advérbios de parcialidade, do tipo *praticamente* e *quase*, os adjetivos modais estudados apresentam, já, um comportamento semelhante ao que ocorria com os quantificadores, isto é, parece que, nestes casos, existe, de facto, uma movimentação na escala, para pontos mais baixos.¹²⁰ Com efeito, estes advérbios parecem ter a capacidade de retirar força, num sentido de atenuar a força modal dos adjetivos, pois movimentam-nos para um ponto mais baixo da escala, que apenas se aproxima da localização escalar de cada adjetivo. Ainda assim,

¹²⁰ Em alguns casos pontuais, o advérbio *praticamente*, em particular, pode ter uma leitura semelhante a *na prática*.

é importante salientar que a força relativa de *praticamente* e *quase* não é a mesma. Por outras palavras, *praticamente* parece ter maior força, no sentido em que aproxima mais o complexo [Advérbio + Adjetivo] do ponto escalar do adjetivo e, conseqüentemente, da sua força modal. Talvez por essa razão, *quase* seja mais compatível com todos os adjetivos em estudo, enquanto *praticamente* apresenta, em alguns casos, certas restrições, já que nem todos os adjetivos se podem combinar com este advérbio.

Conclusão (ou Considerações finais)

Este trabalho teve como objetivo procurar compreender aspetos da semântica de alguns adjetivos modais. Nesta medida, foi necessário proceder ao estudo de alguns aspetos de dois temas fundamentais e complexos – semântica dos adjetivos e semântica da modalidade.

Um primeiro desafio à realização desta tarefa foi a escassez de literatura sobre adjetivos modais em Português e também em outras línguas. De facto, além do trabalho sobre adjetivos terminados em *-vel*, de Moreira (2014, 2015), socorremo-nos, igualmente, do trabalho de Van Linden (2012), que constitui um estudo direccionado para os adjetivos modais deônticos do Inglês. Desta forma, tornou-se necessário abordar as duas temáticas essenciais do presente trabalho, adjetivos e modalidade, para a compreensão dos adjetivos adverbiais modais. Por esse motivo, analisaram-se, nos primeiros dois capítulos, algumas propostas de autores fundamentais sobre os dois tópicos, procurando considerar trabalhos sobre o Português. Para tornar clara a análise dos adjetivos modais levada a cabo no capítulo final, foi reservado espaço, em cada um desses capítulos, à explicação detalhada das principais propostas em que me baseei – a de Oliveira e Mendes (2013), para a questão da modalidade, e a de Demonte (1999), para a tipologia dos adjetivos, socorrendo-me, igualmente, dos trabalhos de Veloso (2013).

Tendo em conta a literatura consultada, avançou-se para a análise dos adjetivos que são objeto deste estudo. Inicialmente, teve lugar uma seleção mais alargada de adjetivos, numa tentativa de encontrar pelo menos um que representasse cada um dos cinco tipos de modalidade apresentadas por Oliveira e Mendes (2013), seleção essa que se estreitou, posteriormente, aos seis adjetivos analisados. De seguida, procedeu-se à seleção dos parâmetros para análise, com o intuito de escolher parâmetros gerais, que pudessem dar conta das características e comportamentos dos adjetivos, com o principal objetivo de os subdividir ou classificar em categorias, o que não foi possível.

Com efeito, a análise não permitiu atingir conclusões gerais, que tornassem possível a delimitação clara e inequívoca dos adjetivos em categorias, uma vez que estes não apresentaram sempre comportamentos homogéneos. Assim, apresento uma súmula das

conclusões parcelares a que cheguei, tendo em conta os parâmetros selecionados e as questões de investigação colocadas.

Relativamente à **posição**, pôde concluir-se, de forma geral, que

- A posição atributiva apresenta um comportamento mais restritivo do que a posição predicativa (com exceção dos adjetivos deônticos na combinação com os quantificadores *muito* e *pouco*);
- Quando em posição atributiva, os adjetivos podem combinar-se com o nome em posição pré-nominal ou pós-nominal:
 - todos os adjetivos estudados aceitam bem a posição pós-nominal;
 - a anteposição parece acarretar efeitos estilísticos.
- Em posição atributiva, os adjetivos dêonticos parecem formar um grupo à parte, uma vez que aceitam bem a ordem pós-nominal, mas a ordem pré-nominal é muito mais rara e restritiva.
- Todos os adjetivos estudados aceitam a construção em posição predicativa.

A **negação** apresentou-se como um parâmetro complexo, uma vez que existem diversas possibilidades para negar um adjetivo. De facto, podem utilizar-se duas estratégias:

- Prefixação, que os adjetivos deônticos rejeitam, mas que os restantes adjetivos aceitam bem, tanto em posição atributiva como predicativa.
- Construção perifrástica (*Não*+Adjetivo), que exigiu uma análise mais extensa, uma vez que pode ocorrer em:
 - Posição Atributiva (do tipo *o não provável x*), que apenas é rejeitada pelo adjetivo *possível*.
 - Posição Predicativa, que apresenta diversas possibilidades de combinação entre o verbo predicativo (neste trabalho, selecionei exemplos com o verbo *ser*) e o adjetivo (com ou sem prefixo de negação) (cf. tabela 2 dos Anexos);

Foi, ainda, realizada a análise para o caso específico em que se negam adjetivos já negativos, em posição atributiva e predicativa. Se a primeira posição é bastante restritiva, a segunda apresenta diversas possibilidades, que têm repercussões a nível interpretativo:

- A negação direta do verbo predicativo (*ser*) tem um significado de atenuação do valor modal do adjetivo, relativamente à forma afirmativa.
- A negação direta do adjetivo modal só é aceite por *impossível* e, mesmo, assim, com restrições de significado, que podem causar alguma estranheza aos falantes.
- A negação do que está dentro do escopo do adjetivo modal tem uma interpretação muito específica, que foi analisada caso a caso.

Por fim, os adjetivos em estudo foram analisados de acordo com parâmetros de **escalaridade**, colocando lado a lado as teorias de Horn (1989) e Kennedy e McNally (2005), numa tentativa de verificar se se organizam numa escala e de compreender se essa escala é aberta ou fechada e, por outro lado, se poderia ser modificada por quantificadores e por advérbios de totalidade e de parcialidade, utilizados para testar tipos de escalas. Relativamente à combinação dos adjetivos modais com os quantificadores, concluiu-se o seguinte:

- Em posição atributiva, o quantificador *muito* é menos restritivo que *pouco*, não havendo exemplos da combinação deste último com *possível*;
- Em posição predicativa, a combinação com estes quantificadores é aceite por todos os adjetivos estudados (à exceção dos deônticos);
- *Necessário* foi analisado à parte, uma vez que, segundo Horn (1989), seria um adjetivo de topo de escala; ainda assim, verificou-se que este adjetivo não apresenta problemas em combinar-se com *muito* nem com *completamente*, o que conduz à conclusão de que, pelo facto de se poder mover para valores mais elevados, este adjetivo, em Português, não está no topo da escala.
- Os adjetivos na forma negativa podem combinar-se:

- Em posição atributiva, apenas com o quantificador *muito*, à exceção de *impossível*. Estes resultados são expectáveis, já que a combinação de *pouco* com um adjetivo negativo deveria concorrer para um resultado redundante.
- Em posição predicativa, com o quantificador *muito*. Novamente, *impossível* rejeita esta combinação.
 - O facto de *impossível* rejeitar a combinação com *muito*, prende-se com o facto de, por ser o topo da escala negativa, não se pode mover para pontos mais elevados.
- Relativamente aos adjetivos modais deônticos, pode dizer-se que:
 - Em posição atributiva, estes não aceitam a combinação com estes quantificadores:
 - A combinação com *muito* (encontrada para *obrigatório* e *permitido*) só pode ser considerada de um ponto de vista de reforço da ideia e não de um ponto de vista escalar;
 - O adjetivo *permitido* é mais flexível que os restantes, pois aceita, em posição atributiva, a combinação com *muito* e *pouco*:
 - A combinação com *muito*, nos dados do *corpus*, tem, no entanto, uma leitura que não é escalar, mas antes parafraseável por *permitido por muitos* ou *permitido muitas vezes*.
 - A posição predicativa é mais rígida do que a atributiva, o que constitui uma exceção (não existe nenhum exemplo representativo desta combinação e as manipulações realizadas conduziram a construções agramaticais).

Relativamente à combinação com os advérbios, a análise foi dividida de acordo

com dois tipos de advérbios.

Em primeiro lugar, avaliou-se a compatibilidade dos adjetivos estudados com os advérbios **completamente** e **totalmente**. As conclusões são as seguintes:

- A posição atributiva é, novamente, mais restritiva. Nesta posição:
 - A combinação com *completamente* é aceite por *provável*, *desejável* e *proibido*; por outro lado, é rejeitada por *possível* e *necessário*, no âmbito da modalidade epistémica, e por *permitido*, no âmbito da modalidade deôntica.
 - A combinação com *totalmente* é aceite por *proibido*, *permitido* e *desejável*; *possível* e *provável* rejeitam esta combinação.
- Em posição predicativa, todos os adjetivos analisados aceitam bem a combinação com estes advérbios.
- Relativamente aos adjetivos na forma negativa, o padrão é semelhante:
 - A posição atributiva é mais restritiva: apenas *desnecessário*, *improvável* e *indesejável* aceitam a combinação com advérbios de completude nesta posição.
 - Em posição predicativa, todos os adjetivos estudados aceitam bem a combinação com estes advérbios.
- Analisaram-se separadamente os adjetivos que, segundo Horn (1989), se encontram no topo da escala, i.e., *necessário*, *obrigatório* e *impossível*. Relativamente a esta análise, verificou-se que:
 - Todos os adjetivos aceitam bem a combinação, tanto com *completamente* como com *totalmente*, em ambas as posições atributiva e predicativa, à exceção de *necessário*, que a rejeita, apenas, em posição atributiva.

A interpretação, em todos os casos acima mencionados, não pode ser perspectivada de um ponto de vista escalar. Chega-se, assim, a um ponto de destaque deste trabalho. De

facto, a interpretação está, antes, relacionada com uma leitura epistémica, em que se reforça a posição do falante, num sentido parafraseável a *não há dúvidas que*.

Posteriormente, para completar a primeira análise relativa a advérbios, avaliou-se a compatibilidade dos adjetivos estudados com os advérbios **praticamente** e **quase**. Neste caso, as conclusões são as seguintes:

- Em posição atributiva, todos os adjetivos estudados aceitam a combinação com o advérbio *quase*, embora alguns apareçam com pouca frequência (*necessário* e *provável*).
 - Contudo, nesta posição, todos os adjetivos na forma afirmativa rejeitam a combinação com *praticamente*.
- A posição predicativa, por seu lado, é bastante mais flexível. Todos os adjetivos estudados aceitam a combinação, tanto com *quase* como com *praticamente*.
 - As únicas exceções são os adjetivos representativos da modalidade desiderativa, que não se podem combinar com *praticamente* e, por outro lado, *permitido* também parece não aceitar bem a combinação com *quase*.
- Relativamente ao bloco dos deônticos, tanto em em posição atributiva como predicativa, existe maior compatibilidade dos adjetivos *obrigatório* e *proibido*, que aceitam bem a combinação com *quase* e *praticamente*.
 - Por outro lado, *permitido* rejeita a combinação com ambos os advérbios, em posição atributiva, aceitando-a com mais facilidade em posição predicativa.
- As formas negativas dos adjetivos podem combinar-se com *quase* e *praticamente*, tanto em posição atributiva, como predicativa.
 - A única exceção refere-se aos adjetivos *desejável* e *indesejável*, que não aceitam bem a combinação com *praticamente*.

- Contrariamente ao que acontecia com os advérbios de completude, a interpretação destes advérbios de parcialidade, quando associados a adjetivos modais, parece conduzir a uma interpretação essencialmente escalar, de aproximação ao ponto da escala onde se situa o adjetivo.
 - Ainda assim, em alguns casos, especialmente no que se refere ao advérbio *praticamente*, a interpretação pode estar relacionada com um reforço da ideia, num sentido que deixa abertas a leitura quantificacional (semelhantes à combinação com *muito*) ou, ainda, de reforço epistémico (semelhante à combinação com *completamente*).

Estamos, agora, em condições de responder às perguntas de investigação inicialmente formuladas. As conclusões acima permitem entender que os adjetivos não têm comportamentos iguais em todos os parâmetros, existindo, ainda, a dificuldade acrescida de os mesmos adjetivos se comportarem de formas distintas em cada parâmetro. Torna-se, portanto, difícil criar linhas gerais de caracterização dos mesmos, que permitam responder com exatidão à primeira pergunta de investigação. Ainda assim, a realização deste trabalho permitiu algumas ilações relativamente ao comportamento escalar dos adjetivos modais. Em primeiro lugar, verificou-se que, como acontece para muitos adjetivos em PE, os adjetivos modais estudados, com exceções que foram mencionadas ao longo do trabalho, permitem combinar-se com o nome em posição pré-nominal ou pós-nominal, por um lado, e, por outro, podem aparecer como atributos do nome que modificam ou em posição predicativa. Por outro lado, podem ser utilizados para transmitir a negação de diversas formas, mostrando-se assim uma classe de adjetivos muito flexível e que se adapta a diversas ordens construtivas. Por fim, comprovou-se que os adjetivos modais do tipo de *possível*, *necessário* e semelhantes são graduáveis, o que está de acordo com a literatura consultada, e se confirma pela possibilidade de combinação com quantificadores, que lhes permite mover-se na escala de valores modais. A combinação destes adjetivos com advérbios de totalidade e parcialidade, por sua vez, revelou a

capacidade que estes adjetivos têm de se adaptar a vários tipos de enunciados, para transmitir as várias forças modais, levantando, ainda, um tópico de discussão relevante que irá ser abordado mais à frente.

Para responder à segunda pergunta de investigação, foi necessário averiguar, em primeiro lugar, que posições os adjetivos poderiam ocupar, relativamente ao nome, em posição atributiva. Assim, verificou-se que, nesta posição, os adjetivos modais em estudo podem aparecer, tanto antepostos, como pospostos ao nome com o qual se combinam. É de assinalar, no entanto, que esta possibilidade de aparecer à direita ou à esquerda do nome pode vir acompanhada de uma alteração na interpretação do enunciado. De facto, verificou-se que, em certos casos a alteração da posição pode levar a uma alteração da modalidade expressa pelo enunciado.

Se é verdade que a maioria dos adjetivos estudados neste trabalho aceita bem estas duas posições relativamente ao nome, existe, todavia, um conjunto de adjetivos, nomeadamente os do domínio da modalidade deontica, que se mostram bastante mais restritivos neste aspeto, já que muito dificilmente aceitam a anteposição. De facto, apenas *obrigatório* apresentou a possibilidade de aparecer à esquerda do nome, mas, mesmo assim, apenas em contextos muito restritos e raros. Uma explicação possível pode estar relacionada com o nome ao qual o adjetivo se liga, uma vez que a anteposição, neste caso, só é possível se o nome tiver modificadores ou complementos (do tipo *controlo médico*, *rigor científico*). Assim, a posição pré-nominal distingue-se, neste caso, da posição pós-nominal, uma vez que parece estar em jogo a informação transmitida pela combinação [Adjetivo + Nome]. Com efeito, a primeira parece estar ligada a uma intenção, por parte do falante/autor do enunciado, de focar a obrigatoriedade, em si (o *obrigatório controlo médico*) enquanto a segunda parece focar mais o alvo da obrigatoriedade (o *controlo médico obrigatório*).

A terceira pergunta de investigação põe em destaque a relação da negação com os adjetivos modais em estudo. Os adjetivos modais em estudo relacionam-se com a negação através de dois mecanismos principais: a prefixação e a construção com *não*. O primeiro mecanismo consiste na construção das formas negativas dos adjetivos, por adição de um

prefixo de negação ao adjetivo (do tipo *indesejável* ou *desnecessário*). Estes adjetivos, na sua forma negativa, podem aparecer em posição predicativa e atributiva.

Contudo, esta estratégia não é aceite por todos os adjetivos deste estudo, já que os deônticos não têm uma forma negativa (*in/desobrigatório). Assim, é necessário que exista um mecanismo alternativo, que se configura, então, na construção com *não*. Esta estratégia consiste na construção da negação através da combinação dos adjetivos modais com o advérbio de negação (*não*). Este mecanismo permite um maior número de combinações, já que o operador de negação pode encontrar-se anteposto (*não desejável*) ou posposto ao adjetivo (*desejável não*), sendo esta construção, em posição atributiva, mais restritiva. Os exemplos seguintes demonstram que os adjetivos deônticos são, já, compatíveis com este tipo de construção.

(1) O Sindep pretende ainda que o sistema de avaliação dos alunos, o financiamento do ensino **não obrigatório** e das universidades sejam objecto de discussão pública. (*par=ext107204-clt-soc-91b-1*)

(2) Por tudo isto, ou se tudo isto for pouco ou for demais, apenas pela excelência de todos os participantes envolvidos, é **obrigatório não** faltar a estes «Encontros». (*par=ext1085286-clt-94b-1*)

Note-se, no entanto, que a posição posposta pode estar a atuar sobre a predicação e não a negar o adjetivo em si, como o exemplo seguinte demonstra, tendo-se sublinhado o que está a ser negado.

(3) Nesse discurso, o PR lançou recados aos partidos e ao Governo, sobretudo o de que em tempo de crise é **desejável não** iludir os portugueses com promessas falsas.¹²¹

De facto, são vários os casos em que a ordem escolhida para apresentar a negação incide, não sobre o adjetivo em si, mas antes sobre a predicação na qual o adjetivo está inserido. A posição predicativa, mais flexível, aceita mais combinações, muitas delas

¹²¹ Sá, P. (2009). Louçã vale mais do que Sócrates e Manuela. *Diário de Notícias*. Disponível em <https://www.dn.pt/portugal/interior/louca-vale-mais-do-que-socrates-e-manuela-1220612.html> [Consult. 23.09.2018]

representativas deste fenómeno, à exceção da construção através do adjetivo negativo (*é improvável*). Assim, a negação dessa construção (*não é improvável*) e, para as formas afirmativas, a negação direta do verbo predicativo que precede o adjetivo (*não é provável*), a negação do que é transmitido pelo adjetivo (*é provável não*) e, ainda, um último formato de negação, em que o operador negativo precede o adjetivo (*é não provável*)¹²², são construções em que o que se nega não é o adjetivo em si, mas sim a predicação. Note-se o exemplo seguinte, em que o que se está a negar se encontra sublinhado.

(4) Se só o conhece de The New Yorker pensará que **é provável não** estar a perder nada – mas está.¹²³

Por fim, existe também uma relação entre a negação e os adjetivos que já se encontram na sua forma negativa. Estes adjetivos, dos quais se excluem os deônticos, por não terem forma negativa, aceitam ser negados pelo operador de negação *não* em posição atributiva (*não indesejável*) e predicativa (*não é indesejável*). A posição atributiva, contudo, é rara e só parece ser utilizada em casos específicos em que se pretende atribuir um sentido afirmativo à construção. Este sentido é mais fraco do que a forma afirmativa correspondente e pode ser utilizado com o intuito de revelar uma hesitação (cf. Horn, 1989). A posição predicativa, pelo contrário, é mais aceitável, podendo ser utilizada de diversas formas. A negação do verbo predicativo, seguido de um adjetivo negativo (*não é impossível*) é a mais comum e transmite uma ideia afirmativa com um sentido atenuado e mais fraco. São de mencionar duas outras possibilidades que, no entanto, são mais restritivas, especificamente, a negação apenas do adjetivo negativo, apenas aceite por *impossível* (*é não impossível*) e a negação apenas do que está no escopo do adjetivo, aceite apenas por *impossível* e *improvável* (*é impossível não*).

Para responder à pergunta de investigação seguinte, procurou-se estudar a escala de Horn (1989), adaptando-a, posteriormente, ao Português. Este linguista organiza os

¹²² Faça notar que este último formato não é aceite pelos adjetivos que transmitem a modalidade deôntica.

¹²³ Cardoso, M.E. (2015). Ler paralelamente. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2015/04/29/culturaipilon/opiniao/ler-paralelamente-1693856> [Consult. 23.092018]

modais em duas escalas, uma afirmativa e uma negativa, para o Inglês. De facto, a existência de exemplos que põem em contraste as forças modais dos diversos adjetivos em estudo (cf. exemplos (48), (49) e (50) do capítulo 3) comprovam a existência de uma escala que organiza os valores modais dos adjetivos de acordo com a sua força. Inicialmente, fui levada a crer que estes adjetivos deveriam encontrar-se organizados numa escala aberta, porque se combinam, sem dificuldades, com quantificadores e advérbios que os fazem mover-se para pontos mais elevados da escala, mesmo os que deveriam encontrar-se no topo da escala (como *necessário*). No entanto, verificou-se que certos adjetivos, como *obrigatório* e *proibido* estão, de facto, no topo da escala, porque rejeitam a movimentação para pontos mais elevados, ao rejeitarem a combinação com o quantificador *muito*, e, assim, a escala é indubitavelmente fechada. Assim, ao ser compatível com os quantificadores estudados, em particular *muito*, *necessário* apresenta um comportamento diferente dos adjetivos atrás mencionados e, por essa razão, considera-se que este adjetivo não se encontra no topo da escala, mostrando, em PE, um comportamento diferente do que Horn (1989) propõe para o Inglês (cf. Horn, 1989).

Dessa forma, neste trabalho, os adjetivos estudados são organizados numa escala positiva e noutra negativa, que terão a seguinte configuração:

possível, permitido > provável, desejável, necessário > obrigatório

desnecessário, improvável > indesejável > impossível, proibido

Salienta-se, por fim, a última pergunta de investigação, acerca do efeito da combinação dos quantificadores e advérbios de totalidade ou parcialidade na combinação com os adjetivos. Para investigar o carácter escalar dos adjetivos estudados, foi analisada, numa primeira fase, a sua compatibilidade com os quantificadores *muito* e *pouco*, tanto em posição atributiva como predicativa. Essa análise permitiu compreender se estes quantificadores teriam a capacidade de fazer mover os adjetivos para outros pontos da escala. De facto, de modo geral, é possível afirmar que, embora os adjetivos considerados não apresentem um comportamento padronizado, a combinação com

muito faz com que estes se movam para pontos mais elevados da escala e tenham, dessa forma, maior força modal (i.e., desejável < muito desejável), enquanto a combinação com *pouco* atua no sentido oposto, ao fazer mover os adjetivos para pontos mais baixos na escala (i.e., desejável > pouco desejável).

Para avaliar de que forma os adjetivos se encontram organizados na escala negativa, procedeu-se ao mesmo tipo de análise e verificou-se que, embora todos os adjetivos aceitem a combinação com *muito*, o que significa que aceitam mover-se para pontos mais elevados da escala (i.e., muito desnecessário > desnecessário), nenhuma das formas negativas aceita a combinação com *pouco* (do tipo *pouco improvável*), pelo que estas formas não aceitam ficar com menor força modal, pela movimentação para pontos mais baixos da escala negativa. O mesmo tipo de tendência é verificado para as posições atributiva e predicativa.

Relativamente aos adjetivos que se encontram no topo de cada uma das escalas, positiva (*obrigatório*) e negativa (*impossível* e *proibido*), o comportamento é distinto. De facto, pertencendo *obrigatório* e *proibido* ao domínio da modalidade deôntica, dificilmente aceitam estas combinações. Com efeito, se para *proibido* não foram encontradas ocorrências (embora tenham sido feitas manipulações que nos permitem analisar o comportamento do adjetivo), *obrigatório* apresentou algumas possibilidades de combinação com estes quantificadores, o que nos fez considerar que a interpretação possível não é a de quantificação (i.e., não se quantifica em que medida uma permissão/proibição/obrigação se aplica), com conseqüente movimentação na escala, mas antes a de que algo é proibido/obrigatório por muitos ou em muitas ocasiões, ou seja, muito frequentemente. Ainda no domínio da modalidade deôntica, seria expectável que *permitido* se combinasse bem tanto com *muito* como com *pouco*, já que se encontra a meio da escala e, dessa forma, deveria poder movimentar-se tanto para valores modais mais elevados, como mais baixos. Todavia, embora ele se possa combinar, de facto, com estes quantificadores, a interpretação é semelhante à que se faz para os restantes deônticos, isto é, de que algo é permitido por muita gente ou em muitas ocasiões (note-se que não se pode permitir algo em maior ou menor medida, i.e., construções do género *isso é permitido, mas pouco*).

O adjetivo *necessário*, segundo Horn (1989), deveria encontrar-se no topo da escala positiva, à semelhança de *obrigatório*. Contudo, verificou-se, neste trabalho, que este adjetivo pode mover-se na escala, ao combinar-se com ambos os quantificadores, o que inviabiliza a hipótese de *necessário* marcar o topo da escala. Considera-se, então, que esse adjetivo deve estar localizado num ponto intermédio da escala, com um valor modal semelhante ao de *desejável*. Um argumento a favor desta consideração é o comportamento oposto do adjetivo *impossível*, adjetivo epistémico que se encontra no topo da escala negativa. Com efeito, o facto de *impossível* revelar maior dificuldade de aceitação com estes quantificadores reforça a hipótese de que se encontra no topo da escala. Embora existam alguns exemplos da combinação com *muito*, estes são irrelevantes, por serem muito difíceis de processar pelos falantes do PE. Assim, considera-se que este adjetivo rejeita a movimentação para pontos mais elevados da escala, o que comprova que marca, ele próprio, o topo da escala.

Por fim, foi necessário analisar de que forma os adjetivos modais se relacionam com advérbios de totalidade e de parcialidade, para compreender se esta combinação tem efeitos no seu significado, bem como impacto na sua localização escalar. Analisou-se, então, a compatibilidade dos adjetivos modais com os advérbios *completamente/totalmente*, que, segundo Kennedy e McNally (2008), são testes para verificar qual o tipo de escala projetado pelos adjetivos. Contudo, os resultados foram diferentes do esperado, já que a maioria dos adjetivos se mostrou compatível com estes advérbios (com algumas diferenças nas posições atributiva e predicativa, que foram mencionadas ao longo do trabalho). Este comportamento, bastante distinto do quantificador *muito*, uma vez que não faz com que os adjetivos se movam na escala, leva a pensar que estes advérbios atuam de uma maneira distinta, na combinação com os adjetivos. De facto, o trabalho realizado permitiu chegar a uma conclusão inesperada. É que, ao contrário do que inicialmente se pensou, os advérbios não têm um comportamento inequívoco, isto é, dependendo dos nomes com os quais se combinam, podem vir a ter diversas interpretações. No caso particular dos adjetivos adverbiais modais em estudo, os advérbios de totalidade atuam no sentido de atribuir um carácter epistémico ao enunciado, num sentido parafraseável por ‘não há dúvidas que/ há total

certeza que’, não sendo adequados para analisar qual o tipo de escala projetada pelos adjetivos.

Uma vez que os advérbios de totalidade revelaram um resultado à partida inesperado, achei necessário complementar este estudo com uma avaliação semelhante do comportamento dos adjetivos quando combinados com advérbios de parcialidade, para ver se estes provocavam, ou não, uma movimentação na escala ou se, pelo contrário, marcavam outro tipo de modificação. Verificou-se que, ao contrário do que acontecia com os advérbios de totalidade, os advérbios de parcialidade *praticamente/quase* marcam, efetivamente, uma movimentação escalar, que faz baixar a força modal do adjetivo em causa, já que, por exemplo, dizer que algo é ‘quase/praticamente possível’ tem um significado semelhante a dizer que ‘algo não chega a ser possível’, mas aproxima-se do ponto escalar onde se encontra localizado esse adjetivo. Esta análise permitiu, ainda, chegar a uma diferença de força entre os dois advérbios – com efeito, *praticamente* surge como mais forte, em comparação com *quase*. Desta forma, *quase* provoca uma movimentação maior do que *praticamente*, já que afasta mais o complexo [Advérbio + Adjetivo] do ponto escalar onde se encontra o adjetivo. Por outro lado, em determinados exemplos, pôde observar-se que *praticamente* provoca uma leitura parafraseável por ‘na prática’ e, dessa forma, não tem, já, interpretação escalar, o que demonstra, também, a flexibilidade dos advérbios em estudo.

Salientam-se, então, algumas conclusões importantes. Em primeiro lugar, e ao contrário do que afirma Horn (1989), *necessário* parece não se encontrar no topo da escala, já que aceita bem a combinação com *muito* (cuja função escalar é mover os adjetivos para pontos mais elevados da escala) – combinação essa que é rejeitada, tanto por *obrigatório* (topo da escala afirmativa), como por *impossível* (topo da escala negativa).

Por outro lado, a combinação com os advérbios de completude levantou um tópico de discussão inesperado, já que, ao contrário do que seria expectável, todos os adjetivos aceitam bem esta combinação. Assim, apresenta-se, nesta dissertação, uma proposta de análise que separa estes advérbios de completude, tendo em conta os quatro tipos de

leitura que podem induzir:

1. Interpretação de que se atingiu o limite máximo da escala (como o par *cheio/vazio*);
2. Leitura mereológica, de que todas as partes da entidade representada pelo nome foram afetadas (como o par *seco/molhado*).
3. Interpretação de intensificação do sentido do adjetivo (adjetivos como *estúpido, idiota, ignorante*, entre outros).
4. Leitura epistémica de reforço da ideia transmitida pela predicação, parafraseável por *não há dúvidas que* – caso dos adjetivos modais estudados neste trabalho.

Por fim, salienta-se, ainda, a maior força relativa de *praticamente* em comparação com *quase*, nos enunciados que fazem mover os adjetivos para pontos escalares mais baixos.

Como sempre, muito fica ainda por analisar, mas este trabalho pode marcar o início de uma investigação mais alargada e aprofundada, abrangendo um maior número de adjetivos modais. Por outro lado, uma vez que os adjetivos modais deônticos mostraram formar um grupo especial através de um comportamento particular em vários parâmetros, poderia ser útil aprofundar esta temática, para o Português. Um fator que poderia trazer novas pistas acerca destes adjetivos, em particular, poderia ser o tipo de nomes com os quais se podem combinar – já que, como vimos, os nomes complexos permitem uma alteração da posição que os nomes simples rejeitam. Com efeito, a presente investigação revelou que, em particular no caso dos adjetivos deônticos, a anteposição só é viável quando estes se combinam com um nome que já tenha modificadores ou complementos. Existe, igualmente, uma tendência para a impossibilidade de anteposição quando os nomes são nominalizações. Contudo, para generalizar estas conclusões, é necessário que exista um estudo mais aprofundado acerca desta questão, que não foi realizado no presente trabalho, por não estar dentro dos objetivos principais.

Por outro lado, também a articulação destes adjetivos com quantificadores e

advérbios poderia ser alvo de uma pesquisa mais alargada, para tentar encontrar explicações para alguns comportamentos observados no presente estudo – de facto, note-se que a maioria dos adjetivos considerados não aceita ou apresenta restrições relativamente ao quantificador *pouco*.

Por fim, tendo em conta uma temática distinta, mas que acabou por se mostrar relevante ao longo deste trabalho, parece pertinente uma pesquisa focada nos advérbios de completude e de parcialidade, especialmente quando combinados com diversos tipos de adjetivos graduáveis, de forma a verificar se existem diferenças na interpretação.

Referências bibliográficas

- Bache, C. (1978). *The Order of premodifying Adjectives in Present-day English*. Odense: Odense University Press.
- Brito, A. M. (2003). Categorias Sintáticas. In Mateus et al. (eds.) *Gramática da Língua Portuguesa* (p. 323-433). Lisboa: Editorial Caminho.
- Bybee, J. L. & Fleischmann, S. (1995). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Campos, M. H. C. & Xavier, M. F. (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. (2^a ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- De Haan, F. (2006). Typological Approaches to Modality. In Frawley, W. (ed.), *The Expression of Modality* (27-70). Berlin: Mouton de Gruyter.
- Duarte, I. (2013). Construções ativas, passivas, incoativas e médias. In Paiva Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português* (Vol. 1, Cap. 13, p. 429-456). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9789723114560.
- Ferreira, I. A. (2013). *Para o estudo semântico dos adjetivos adverbiais temporais e aspetuais do Português Europeu*. (Tese de doutoramento em Linguística). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Hay, J. & Kennedy, C. & Levin, B. (1999) Scalar Structure Underlies Telicity in “Degree Achievements”. In Mathews, T. and D. Strolovitch (eds.) *SALT IX*, CLC Publications, Ithaca, 127–144.
- Horn (1989). *A natural history of negation*. Chicago: Chicago University Press.
- Houaiss, A. (2011). *Dicionário do Português Atual*. Brasil: Instituto António Houaiss. Lisboa: Círculo de Leitores e Sociedade Houaiss – Edições Culturais Lda.
- Huddleston, R. (1984). *Introduction to the Grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jespersen, O. (1917). *Negation in English and Other Languages*. Copenhagen: A.F. Host.

Kennedy, C. & McNally, L. (2005). Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. In *Language – A Journal of the Linguistic Society of America*. Vol. 81(2). 345-381.

Kennedy, C. & Levin, B. (2008). Measure of Change: The Adjectival Core of Degree Achievements. In L. McNally & C. Kennedy (eds.) *Adjectives and Adverbs: Syntax, Semantics and Discourse*. Oxford: Oxford University Press, pp.156-182.

Kiparsky, P. (1983). Word-formation and the lexicon. In F. Ingeman (ed), *Proceedings of the 1982 Mid-America Linguistic Conference*.

Kratzer, A. (1981) The notional category of modality. In: Eikmeyer, H.-J. & Rieser, H. (eds.) *Words, Worlds, and Context*, Berlin: Mouton de Gruyter, p. 38-74.

Kratzer, A. (1995): Individual-Level and Stage-Level Predicates. In. Carlson, G. N. & F. J. Pelletier (eds) *The Generic Book*. Chicago University Press, 125 - 175.

Kratzer, A. (2012). The Notional Category of Modality. In Kratzer, A. (ed.) *Modals and Conditionals*. Oxford University Press, 27-69.

Leal, Ferreira e Cunha (2011). Algumas reflexões sobre escalaridade e degree achievements em Português Europeu. In *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa da Linguística* p. 316-324. Lisboa: APL, 2011.

Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Matos, G. (2003). Aspectos sintáticos da negação. In Mateus, M. H. M. et al. (eds.) *Gramática da Língua Portuguesa*. (Cap. 19, 768-790). Lisboa: Editorial Caminho – Coleção Universitária/ Série Linguística. ISBN 9789722104456.

Móia, T. (s.d.) *Sobre Classes Semânticas de Adjectivos*. Cadernos de Semântica. Nº7. [Consult. em 15.10.2017, em http://www.clul.ulisboa.pt/files/telmo_moia/tmoia_adjectivos1992.pdf]

Moreira, B. E. C. (2014). Two types of dispositional adjectives. *ReVEL*. Nº8, p.186-196. ISSN 1678-8931.

Moreira, B. E. C. (2015). *Aspectos sintáticos e semânticos dos adjectivos modais*. (Tese de doutoramento em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Brasília.

Narrog, H. (2005a). Modality, mood, and change of modal meanings. A new perspective. *Cognitive Linguistics* 16 (4), p. 677-731.

Narrog, H. (2005b). On defining modality again. *Language Sciences* 27, p. 165-192.

Narrog, H. (2012). *Modality Subjectivity and Semantic Change – A cross-linguistic perspective*. Oxford: Oxford University Press.

Neves, M. H. M. (2000). A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidades. *Alfa: Revista de Linguística*. Nº 44, p.115-145. ISSN 0002-5216.

Nordström, J. (2010). *Modality and Subordinators*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Nuyts, J., Byloo, P. & Diepeveen, J. (2005). On deontic modality, directivity, and mood: A case study of dutch *mogen* and *moeten*. *Journal of Pragmatics* 42 (1), p. 16-34.

Nuyts, J. (2006). Modality: Overview and linguistic issues. In Frawley, W. (ed.), *The Expression of Modality* (1-26). Berlin: Mouton de Gruyter.

Oliveira, F. (1988). *Para uma semântica e pragmática de DEVER e PODER*. (Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Oliveira, F. (2000). Some issues about the Portuguese Modals. *Belgian International Journal of Linguistics* nº 14, 145-162.

Oliveira, F. & Mendes, A. (2013). Modalidade. In Paiva Raposo et al. (eds), *Gramática do Português* (Vol.1, Cap. 18, p. 623-669). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9789723114560.

Palmer, F. R. (1979). *Modality and the English Modals*. London: Longman.

Palmer, F.R. (1986) Mood and modality. (Cambridge textbooks in linguistics). 1st ed. Cambridge: Cambridge University Press.

Palmer, F. R. (2001) Mood and modality. (Cambridge textbooks in linguistics). 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press.

Peres, J. A. (2013). Negação. In Paiva Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português* (Vol. 1, Cap. 14, p. 461-498). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9789723114560.

Quadros Gomes, A. P. (2011). A semântica de grau em PB. *Anais do SILEL*. Vol. 2 (2). Uberlândia: EDUFU.

Rio Torto, G. (2006). Para uma gramática do Adjectivo. *Alfa: Revista de Linguística*. Vol. 50 (2).103-129.

- Schmidt, R. (1972). *L'adjective de relation en français, italien, anglais et allemand*. Göppingen: Alfred Kümmerle. [Citado em Demonte, 1999]
- Silva-Corvalán, C. (1995). Contextual Conditions for the Interpretation of *poder* and *deber* in Spanish. In J. Bybee & S. Fleischman (eds). *Modality in Grammar and Discourse*. p.67-106. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Stephany, U. (1995). Function and Form of Modality in First and Second Language Acquisition. In A. Giacalone Ramat & G. Grocco Galéas (eds.) *From Pragmatic to Syntax*. p. 105-120. Tübingen: Gunter Narr.
- Van der Auwera, J. & Plungian, V. A. (1998). Modality's semantic map. *Linguistic Typology*. Vol.2 (1). 79-124. Berlim: Walter de Gruyter.
- Van Linden (2012). *Modal Adjectives. English deontic and evaluative constructions in synchrony and diachrony*. Berlim: De Gruyter Mouton. ISBN 978-3-11-025293-4.
- Veloso, R. (2013). Adjetivo e Sintagma Adjetival. In Paiva Raposo et al. (eds.) *Gramática do Português* (Vol. 2, Cap. 31, p. 1359-1493). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN 9789723114560.
- Von Wright (1951). *An Essay in Modal Logic*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company.

Anexos

Tabela 1: Negação em posição atributiva.

	[Não+ADJ]
Possível	Não
Impossível	Não
Provável	Sim
Improvável	Sim
Necessário	Sim
Desnecessário	Sim
Obrigatório	Sim
Proibido	Sim
Permitido	Sim
Desejável	Sim
Indesejável	Sim

Tabela 2: Negação em posição predicativa.

	[Não + Verbo Predicativo + ADJ] <i>(Não ser x)</i>	[Verbo Predicativo + ADJ na negativa] <i>(Ser im/des-x)</i>	[Não+ Verbo Predicativo+ ADJ na negativa] <i>(Não ser im/des-x)</i>	[Verbo Predicativo + ADJ+Não] <i>(Ser x não)</i>	[Verbo Predicativo + Não + ADJ] <i>(Ser não x)</i>
Possível	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Impossível	-	Sim	Sim	-	Não
Provável	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Improvável	-	Sim	Sim	-	Não
Necessário	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Desnecessário	-	Sim	Sim	-	Não
Obrigatório	Sim	-	-	Sim	Sim
Proibido	Sim	-	-	Sim	Não
Permitido	Sim	-	-	Sim	Sim
Desejável	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Indesejável	-	Sim	Sim	-	Não

Tabela 3: Combinação com quantificadores, em posição atributiva.

	Muito	Pouco
Possível	Sim	<i>Apenas 1 caso</i>
Impossível	Não	<i>Não</i>
Necessário	Sim	Sim
Desnecessário	Sim	Não
Obrigatório	<i>Sim (com restrições)</i>	Não
Proibido	Não	Não
Permitido	<i>Sim (com restrições)</i>	<i>Não</i>
Provável	Sim	Sim
Improvável	Sim	Não
Desejável	Sim	Sim
Indesejável	Sim	Não

Tabela 4: Combinação com quantificadores, em posição predicativa

	Muito	Pouco
Possível	Sim	Sim
Impossível	Sim	Não
Necessário	Sim	Sim
Desnecessário	Sim	Não
Obrigatório	Não	Não
Proibido	Não	Não
Permitido	Não	Não
Provável	Sim	Sim
Improvável	Sim	Não
Desejável	Sim	Sim
Indesejável	Sim	Não

Tabela 5: Combinação com o advérbio “Completamente”

	P. Atributiva	P. Predicativa
Possível	Não	Sim
Impossível	Sim	Sim
Necessário	Não	Sim
Desnecessário	Sim	Sim
Provável	Sim	Sim
Improvável	Sim	Sim
Obrigatório	Sim	Sim
Proibido	Sim	Sim
Permitido	Não	Sim
Desejável	Sim	Sim
Indesejável	Sim	Sim

Tabela 6: Combinação com o advérbio “Totalmente”

	P. Atributiva	P. Predicativa
Possível	Não	Sim
Impossível	Sim	Sim
Necessário	Sim	Sim
Desnecessário	Sim	Sim
Provável	Não	Sim
Improvável	Sim	Sim
Obrigatório	Sim	Sim
<i>Proibido</i>	<i>Sim (com restrições)</i>	Sim
<i>Permitido</i>	<i>Não</i>	Sim
<i>Desejável</i>	<i>Não</i>	Sim
Indesejável	Sim	Sim

Tabela 7: Combinação com o advérbio “Praticamente”

	P. Atributiva	P. Predicativa
Possível	Não	Sim
Impossível	Sim	Sim
Necessário	Não	Sim
Desnecessário	Sim	Sim
Provável	Não	Sim
Improvável	Sim	Sim
Obrigatório	Sim	Sim
Proibido	Sim	Sim
Permitido	Não	Sim
Desejável	Não	Não
Indesejável	Não	Não

Tabela 8: Combinação com o advérbio “Quase”

	P. Atributiva	P. Predicativa
Possível	Sim	Sim
Impossível	Sim	Sim
Necessário	Sim	Sim
Desnecessário	Sim	Sim
Provável	Sim	Sim
Improvável	Sim	Sim
Obrigatório	Sim	Sim
Proibido	Sim	Sim
Permitido	Não	Sim
Desejável	Sim	Sim
Indesejável	Não	Sim